



ROZENDO MONIZ

MONIZ BARRETTO
O REPENTISTA

ESTUDO



B. L. GARNIER, EDICTOR
RIO DE JANEIRO

4121

1886

1926 !

A

HEROICA E GENEROSA BAHIA

BERÇO E TUMULO DO BIOGRAPHADO

O. D. C.

○ AUCTOR.

A maior honra que se podia fazer a um cidadão romano benemerito da patria, diz Plinio, era levantar-lhe a estatua junto dos rostros, no lugar mais visivel da cidade — *oculatissimo loco*—. Nos nossos dias, em que o *Forum* da antiga Roma é representado pela tribuna universal da imprensa, este é o *locus oculatissimus*, nem vejo preito mais soberano á memoria de um homem illustre do que dedicar-lhe um bom livro.

Passam os monumentos de granito e marmore, aluem-se as estatuas de bronze; sócos, capiteis, obeliscos, columnas votivas leva-os o tempo ou a paixão devastadora dos povos. Só não desaparece o livro, onde a posteridade encontrará sempre viva a physionomia moral dos homens, a quem deve amor e respeito.

Por outra parte a biographia de cidadãos distinctos é licção e escriptorio de joias, que legamos ao futuro. Um rasgo de patriotismo, a pobreza nobilitada pela honra e pelo trabalho, a resigna-

VIII

ção heroica aos duros soffrimentos da vida são outros tantos modelos propostos á imitação e ao melhoramento das sociedades que hão de vir. Um canto inspirado pela mais nobre flamma, as seintillações brilhantes de imaginação fogosa e genial, um pensamento siquer do sabio, do artista ou do poeta é legado altissimo a este thesouro intellectual da humanidade, onde virão os posteros beber como em fontes abundosas de luz e de conforto.

A biographia de Francisco Moniz Barretto representa, pois, adequada homenagem ao seu assombroso estro; o trabalho escripto por seu digno filho é de mais o pagamento de uma divida sagrada, que tinhamos para com a memoria do inspirado vate bahiano,— e, si é verdade que o biographo póde a alguns parecer suspeito, não menos verdade é que lhe competia esta justa reparação, e que as paginas emmolduradas pela ternura filial não desdizem do elevado talento, com que o auctor dos *Vôos Icarios* e do *Elogio Historico do Visconde do Rio Branco* já conquistou entre nós os louros de primoroso estylista e observador de fina tempera.

Tacito, o principe dos historiadores latinos, escreveu com penna amorosa a vida de seu sogro Julio Agricola, e já houve critico illustre que a intitulasse — *a obra-prima* do annalista; tanto é

certo que os vinculos do coração não constituem invencivel embaraço á verdade e á justiça.

Fazem-se bem as obras que se-fazem com amor. E porque seria negado a um filho levantar das ondas adormecidas do esquecimento o vulto venerando e caro de um pae illustre, quando nos tempos que correm olvida a mocidade tão depressa os meritos do passado, impellida pela paixão cega de anniquilar os numes de hontem, e na ebriedade fatal de uma renovação intolérante e pretenciosa ?

Não será antes para estimar que das mãos do proprio filho nos-venham as feições do emerito improvisador, — do filho tambem poeta, que delinêa com carinho, relembrando os pormenores mais fugitivos, accentuando os traços mais caracteristicos do genio e do coração, que elle conhecia melhor do que ninguem, porque a intimidade do lar lhe-desvendára todos os segredos ?

Dir-se-ha que a piedade filial por vezes amortece a critica; mas o poeta vive nas suas obras, e ellas ahí estão como documentos genuinos de um excepcional engenho, que ainda não teve rival na sociedade brazileira. Si alguma vez o elogio póde afigurar-se epinício; si aqui ou acolá o amor encarece por ventura os meritos de uma composição, que importa isso ao valor da synthese, e que minimo inconveniente comparado

com as frias apreciações de um critico indifferente, que não vê as maravilhas porque não n'as-procura, e que, á maneira de um viajante apathico, desce as aguas do Pactolo, sem parar a cada canto para colher o ouro das rutilas areias?

Quanto a mim, admiro os esplendores de Fornarina immortalizados pelo pincel do amoroso Raphael, as graças de Helena Fourmont e de seus filhos nas telas apaixonadas de Rubens, a velha mãe de Rembrandt no vigoroso claro-escuro do incomparavel aqua-fortista.

O amor com que Rozendo Moniz tractou o seu assumpto, não só realçando com esmero os dotes de coração e de espirito do grande repentista, sinão ainda pinctando com alevantado enthusiasmo o scenario em que elle figurou, e onde obteve os mais bellos triumphos de improvisador, dá portanto a meu vêr dobrado encanto a estas paginas, escriptas com lagrymas ou com effusão d'alma, buriladas por vezes com o estylete profundo de pensador, illuminadas sempre por um talento invejavel e reconhecido.

Os resaios pessimistas que alguém lhes possa notar, não os tenho em conta de defeito. Ha um certo amargor na apreciação summaria do meio social em que vivemos, e, sempre que a penna do escriptor resvala pelos terminos da politica,

dir-se-hia que quasi não encontra sinão um triste conjunto de vicios, abjeções e incurias.

Terá toda a razão? Não o-cremos, por mais que nos-enojem as vilezas do egoismo, as petulancias do poder, as mesquinhas luctas partidarias que supplantam o interesse geral da patria, e tantas outras graves máculas que afeiam a imagem da nossa Politica.

Mas o escriptor olha por um prisma particular, e tudo compara com o ideal purissimo e nobre que sua imaginação de patriota sincero creou; não lhe levemos a mal que carregue as sombras do quadro, e que fustigue com severidade os mercadores do Templo.

Como era de esperar, a Bahia mereceu do biographo alguns capitulos, nos quaes se-accentua çalorosamente o seu justo affecto pelo berço. Confesso que a moldura era imprescindivel, e que a pericia do artista soube tirar do estudo d'aquelle meio os factores poderosos da individualidade do poeta, o qual, mais do que nenhum outro, é sempre feitura da sociedade em que vive, dos quadros que lhe accendem a inspiração, dos circulos em que se irradia e expande o seu genio.

Mal fôra comprehendido o sublime Pindaro, o arrôjo de sua linguagem, o fogo de sua poesia altiloqua e imaginosa, si não ponderassemos o entusiasmo do povo grego pelas festas ruidosas

de Olympia, a exaltação dos espiritos do seu tempo pela grande e immortal victoria, que ainda ecoava sobre os campos de Marathona — eterno padrão de gloria de Milciades.

As paginas mimosas e adoraveis dos idyllios de Theocrito são o espelho da brandura de costumes de sua epocha. Veio a comedia «indulgente e doce» de Menandro, quando já não havia vestigios da antiga rudeza heroica dos bravos de Thermopylas.

Ovidio «poeta mais asiatico que romano», é filho da degeneração moral do seculo de Julia; Marcial e Petronio reproduzem a licença romana e a corrupção gigantesca, que aluía aos poucos o colosso de Catão e Paulo Emilio.

O divino Dante é o christianismo da idade média, e as melodiosas canções de Petrarca reflectem a inspiração cavalleirosa e platónica dos trovadores.

Emfim, para não alongar exemplos, — Camões é a consubstanciação e o producto das glorias, aventuras e esplendores do seculo manuelino, que acabava de sumir-se no pégo do passado com Vasco da Gama o immortal *Argonauta*, Francisco de Almeida o administrador lucido, Affonso de Albuquerque o imperterritito *leão do mar*, e João de Castro um heróe de Plutarcho; — Bocage espelha

o enfraquecimento da moral, a desenvoltura e os gostos leves de seu tempo.

Assim Moniz Barretto foi a figura propria do seu meio social.

A Bahia de ha 30 ou 40 annos passados, — mixto das tradições patrioticas do Pirajá e da vida patriarchal dos nossos maiores; a Bahia — berço de aguias e de cantores, com a sua natureza esplendida e as suas festas ruidosas, com as romarias alegres do Bomfim, os passeios deliciosos á doce claridade de um luar de prata, o entusiasmo innato em seus filhos, a gentil garrulice de suas damas, o encanto de seus sarás desprezenciosos; — a Bahia d'aquelles tempos era o scenario apropriado á expansão de uma natureza de poeta sensivel aos éstos da flamma patriotica e aos doces gozos das festas de familia. Moniz Barretto foi sobretudo uma e outra cousa: a mulher e a patria constituiram o thema quasi constante, ainda que sempre novo, de seus vèrsos mais estimados.

Dava-se, porém, em Moniz um curiosissimo phenomeno psychologico, que não passou despercebido ao biographo.

Estas mesmas fontes de inspiração parece que o deixavam, não dirci frio, mas doce e calmo na meia luz do gabinete. Outro era o homem ao calor do improviso, em lucta com as difficul-

XIV

dades da occasião, deante dos auditorios presos aos seus labios, no bulieio dos salões e dos theatros, á luz do dia perante as massas irrequietas de povo.

O que aos homens vulgares atemoriza e retrahê, para o famoso repentista era a mais poderosa excitação de seu genio singular.

Diz-se de alguns grandes capitães que, incapazes de conceber vasto plano de operações e de conduzir um poderoso exereito á victoria pela sabia combinação de movimentos estrategicos, são todavia leões indomitos no campo da batalha, e prodigios de agudeza e percepção clara, quando no mais duro da refrega os-inflamma o clangor das trombetas e o fumo dos canhões.

Moniz se me-afigura um heróe d'esta natureza. Seus mais arrebatadores triumphos obteve-os no improviso, quando o estro superexcitado pela grandeza da lucta rompia em scentelhas divinas. Dir-se-hia que n'aquelles momentos supremos as forças vivas do espirito se-recolhiam todas ao mais intimo do intellecto, e faziam do homem um semi-deus.

Como a materia que pelo attrito se-electriza, como o metal que se-aquece ao bater do martello, o espirito do poeta carecia da grande luz, das pompas da natureza, das apparatusas seenas da vida publica ou particular, das dôres pungentes

e dos grandes embarços. Era então que surgiam os profundos conceitos, que desferia os accents mais inflammados de patriotismo, que encontrava as imagens mais altivas para fallar ao coração das turbas, que achava a nota mais doce e graciosa para render preito á belleza.

O oceano é assim; si encontra a praia arenosa e lisa, despeja suas aguas com o desdem de soberano. Levantae-lhe, porém, um dique ás vagas atormentadas pelo furacão do Sul; o gigante em furia embravesce e trôa, não reconhece força bastante poderosa para conter-lhe os impetos, e accêso pela lucta, entre estampidos de raiva e uivos de fêra investe e recúa, redobra de violencia e de fragor, desmorona, espadana, alaga e vence.

Estas victorias sobrehumanas do repentista viu-as a Bahia com espanto, e d'ellas guardou sempre grata memoria, posto que até hoje esperassemos por um estudo completo e condigno da grandeza do vate.

O trabalho publicado por seu talentoso filho nas columnas do *Paiz*, e que agora apparece amplificado nas paginas d'este livro, resgata a divida. Eu, da minha obscuridade e apezar de reconhecidamente incompetente, saúdo-o com véras pelo grave monumento que levantou á memoria de tão illustre brasileiro.

Á gentileza do amigo e collega, a quem aprouve distinguir-me com tanta confiança, devo a honra de associar meu nome a esta bella obra de gratidão e patriotismo. Bem sei que as galas de estylo e a conceituosa critica de Octaviano João Cardoso ou Machado de Assis, juizes da maior competencia para os bons talentos da nossa geração, mais dignamente corresponderiam n'este logar á grandeza do assumpto; mas não hesitei em manifestar minhas impressões de leitura por dous motivos: 1.º, porque as duas cordas, a do patriotismo e da gratidão, que vibram em todas as paginas d'este livro, são para mim tambem as duas grandes forças productoras de quanto ha de mais nobre e mais sancto na terra, e a minha voz fraca e despretenciosa eu a prestarei em todo tempo ao culto d'estas virtudes excelsas; 2.º, porque a obra não carecia de porticos enganadores, antes estou certo de que a posteridade esquecerá a rudeza do frontão, quando houver admirado os labores do sanctuario.

Entre, pois, o leitor sem prevenção n'este adyto augusto, e quando houver transposto os umbraes, terá ante si um recincto que se-impõe á admiração e ao amor; — ao longo dos muros, em baixo-relevo de fina esculptura, agitam-se os vultos mais eminentes da culta Bahia, uns companheiros, outros discipulos do vate; — no alto,

em fresco palpitante de verdade e de colorido veneziano, se-desenrolam as scenas patrioticas do sempre memoravel *Dois de Julho*; — nos escudos graciosos que encimam os capiteis, a Justiça e a Fé entretecem corôas de louro, que destinam à apothese do vencedor; — aos angulos da nave, em profunda meditação, cogitam os genios da sciencia sobre a grandeza e a origem d'este dom soberano do improviso, elles que tudo sabem e tudo explicam, menos a producção do lume divino, que devassa os mundos e o Infinito no surto de uma idéa, nas azas de um pensamento; — e lá no ediculo, illuminado pela lampada sagrada que o amor filial accendeu, entre palmas e corôas, sobre um pedestal severo, ergue-se o vulto nobre e suavissimo do insigne poeta, de Francisco Moniz Barretto, o principe acclamado dos repentistas brasileiros.

Honras lhe-sejam dadas em nome da Poesia e da Patria.

RAMIZ GALVÃO.

Rio, 27 de Novembro de 1886.



ESTUDO

I

Do irresistivel poder da imaginação, essencialmente identificada com o bello, ainda não houve no Brazil prova maior do que o poeta bahiano, cuja physionomia acaba de resurgir á luz da téla, sob o influxo do auspicioso talento de Victor Meirelles, digno perpetuador de patrios heroismos nos paineis commemorativos da batalha de Guararapes e do combate de Riachuelo.

Bem haja o insigne artista que, apenas com o auxilio dos traços quasi imperceptiveis de pallida photographia, evocou das sombras do sepulchro aquelle organismo veramente genial, para o reanimar com as tintas mirificas de sua palheta, restituindo-lhe o lume dos olhos,

a coloração do semblante, a amplitude da frente, emfim o busto sympathico, altivo e sereno do inspirado vate, em conscienciosa posse do Deus interior, como quando lhe irrompia do pensamento na palavra a flamma poetica, electrizadora das turbas!

Para alguns, que o conheceram de perto, nas amarguras intimas do lar domestico, ou o avistaram de publico, em horas de triumpho, será tão afortunada evocação artistica o melhor attractivo de gratas recordações.

A quantos, porém, que nunca o viram, ou não lhe conhecem o minimo improviso, ou só lhe sabem o nome, confundido com tantos outros na correnteza da tradição, proporciona-se agora facilimo ensejo. (1)

(1) O apparecimento deste subsidio para a litteratura nacional, publicado em columnas d'*O Paiz*, teve por um de seus melhores incentivos o magnifico retrato, devido a Victor Meirelles, e cuja exposição franqueou-se ao publico, durante o mez de Julho de 1885, na galeria Moncada á rua do Ouvidor.

Vejam-lhe o retrato e, comquanto não seja o mesmo que ligar-lhe o nome á pessoa, relacionem-se, mediante fidelissima effigie, com um dos brasileiros mais devotados á patria, á liberdade e a Deus.

Emquanto para o bellissimo trabalho de tão prestigioso retratista vae se acendendo a curiosidade nos mais indifferentes, pague-se divida sagrada; confie-se ao prélo a divulgação de inestimaveis thesouros, extrahidos de lavra ideal por quem morreu, sonhando com a gloria, n'um leito de Procustes.

Nos dominios da imprensa, graças á irradiação maravilhosa, pela qual se realiza a ubiquidade do pensamento em fórma de livro, propague-se e confirme-se o renome do vate em seus carmes tão espontaneos quão duradouros, scintellas ainda hoje fulgurantes, longos annos depois de apagada para sempre na terra a chamma da mente que as desprendia.

Se alguém entender que desmerece a

importancia do assumpto, porque exposto á prevenção affectuosa do filho absorto em seu pae, queira desculpar a ousadia ou inconveniencia pela razão de que até hoje os competentes não se occuparam devidamente com o cidadão amortalhado no mais silencioso dos tumulos — o esquecimento dos compatriotas.

Demais, não será a primeira vez que o amor filial, como tributo de respeito á justiça da historia e mostra de confiança no reconhecimento dos conterraneos, desentranhe e resgate do sepulchro os unicos titulos da grandeza paterna em verdadeiros braços da aristocracia universal — a do talento.

Assim procedeu Alexandre Dumas Filho, escrevendo o elogio posthumo de seu estupendo progenitor.

Se não ha paridade entre o merito daquella apologia e o valimento de quem traça estas letras, tambem releva observar que o fecundissimo autor do *Antony*,

de *Thereza* e dos *Tres Mosqueteiros*, já não carecia, para immortalisar-se, dos encomios de sua posteridade viva na pessoa de quem hoje é o mais scintillante espirito dos salões de Pariz, e soube com a penna remir do preconceito — na *Dama das Camelias* — a mulher transviada e reivindicar os direitos do sangue no *Filho Natural*.

Entretanto, já sob os dictames da natureza, já em attenção á propria sociedade no pagamento de honrosissimo debito, o maior empenho deste fervoroso trabalho consistirá em não firmar-se proposição alguma de louvor ou de censura, de agradecimento ou de queixa, sem a prova inconcussa da verdade, quer seja notorio o factó, quer possam authentical-o testemunhos acima de toda suspeita.

Quanto ás lacunas e demasias a que, por certo, não escapará este desprezencioso tentamen biographico, fique a propectos e futuros escriptores o amplis-

símo direito de completal-as e corrigil-as

E assim, livre do zoilo, oxalá cresça e fulgure em seus versos repentinos ou meditados a fama do poeta brazilico, entregue á acção ineluctavel do tempo, esse modificador de tudo, ao qual o divino Eschylo, em lance do mais soberano desprezo para com todos os invejosos, offereceu os productos de seu genio.

II

Francisco Moniz Barretto nasceu a 10 de Março de 1804, na villa de Jaguaripe, reconcavo da Bahia.

De accôrdo com o desejo de seus paes o tenente-coronel Luiz Antonio Moniz Barretto da Silveira e D. Maria Francisca de Albuquerque Moniz, naturaes da mesma provincia, o joven bahiano, feitos alguns estudos preparatorios, devia embarcar para Lisboa, afim de formar-se em jurisprudencia na Universidade de Coimbra, quando appareceram os movimentos precursores da lucta pela independencia do Brazil.

A voz da patria, reclamando filhos em sua defesa, mudava as resoluções da familia e o destino do estudante, logo con-

vertido em soldado de Pirajá, para acender-lhe o estro, como em novo Tyrtéu, no fervor dos prélios.

Organizado em fins de 1822 o exercito pacificador, nelle assentou praça de 1.º cadete, fazendo a gloriosa campanha, o moço voluntario que, até os ultimos annos de vida, mais ufano da Bahia do que Pindaro da sua Thebas, foi o cantor inseparavel dos regosijos populares e das manifestações patrioticas.

Terminada, felizmente, a guerra pela emancipação, Moniz Barretto, a quem os camaradas appellidavam — cadete Labatut — por sua garbosa e alta estatura, semelhante á do general francez então ao serviço do Brazil, passou, em Dezembro de 1826, com o 7.º corpo de artilheria de posição, e já promovido a 2.º tenente, a tomar parte na primeira campanha da Cisplatina.

É de crer que o trovador artilheiro não fosse dos mais obedientes á disciplina

militar, e que dêsse muita vez alguns tiros de satyra contra injustiças e grosserias de pequeninos regulos.

Intelligencia fogosa, precocemente habituada a blandicias das musas, não pôde submetter-se de prompto aos insensatos caprichos de commandante despotico.

É, fama, porém, que o tenente Moniz fazia as delicias de todo o batalhão e, verdadeiro Orpheu, dominava o coração do seu chefe, o coronel Pessoa, inutilmente armado contra as influencias do Parnaso pelas ordenanças do Conde de Lippe.

Firmada a paz entre o Imperio e a Republica Argentina em 1828, o joven official já por indisposto com os azares da militança, em consequencia de muitas privações soffridas na ilha do Gorrito, já por motivo dos encargos de familia, aos quaes o obrigara o seu matrimonio com D. Justa Delcampo, natural de Montevidéo, e pertencente á melhor sociedade

oriental, obteve demissão do serviço do exercito no mesmo posto de 2.º tenente, logo depois de regressar ao Rio de Janeiro.

Desde então, relacionado com influencias politicas da epocha, affectuosamente acolhido pelos Andradas e bemquisto na sociedade fluminense, não só pelo seu character franco e jovial, mas pelos recursos de seu talento poetico, empregou-se Moniz Barretto na redacção do *Correio da Camara dos Deputados*, até que, voltando para sua provincia natal, ahí recebeu a nomeação de 1.º escripturario da alfandega. Em tal cargo serviu até Abril de 1862, anno em que foi aposentado, a seu pedido, por enfermo, com o vencimento mensal de 100\$000.

Eis em resumo a fé de officio e a vida civil do patriota, na guerra e na paz, dentro e fóra do paiz.

Em poucas palavras se abrange a historia de 40 annos, decorridos a principio

no entusiasmo juvenil da abnegação patriótica, através dos sonhos paradisiacos de esperança na glória, de interesse na estima pública, de inalterável consorcio amoroso, de segurança própria no bem-estar da família, de immortalidade visível na florescência da prole; e, depois, mudados os tempos, revertido o quadro, na desconfiança da sancção social, nas luctas pela existencia, nos embates com a fortuna vária, nas desharmonias do viver conjugal, na inquietação pelo porvir dos descendentes, no tédio pela soberba dos grandes, na condolencia pelos semelhantes, no desaparecimento da mocidade, no cansaço do espirito, na perda intempestiva da saude, e, por fim, quasi na penuria!

Que differença entre a ephemera juventude e a velhice precoce, entre os descuidos da creatura irresponsavel sob o dominio paternal e as apprehensões do cidadão em pleno uso da liberdade!

Desprende-se o homem do regaço materno para fortalecer os braços da patria; dos folguedos da adolescencia para os perigos da guerra; do placido conchego de seus lares para as aventuras em terra estranha; da posse de si mesmo para sustentaculo da integridade nacional; do proprio instincto de conservação para a defesa da honra, da vida e da tranquillidade alheias!

Tudo isto, porém, é retribuido pelo Estado com alguns vintens para não morrer de fome, quando, antes de tal recompensa, não se abre uma sepultura, na vala commum, para suffocar gemidos, esconder decepções e impedir o corpo de delicto de leso civismo nos restos exanimos do pobre sonhador, que perseverou em viver para a gloria e acreditar na justiça humana!

Este é o tristissimo acabamento de quem se influe na manutenção da ordem collectiva, dos direitos politicos, da har-

monia social entre governo e povo, sem cogitar do proveito individual, sem receber propinas ou servir de prompto degráo para quantos lhe paguem com ouro e titulos nobiliarios o peso de escandalosa ascenção.

Francisco Moniz Barretto, reduzido ao emprego de escriba n'uma repartição fiscal de provincia, luctou, soffreu e succumbiu, mas nunca lhe amorteceram o brio as ameaças dos poderosos, nunca lhe entibiaram a resignação as abundancias dos felizes, nunca lhe produziram desdem as franquezas e offertas dos pequenos.

Sobranceiro a todas as consequencias, esquecia-se de si proprio para a seus filhos restituir a saúde, a seus amigos a ventura domestica, a seus concidadãos a liberdade, já repartindo o seu animo com os descrentes, já consolando com sua presença os enfermos, já enriquecendo com o seu thesouro mental os pobres de espirito.

Dest'arte impunha sempre, respeito na vida publica ou particular, com os extremos do seu coração e com os brilhos do seu éstro, aos opulentos de ouro, aos nobres de braços comprados, aos escravos da inveja e aos senhores da terra no mecanismo politico.

Democrata por natureza, liberal inquebrantavel, quando o verdadeiro liberalismo se traduzia em puras convicções de reformas sociaes, cuja realização corre parellas com a indisciplina e degradação de idéas, hoje confundidas na essencia do partido opposto e sob rotulos falsos, Moniz Barretto não trepidava em verberar o direito da força, os abusos do poder e as vindictas autoritarias, envernizadas com o pretenso desaggravo da lei.

A todo transe, o poeta se desferrava dos tyrannos, na palavra e na penna, quer na imprensa, a proposito da morte de Nunes Machado, quer no theatro arrebatando a platéa, em saudação ao 2 de

Julho, durante crises politicas e na presença de furibundos mandões. Em taes lances não conseguiam tolher-lhe o passo os temores da familia, nem os conselhos da amizade, nem a intervenção carinhosa do inspector da alfandega, seu prestante chefe.

A resolução estava tomada e o verso devia sahir dos labios do repentista, qual o ferro em braza, com a tremenda concisão de Tacito, a estigmatizar os verdugos do povo e os inimigos da liberdade.

Era assim que o poeta, achando mesquinha a descarga electrica de todas as procellas, acabava pedindo, em fulminante soneto, ao fogo do céu nos olhos das damas

raios que abräzem despotas da terra.

Tambem não se occultava o seu reconhecimento ante o louvavel proceder de homens superiores, como por exemplo o Visconde de Itaborahy. S. Ex.^a, quando

ministro da Fazenda, e instigado por servís denunciantes para demittir seu escriptuario discolo, respondeu apenas o seguinte : « Não tenho que ver com o funcionario publico em opiniões politicas do poeta exaltado. »

Esse mesmo funcionario, porém, sem quebra dos seus brios e sem medo de arrostar as iras do povo, intervínha, como elemento de ordem, quando, em Fevereiro de 1858, a hydra da sedição investia ao palacio do governo da provincia, e ali a plebe ignara apedrejava o intemerato senador Cansansão de Sinimbú, pelo facto de haver suspendido alguns vereadores parciaes e violentos.

É que o verdadeiro sectario da liberdade não póde acompanhá-la, quando invertida ou desnaturada nos excessos e desvarios da populaça.

III

Com alguns traços característicos de sua pessoa em um breve estudo psychologico, ahi fica esboçado o homem tal qual foi em suas tendencias naturaes, em seus affectos intimos, em seus congenitos estimulos de patriota e cidadão.

Rememoremos agora o poeta na enumeração de suas obras litterarias, meditadas ou repentinãs, para mais tarde, á luz dos processos da critica moderna, lhe apreciarmos a influencia propria ou adquirida, em suas relações com o meio em que viveu.

Dado exclusivamente aos improvisos, em que se tornou mais conhecido, desde 1819 até 1834, Moniz Barretto pouco escreveu durante esses 15 annos. Como,

porém, soffresse de ataques nervosos, exacerbaveis com os arroubos de repentista, em prejuizo do exercicio de seu emprego publico, de 1835 em diante dedicou-se mais a composições escriptas na meditação do gabinete.

De taes versos publicou, em 1855, dous volumes em 8.º grande, sob o titulo *Classicos e romanticos* — impressos pela typographia de Camillo de Lellis Maçon, na Bahia.

Contendo poesias na mór parte inspiradas por affeições particulares e de interesse transitorio, os *Classicos e romanticos* foram alvo de excessiva censura, qual a que surgiu nas columnas do *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, firmada por Manoel de Almeida, inolvidavel autor das *Memorias de um sargento de milicias*.

Moço de incontestavel talento, espirito de observação, mas sem o minimo conhecimento do poeta em suas qualidades pessoaes, bemquistas na melhor sociedade

bahiana, o critico, inspirado talvez por falsas informações ou condemnando tudo *in limine* logo á primeira impressão de leitura, praticou a mais grave injustiça no interpretar puros sentimentos, tachados de lisonja, servilismo e interesse proprio. E assim era apontado como habitual fruidor de almoços, jantares e ceias, a desfazer-se em versos a baptisados, casamentos e festas de natalicios, um cidadão, venerando pela idade, e incapaz de prostituir a lyra em forçados tributos á influencia dos ricos e dos grandes.

Não havia, pois, motivo para vituperios, quando o poeta, apresentando modestamente, em fórma de livro, os carmes inoffensivos que lhe ditara a amizade, promettia dar ao prélo mais tres volumes: 1.º, *Trovas diversas*, 2.º, *Cantos patrioticos*, 3.º, *Improvisos*. Seria então magnifico enseo de aquilatar o talento fecundo ou a mediocridade diffusa do escriptor, em assumptos de interesse veramente geral e

perduravel, quando já não bastassem para assegurar a reputação do vate patriota, fiel tributario da virtude e do bello, tantas poesias avulsas, publicadas no *Seculo*, no *Argos Bahiano*, no *Guaycurú*, no *Commercio*, na *Razão*, no *Correio Mercantil*, no *Diario* e no *Jornal da Bahia*.

Entre o suspeito louvor de amigo e a censura de antipathia gratuita ha um meio termo de apreciação, a que têm direito os *Classicos e românticos*, pondo de parte os versos feitos a nascimentos, baptismos, nupcias e obitos, para só aferir-se e valer a magnitude do estro nos bellos cantos — *Á mulher*, *Á minha terra*, *Á José Bonifacio*, *Á memoria de minha mãe*, *Á José de Assis* e nos valentes sonetos que já denotam um successor de Bocage.

Em compensação da critica exagerada e hostile na penna de Manoel de Almeida, cabe aqui mencionar o juizo mui competente do maior poeta dramatico do Brazil, o Dr. Agrario de Menezes, autor da tra-

gedia *Calabar*, e talento omnimodo que mereceu o appellido de *Garrett Bahiano*.

Estampando nas columnas do periodico *Revista da Instrucção Publica* as suas impressões de leitura dos *Classicos e românticos*, rende-lhes Agrario de Menezes um preito de enthusiasmo, a ponto de não saber o que mais aprecie, se a alteza da inspiração e a puridade da fórmula na ode *Á mulher*, se o bom senso e o atticismo do litterato no succulento prefacio de seus versos.

Eis um trecho do artigo encomiastico, assignado por Agrario de Menezes:

« A obra do Sr. Moniz é precedida de um bellissimo prologo e — digamol-o, antes que nos esqueçamos — admirou-nos summamente a facilidade e elegancia com que o illustrado vate emprega a lingua de Vieira no estylo correcto e classico de Filinto e Herculano.

« Julgavamos que o Sr. Moniz era puramente poeta, mas enganámo-nos redon-

damente: é distincto litterato, litterato profundo, maneja a prosa com tanta gravidade e elegancia, como a poesia com sublimidade e graça.

« O prologo é como dissemos, bellissimo ; elle só tomaria a attenção do leitor, sem a sofreguidão natural de passar á obra ; e assim tivemos nós o gosto não só de lel-o, como de apreciar-o.

« As poesias são excellentes : a harmonia do estylo, a graça do sentimento, as bellezas da descripção, a mais perfeita elegancia e pureza, nellas transluzem incessantemente. »

Para documento desse honroso juizo não seria descabida a transcripção de alguns pedaços do applaudido prefacio, cujas idéas capitaes revelam o poeta quanto á sua profissão de fé em litteratura e o seu modo de ver não só os elementos proprios da indole nacional, mas os factores estraneos em periodo transitorio das escolas classica e roman-

tica. Bastem, porém, para confirmação do elogio aos versos, as seguintes estancias da poesia *A mulher*

« A mulher!... A mulher!... Este só nome
Te responde o que é Deus e o que lhe deves,
Tu, misero mortal, que, embevecido,
Amas a obra e o seu autor desdenhas.

A mulher!... Que phenomenos, que encantos
Esta do Creador feitura encerra!

E qual outra lh'eguala?

Estrellas. que bordais o véo da noite,
O que sois, que valeis ante seus olhos?
Purpureas rosas, que lhe ornais as tranças,
Ou que do seio contrastais-lhe a neve,
O que é vosso abrir ante o seu riso?
Ante a côr sua, quando a aviva o pejo,
O que é vossa côr? Para quem lhe ouve
A meiga falla, o sussurrar qu'importa
Em tarde estiva de Favonio brando?

Da Creação o timbre

Quem não vê na mulher donosa e bella,
Não vê no sol o sceptro dos planetas?
E as prendas divinaes? E os dotes d'alma,
Coloridos da physica belleza

Que realce lhe dão do corpo ás graças? !
 Se alguma vez os mortos se reanimam
 Para sentir saudades d'este mundo,
 É quando da mulher o ledó canto,
 Sobre as azas dos ventos que domina,
 Se eleva magestoso á Eternidade
 E vae as harpas despertar dos anjos ;
 Ou quando a voz maviosa
 Da que soffre e se queixa, rompe os ares
 E accorda os hymnos dos celestes córos.

Mulher ! tu és a fonte da poesia :
 Cabalinas, Castalias,
 Hypocrenes são fabulas dos homens,
 Apollo e Musas phantasias d'elles.
 O estro não é mais que o sentimento
 Apurado n'aquelle que bem ama.
 Pelos affectos d'alma, que estremece
 O doce objecto amado, se regulam
 As notas dessa musica sublime,
 Que falla e pinta, e que ensinára Horacio.

Mulher ! nos teus carinhos e meiguices
 Bebe o triste o antidoto a seus males
 E da delicia o extracto o venturoso.
 Repousando em teu seio,
 Das forças, que exaurira,

Melhor refaz-se o lavrador cansado.
Do grande labyrintho das sciencias
 Se o sabio algumas horas
Comtigo se distrae, nova Ariadne,
 Às vezes lhe ministras
O desejado fio, com que acerta
Co'a sahida feliz, que em vão buscára.
Vezes ha que em teus braços o tyranno,
Morrendo de prazer, revive homem —
E após mil maldições, benções grangêa
Do povo, que o admira, e que te adora.
No fogo, que devolves de teus labios,
Inflamma-se a coragem do soldado,
Que, ancioso de agradar-te e merecer-te,
Aguia se arroja ao campo das batalhas,
Louros empolga e se remonta á gloria.
Tu mesma, quando a patria e amor te chamam
 Aos marciaes combates,
Milagres de valor e de heroismo
 Intrepida praticas
 E a ficção realisas
Da deusa que tambem preside ás guerras.

« Mulher, tu és a alchimia que transforma
Nossa ferrea existencia em sonhos de ouro,
Em amena virtude o vicio horrendo:
Por ti vivemos, por ti somos tudo.

A verdadeira origem
 No mundo só tu és de bens, de males.
 Ai de nós no universo,
 Se não o ornasses tu, se tu faltasses,
 O' mãe, irmã, esposa,
 Filha, amiga do homem! Quem supprira
 Teu vazio, anjo meu? Quaesquer que fossem
 As venturas, porém, que deparar-nos
 Quizesse em teu logar o céo piedoso,
 Incompletas seriam, fallecendo,
 A dita de ser pae, dita ineffavel,
 Que dá que o homem vezes mil renasça
 Do seu sangue, e na terra
 Perpetuo viva pelos seus lembrado.

Mulher! que nome t'hei de eu dar, que abranja
 O que és, o que vales nas bonanças,
 Nas tempestades deste mar incerto
 E naufragoso, a que chamamos vida?
 Estrella d'alva?... És mais,—Santelmo!... E pouco,
 Que nome t'hei de eu dar?... Como mereces
 Chamem-te sabios, vates, e philosophos:
 A mim só cabe — trovador mesquinho —
 Na lyra, que afinaste, hymnos tecer-te,
 Adorar-te, servir-te, e bemdizer-te ».

IV

D'entre innumerables poesias a differents assumptos e em generos diversos, publicadas por Moniz Barretto em folhas diarias e periodicos da Bahia, ou transcriptas no *Grito Nacional*, no *Correio Mercantil*, no *Futuro*, na *Semana Illustrada*, no opusculo *Viagem de Suas Magestades Imperiaes ao norte do Imperio*, em gazetas de Portugal, no *Almanack de lembranças* de A. M. de Castilho e em folhetos especiaes, destacam-se as seguintes :

A sombra do martyr, homenagem con-digna da memoria de Nunes Máchado ;
Lyra do patriota e *Canto dos veteranos*, em commemoração do dia 12 de Julho ;
Brado patriotico e *Repulsa*, allusivos á

A verdadeira origem
No mundo só tu és de bens, de males.
Ai de nós no universo,
Se não o ornasses tu, se tu faltasses,
O' mãe, irmã, esposa,
Filha, amiga do homem ! Quem supprira
Teu vazio, anjo meu? Quaesquer que fossem
As venturas, porém, que deparar-nos
Quizesse em teu logar o céu piedoso,
Incompletas seriam, fallecendo,
A dita de ser pae, dita ineffavel,
Que dá que o homem vezes mil renasça
Do seu sangue, e na terra
Perpetuo viva pelos seus lembrado.

Mulher! que nome t'hei de eu dar, que abranja
O que és, o que vales nas bonanças,
Nas tempestades deste mar incerto
E naufragoso, a que chamamos vida?
Estrella d'alva?... És mais,—Santelmo!... E pouco,
Que nome t'hei de eu dar?... Como mereces
Chamem-te sabios, vates, e philosophos:
A mim só cabe — trovador mesquinho —
Na lyra, que afinaste, hymnos tecer-te,
Adorar-te, servir-te, e bemdizer-te ».

A Emilia das Neves, A João Caetano, A Thomaz Ribeiro; e outros muitos que serão integralmente reproduzidos em logar proprio.

Quanto á *Poesia* — *Por ocasião da faustissima chegada de Suas Magestades Imperiaes á capital da Bahia, em 6 de Outubro de 1859,* convém agora mesmo transcrever alguns versos admiraveis pela franqueza com que o poeta, depois de pintar a decadencia e marasmo de sua provincia natal, victima da centralisação administrativa, assim exhorta o monarcha :

O Rei, quando deveras
 Quer, muito remedeia, pôde muito.
 Dizer que o Rei só reina e não governa —
 É paradoxo, burla,
 Política, chicana ou necedade,
 Reinar é governar. Quando, pois, vires
 Que abusam os ministros, já que elles
 Só responsaveis são em letra morta,
 Não vacilles, Senhor, não, não te prendas
 A theorias vãs ; corrige o abuso,
 A injustiça repara ; olha que nisso

Lucras mais do que nós, lucras a gloria. —
O povo soffre, sim; mas nesse mesmo
Soffrer, nesse cadinho do martyrio,
Se acrysola e se exalta o seu renome.
Outra é do Rei a sorte: além do throno
Muitas vezes perder, os bens lhe fogem,
E a gloria se lhe offusca para sempre.
Teu Pae já foi aqui victima um dia
De conselheiros máos, de máos ministros;
Não o sejas tambem, Senhor, afasta-os
De ti, logo que errem e persistem
No desvio fatal; inhabilita-os
Para o que fôr do Estado e teus conselhos,
Porque assim nunca mais teu nome exponham
Ao desamor da patria, ao desconceito
D'estranhos, ao desar na voz da fama.

O monarcha não desce
A desculpar-se com ninguem, e menos
A pedir a indulgencia de seus subditos;
Emquanto que os ministros que o illudem,
Depois que no abysmo o precipitam,
Covardes, miseraveis,
Como são sempre os máos, dizem, voltando-se
Para o povo: « Não fomos nós; foi elle. »
E a piedade fraternal imploram.

Desferindo, na harpa enluctada pelo transitio de um grande rei, bellissimos cârmes de sincera condolencia á nação portugueza, Moniz Barretto soube tocar as cordas mais sensiveis a um povo ligado ao brazileiro pelos vinculos do sangue, do idioma, da religião, dos costumes e das instituições. Nada mais commovente, expressivo, adequado e correcto do que o seguinte preito á memoria de D. Pedro V, principe a quem o sabio e altivo Herculano considerou — *um neto de D. Duarte extraviado no seculo XIX.*

Quantos sabem quasi de cór a celebre oração funebre de Bossuet ao passamento de Condé, admirem a pompa, a gravidade, o pathetico e a altiloquia deste epicedio :

« Morreu!... E não sei como, trespassado
De angustia, Portugal resiste ainda !
Nem como essa myriada de estrellas,
Que lá orna gentil o céu das letras,
Inda vive e scintilla,

Vendo apagado o seu formoso astro,
Que lhe deu tanta luz, tanto incremento !

Mas, que venho eu fazer? Onde a facúndia
Que bem descreva o que era Pedro Quinto,
E diga do seu povo a perda e a magoa?
Rei, qual foi elle, só a mente o alcança;
Tamanha dôr só lagrimas traduzem ;

Perda, como essa, immensa,
Só a demonstra a algebra do tempo
Na pedra da experiencia e dos successos.

A mão, que proscreeva o anachronismo
De seu seculo, o osculo forçado
Na régia dextra, enlameada ás vezes,
Ás vezes tinta de fraterno sangue ;
A mão, que prompta e energica, no santo
Legado da divina liberdade,
Que o seu Avô, no prelio, redimira,
Que lhe deixara sua mãe tão pura,
Não consentiu jámais que alguém tocasse ;
Essa mão, que de anjo parecia,
Quando o pulso aos enfermos tacteava,
Nos horrores da peste, e o moribundo
Fazia reanimar-se ao seu contacto ;
Aquella mão, emfim, tão verde em annos,
E tão propecta e habil para o sceptro,

Como nenhuma o fôra,
Lá jaz paralyzada para sempre,
No gelo do sepulchro exposta aos vermes !

« O que és tu, magestade cá da terra !
O que és tu, se a virtude te fallece,
Se te não cerca e ampara o amor dos povos?
Estatua de ouro vil, galvanisada,
Que, escarneo da razão e mal dos homens,
O cego acaso amortalhou na purpura.

Cercado pelo amor dos portuguezes
Pedro Quinto viveu, e sem que nunca
Esse amor filial desmerecesse,
Desceu á campa, como poucos descem,
Embalsamado de saudoso pranto.
Foi para elle capitólio o throno,
Para o povo um triumpho o seu reinado ;
E, morto, recebeu das mãos do povo,
Pelo real diadema que deixara,
Do civismo a corôa,
De tão querido rei tão digno adorno ».

Não é de menor importancia, quanto á
sensibilidade e criterio, o poemeto *A es-
tatua e os mortos*, em cujo entrecho, opu-
lentissimo de inventiva, o grato cidadão,

atingindo o fastigio da poesia epica, alcançou personificar a homenagem ao fundador do Imperio nos maiores vultos de obreiros da Independencia, capitaneados por José Bonifacio e comparecentes, em signal de protesto a ingratos detractores, perante o colosso equestre, erecto em abono do reconhecimento nacional.

Não é possível conceber mais opportuno desaggravo, nem se poderia dar mais prompta resposta a quantos, pigmeus ou gigantes da imprensa, investiram á estatua, qualificando-a — *mentira de bronze*.

Seria excessiva parcimonia de espaço não reproduzir aqui, transumptos de sonho maravilhoso, condignos de figurar entre os episodios sobrenaturaes dos *Luziadas* e da *Divina Comedia*, as magnificas estrophes, que fazem ver a cohorte dos redivivos illuminando a praça com as suas insignias e electrizando o monumento, a ponto de exprimir-se assim o inspirado poeta :

« Attonito, a um lado do bronze encostei-me
 E todo enlevei-me
 Na santa cohorte que á patria salvou...
 E ella, parando da estatua na frente,
 Co'a luz refulgente
 Das suas insignias a praça inundou.

« Senti mover-se a estatua á continencia
 Dos finados heroes da Independencia
 Que a vinham de seus tumulos saudar ;
 E, da luz diffundida á claridade,
 Vi no rosto do Pae da liberdade
 A mais viva alegria resumbrar.

Talvez que nesse instante se animasse,
 O bronzeo cavalleiro e se lembrasse
 Dos denodados companheiros seus,
 Do povo desta terra tão querida,
 Onde a quatro pedaços de sua vida
 Disse, para aquietal-o, o eterno adeus !

Do principe o mentor adiantou-se
 Como para falar ; o mar calou-se,
 O vento emmudeceu para o ouvir !...
Té de pedra o gigante (oh maravilha !)
 Acordado do somno pela filha,
 Do leito ergueu-se e pareceu sentir.

Da linda Nitheroy, que ao pae chamara,
Quando viu do Rocio a scena rara,
Á voz, o atalaia collossal
Da barra, o *Pão de Assucar*, abalado,
Dobrou-se, em ar de venia e o rouco brado
De « Alerta ! » deu a todo o littoral !

E falou o ancião, o patriarcha
Da Liberdade, ao inclyto monarcha
Que tantas vezes nomeara-o — pae ;
Ouvindo o Conselheiro venerando,
Eloquente e leal, de quando em quando,
Soltava a estatua um doloroso ai.

« Senhor, disse o paulistano,
Aqui vimos todos nós
Ao primeiro Soberano
Saudar do Brazil, a vós !
Escolhemos este dia
Por ser o de mór valia
Do vosso régio florão ;
Nelle mostrastes ao mundo
O criterio mais profundo
O mais nobre coração.

Da obra da Independencia
Que eu apenas ajudei,

A não ser vossa influencia,
O que seria, — não sei.
Pelo menos, sangue em rios,
Longos annos bem sombrios
Ella havia nos custar...
E, feita, — quem poderia
As ambições, a anarchia
Conter em vosso logar?

Pois fui eu, quem esse grito
Do Ypiranga soltou?
Quem as lutas do Cabrito,
Do Pirajá vigorou?
Não: contra essa injustiça,
Com que a desordem se atia,
Tambem protestar eu vim:
Por indevido, rejeito
O laurel — de que esse preito
Foi só movido por mim (*).

(*) Cumpre aqui reproduzir a nota feita a esta estrophe pelo autor, que recorrendo ao testemunho insuspeito do fallecido senador Teophilo Ottoni, transcreve as seguintes palavras de S. Ex. n'um discurso, proferido na Camara dos Deputados, ácerca do projecto de maioridade de Sua Magestade Imperial o Sr. D. Pedro II.

« Sr. presidente, o prestigio do Sr. D. Pedro II nasce do campo da *Acclamação*, onde seu pae foi proclamado Imperador do Brazil, não porque des-

Os presentes e os vindouros,
 Imparciaes, vos darão
 A maior parte dos louros
 Da nossa Emancipação.
 Alguma voz, que, mesquinha,
 Vo-los negue, bem asinha
 Ha de sem echo morrer ;
 O archi-heróe da Liberdade
 Brasileira, em toda idade,
 Pedro Primeiro ha de ser.

Guarde o céo vossa Pessoa
 No bronze por annos mil,
 E em vossa Prole a corôa
 Imperial do Brazil !
 Á sombra da Liberdade
 E da augusta magestade
 Do vosso herdeiro, Senhor,
 Floresça o meu patrio ninho
 E o porvir, que lhe adivinho
 Complete o seu esplendor !

cendesse de uma antiga linhagem de reis da Europa, mas, *porque comprehendendo bem as necessidades do Brazil, poz-se á frente da sua Independencia e soltou nas margens do Ypiranga esse grito famoso — Independencia ou morte* ».

Vid. o *Interesse Publico* de 6 de Dezembro de 1860, onde vem a circular de Ottoni aos eleitores do 2.º districto de Minas.

É este o meu voto e o desta
Phalange, que consummar
Veio commigo hoje a festa
Da gratidão popular.
São heróes que vos saudam,
E o vosso bom Filho escudam
Com tuas preces a Deus.
Bem dito seja, bemdito
Quem honra a patria! Maldito
Quem turva a gloria dos seus! »

Aqui fez pausa o sempiterno Andrada ;
E de quanto lhe ouvi,
Com a alma em santo jubilo engolphada,
A abraçal-o corri.

Conheceu-me o heróe, a quem, saudoso,
No tumulo cantei...
Abraçou-me... e do amplexo affectuoso
Com o aperto acordei.

Foi tal a impressão, que ainda ouvia,
Depois de despertar,
Os applausos da etherea companhia,
A estatua a suspirar.

V

De tantas producções, porém, de alcance politico ou social, distinguiu-se, pela opposição e celeuma que levantou na imprensa e no parlamento, a ode recitada no theatro da Bahia, a 2 de Dezembro de 1860, em saudação congratulatoria ao anniversario natalicio do Imperador. De toda a homenagem poetica citaremos a famosa estrophe, que foi a pedra de escandalo do *Diario do Rio de Janeiro*, da *Actualidade* e de outras folhas.

Eil-a :

Oh quanto não obraria
Um tal rei — do povo em pró —
Se outra fosse a monarchia,
Se elle governasse só !

Já, hoje, ninguem duvida
Que os males, de que opprimida
Geme a brazileira grei,
Não vêm do homem que eu louvo,
Vêm dos eleitos do povo,
Dos delegados do rei.

Taes versos echoaram até na camara vitalicia, onde o senador Antonio Luiz Dantas de Barros Leite accusou o poeta de haver *publicamente proclamado o absolutismo*.

Estas palavras, ha um quarto de seculo, soavam aos ouvidos dos paes da patria e repercutiam por todo o Imperio, como um rebate á segurança das instituições juradas.

Eram bem outros os tempos!

Hoje, prega-se, desprega-se e torna-se a pregar tudo quanto acaba em *ismo*, com um *civismo* ás vezes tão falso como o proprio machiavelismo, e muito mais perigoso que o absolutismo de facto ou de direito, no actual reinado.

Entretanto sobem e cahem ministerios, desorganizam-se partidos, baralham-se as idéas, invertem-se rumos dos mais adestrados palinuros, escondem-se gorros phrygios sob pastas de conselheiros da corôa, trocam-se alvas tunicas por verdes fardões.

Que enfiada de logomachias, despau-terios, tautologias e *psittacismos* na imprensa e na tribuna! Que desrespeitos á historia, que ataques á logica e ao bom senso, que golpes em falso, que sarcasmos contraproducentes, que censores hys-triões, que arrufos infantis de colossos, que hombridades ephemeras, que metamorphoses imprevistas na comedia politica!

E tudo isto se move contra os actos de uma pessoa, *de jure* irresponsavel, reconhecida por todos — excellente — e cuja palavra de reconhecimento é o suprasummo do louvor ao character de alguns, quando descem do poder tão con-trictos, quão indispostos pareciam com a

força irresistível que inopinadamente os elevou.

Em tal vaivem de inconsequencias e absurdos é o caso de repetir o *credo* attribuido a Santo Agostinho.

Para o menos perspicaz e curioso dos espectadores são estas as inesperadas scenas :

— Catão reconcilia-se com Cesar ; Mario abraça-se com Sylla ; Pombal defende os jesuitas ; Tartufo alardeia franqueza ; Zoilo queixa-se da inveja ; Thersites ri-se de *Quasimodo* ; Democrito persuade chorando ; Epicteto e Spartaco sustentam a escravidão ; Opimio e Crasso favorecem a liberdade ; liberaes propugnam o feudalismo agricola firmado nos labores do escravo ; conservadores atacam o poder irresponsavel ; republicanos servem de contra-peso nas oscillações da balança politica. De repente, quando menos se espera, no auge das furias da tempestade parlamentar, applacam-se os ele-

mentos, fluctua a náó do Estado em calmaria podre, signal de bonança para uns, convite ao repouso para outros, emquanto vela por todos a Providencia Divina.

Se ha quem exponha ao ridiculo, perante a equipagem, desazos do commando, em navegação costeira, não é Juvenal, nem Rabelais com gargalhadas seculares; é algum discipulo de Molière. Esse mesmo, pondo-se ao largo e subtrahindo-se diplomaticamente aos embates inglorios, só deixará, para escarmento do adversario, vestigios do estylete satyrico de La Fontaine e Persio.

Hoje em dia tantas inversões e desnaturamentos não admiram n'um paiz onde estrangeiros illustres como, por exemplo, Nicoláo Avelaneda, encontram a imprensa sem partidos e os partidos sem imprensa; onde o melhor titulo de admissão é a ousadia da ignorancia; onde a opinião vive tanto quanto as rosas de Malherbes, porque é formada ao talante de gru-

pos dos mais voluveis adventicios; onde a maior virtude não escapa á mais rasteira chacota; onde o microbio *indifferença* vai corrompendo a atmospheria social; onde pretensos jornalistas se reduzem á condição de insectos ascorosos, conspurcando as mais bellas flores, quando tentam inutilmente subir até o poiso das aguias.

Hoje cada qual diz o que não sente, ou não sente o que diz, para captar adhesões, para adquirir proselytos, nesta época de liberdade que já vae degenerando em licença.

Ha vinte e cinco annos, porém, uma denuncia de absolutismo, em pleno senado, era motivo para encher as bochechas do mais silencioso pae da patria e chamar ás armas todos os guardas do systema representativo.

— Um poeta absolutista! Exclamavam tantos, que hoje toleram e admittem um conselheiro ou senador republicano.

Em repulsa a tão aleivosa accusação, Moniz Barretto respondeu com uma carta estampada no *Jornal da Tarde* de Junho de 1866, em termos que produziram grande impressão, pela energia e franqueza correspondentes á gravidade da invectiva.

Entre outras cousas dizia essa condigna resposta que o denunciante, deslustrando o seu alto cargo, fizera da cadeira de senador — banco de coristas para desacreditar o poeta liberal perante a opinião publica, explorada na interpretação maligna de um pensamento incapaz de attentar contra a menor prerogativa do povo, e bastante livre para enaltecer as virtudes do principe, em ficção poetica de alcance meramente hypothetico.

Entretanto, naquelles mesmos que mais ciosos se mostram da interferencia do povo, mediante seus mandatarios, na representação nacional ou nos conselhos da corôa, quantas vezes a voz da consciencia dará plena razão aos enthusiasmos

do poeta! Em abono deste erige-se a justiça da historia, afinal reconhecendo nos melhores actos do governo as puras intenções do monarcha, acima dos erros politicos e dos interesses pessoaes de certos paladinos do poder irresponsavel.

Longe de attribuir-lhe dons de perfeição absoluta, de accôrdo com a maxima fundamental da monarchia ingleza, *the king can do no wrong*, ou aceitar os argumentos deduzidos pela argucia de Thiers, é forçoso reconhecer que — de facto e de direito — o rei constitucional não é um automato coroado.

Isto já foi perfeitamente elucidado em lucta renhida e brilhantissima, que se travou, na imprensa, entre José de Alencar e José Feliciano de Castilho.

Juridicamente, como poder moderador o rei exerce, regula, equilibra e harmonisa os outros poderes; naturalmente, como homem, encarnação do chefe do Estado, deve pensar no bem do paiz,

sentir o amor da patria, querer a verdade do systema, em proveito de governo e governados.

Se, porém, a vontade do principe tem sido mais poderosa que a soberania da lei, se existe absolutismo de facto, pela fraqueza de estadistas, que denunciam o poder pessoal, quando estão debaixo, e tudo abdicam na iniciativa da corôa, quando estão de cima, será melhor o absolutismo de direito, para que o rei perante o povo assuma toda a responsabilidade de seus actos.

Seja como fôr, não ha fugir deste dilemma: Ou no principe existe merito real para triumphar, durante quarenta annos, do character e do talento de todos os estadistas; ou tem havido nimia fraqueza em todos os estadistas para se deixarem vencer por exorbitancias de tão obstinado principe. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Exceptuam-se, talvez, pela coragem inequivoca e por declarações notorias, de que não vol-

Em qualquer dos casos, queixe-se o povo de seus representantes, de seus eleitos, convertidos em submissos mandatarios do rei.

Isto posto, já que os ministros fraqueiam perante o rei, cuja pessoa é excellente, governe o soberano que tem ambição de gloria. Se o rei se apaixonar pelos proprios erros, fique ao povo o direito de revolução, que já produziu no Brazil magnificas resultas.

Para evitar insidiosos commentarios, fôra melhor que assim se exprimisse Moniz Barretto, quando imaginou o absolutismo como realce e ampliamento do actual reinado. A poesia, porem, dogma-

tariam aos conselhos da corôa, os finados senadores Euzebio de Queiroz e Zacarias de Vasconcellos. Este, porém, segundo consta de expansões entre amigos, dizia o seguinte :

« Dentro do poder eu era bigorna e os adversarios eram martelo; fôra do poder hoje sou o martelo e são elles a bigorna. O Imperador occupa o justo meio, enquanto, de palmatoria em punho, vou levando a bom caminho os meus correligionarios.

tica e concisa, não desce a tão miudas explicações.

Felizmente, ali mesmo, na camara vitalicia, algumas vozes autorizadissimas abonaram o illustre accusado, incapaz de incorrer na pecha de aulico especulador.

Sirva de prova o acto edificante, de nobre altivez, com o qual o poeta, falando ao Imperador em nome dos veteranos da Independencia, por occasião de fazerem estes guarda de honra a Sua Magestade, no palacio do governo da provincia, deu, perante a nata social da Bahia, uma lição de mestre ao ridiculo cortezanismo.

Implorando o pão para os seus companheiros de campanha, esquecidos pelo Estado e cobertos de cicatrizes, o bardo patriota rematou categoricamente o pedido nas seguintes estrophes, sem perder o ensejo de exprobrar ao governo a ingratição para com os benemeritos da patria, e á nobreza palaciana o servilismo

de ajoelhar-se para beijar a mão do festejado monarcha.

Quem vestiu de bravo a farda
Não deve andrajos vestir ;
Mão, que deu fogo á bombardarda,
Não deve esmolas pedir.
É um desar para o Estado,
Um exemplo, que ao soldado
De hoje os brios destróe,
Que ahí penem, na indigencia,
Obreiros da Independencia,
Soldados do seu heróe.

Do teu coração humano,
Sim, esperamos, Senhor,
Ver do infeliz veterano
Secco o pranto, extincta a dôr.
O collo, então, reverentes,
Te curvarão mais contentes
Os velhos soldados teus.
O joelho, não ; que da guerra
A lei só manda que em terra
O ponha o soldado a Deus.

Em signal de muito apreço e vivo reconhecimento, Sua Magestade logo des-

ceu do throno, vindo felicitar, com um aperto de mão, o brioso poeta, cujo dom improvisatorio se lhe patenteou cabalmente, nesse mesmo dia. Pouco depois de findo o banquete, presidido pelo monarcha, e para o qual foram graciosamente convidados todos os veteranos da Independencia, Moniz Barretto, satisfazendo de prompto á expectação geral, desdobrou em dous sonetos consecutivos os seguintes versos, que encerram triplice valor: — Motte escolhido com significativa delicadeza pelo Imperante, que o evocou de sua memoria em uma tragedia, de assumpto notoriamente democratico, *Guilherme Tell*, composição do principe durante as diversões de sua estudiosa juventude.

*Terminem trevas d'atra escravidão
Pelo brilhante sol da liberdade.*

Se a Suissa em Guilherme o seu luzeiro
Teve, que-lhe accendeu da vida o lume,
E só do gladio vencedor ao gume
Fez succumbir o despota altaneiro ;

Mais feliz o Imperio Brasileiro,
Que em tudo de natura o sceptro assume,
Um bemfeitor, um pae, um genio, um nume,
Possuiu no immortal Pedro Primeiro.

Desse heróe dos heróes digno oriundo,
Anjo é hoje da Brázila Nação
O novo Imperador — Pedro Segundo.

O exemplo do seu nobre coração
Submissos imitando, os Reis do mundo
Terminem trevas d'atra escravidão.

A ser pobre e pequeno acostumado,
Nunca incensei idolo vil mundano ;
A insignia sei honrar de veterano,
Não renego jámais do meu passado.

Mas hoje o filho do immortal soldado,
Do heróe brasileiro e lusitano,
Em meu livre alaude alçar — ufano —
É já meu pundonor, é já meu fado.

Lisongeiro e servil não o venero
Pelo esplendor da régia magestade ;
Cultos de coração lhe dou sincero.

Lá onde está seu pae — na Eternidade —
Vel-o, a par delle, coroado espero
Pelo brilhante sol da liberdade.

Este soneto, em seu final, triumphante, quanto era possível, da escassez do espaço e das exigencias do tempo, dá bem a entender a idéa philantropica do repentista.

Moniz Barretto firma-se na intima esperanza de que, em futuro proximo, o filho corresponda ao pae, isto é, completando a obra do Fundador do Imperio; fazendo crescer a preciosissima herança em nação inteiramente feliz pela identidade das condições de todos os seus habitantes; pondo o Brazil moralmente na altura de sua incomparavel natureza; remindo, enfim, mais de um milhão de escravizados, atravez de tres seculos, contra direito expresso e reconhecido em documentos officiaes, antes e depois de effectuar-se a emancipação politica do paiz.

Teria sido perfeito o improviso, se o poeta, de indole opposta e sobranceira a inveterados escravistas, occupasse um soneto inteiro, masculino, fulmineo, com o mais explicito voto pela abolição do captiveiro.

Releva, porém, observar que, ha trinta annos, a sociedade brasileira parecia refractaria aos vislumbres de propaganda abolicionista. Basta recordar que só em 1867, com o inesperado topico da fala do throno, penetrou, como um raio, no parlamento, a idéa da emancipação, entusiasticamente defendida por Martim Francisco, ministro da Justiça, estupefacto ante a impugnação radical das bancadas donde lhe atiravam o epitheto de agitador. Decorridos quatro annos, o magnanimo Visconde do Rio Branco empenhava-se no mesmo recinto, em formidaveis pugnas até aniquilar a *pirataria exercida em roda dos berços*.

E não é tudo. Ainda hoje, a cobiça do

negreiro, o mais sórdido e monstruoso dos vampiros, disputa até ao tumulto os restos do execravel dominio. No parlamento, onde não palpita o coração da patria, como bem o disse Joaquim Nabuco, ainda se regateia, a peso de ouro na balança da grande propriedade, mantida a pretexto de interesse do Estado em suas finanças, a pelle com os ossos dos escravos sexagenarios! Em tanto abatimento da consciencia nacional, talvez para muitos se afigure infundada a sublime confiança de José Bonifacio, assim absorto na sepultura do captivo:

Morreu o escravo, se desfez em pó;
Ferros lançai-lhe agora, se o podeis;
Vinde, tyrannos — elle está bem só,
Dictai-lhe agora leis!

VI

Para fechar com chave de ouro a parte commemorativa de algumas das vigorosas meditações do repentista bahiano, transcreveremos integralmente o eloquentissimo preito de fraternal saudade ao mais erudito e laborioso dos nossos poetas lyricos, ao mallogrado cantor dos *Tymbiras*. Não houve mais expressiva mostra de condolencia, quando a infausta noticia do naufragio e passamento do bardo maranhense, communicando-se por todas as vozes da natureza brazilica, repercutiu em toda a America e afinou todas as lyras da patria, synthetisadas em unisono de immensa orchestra para a condigna apotheose.

A GONÇALVES DIAS

I

No mar, ao gemer da vaga,
Em hora triste, aziaga,
Do desditoso Gonzaga
Fenece o grande rival ;
E, nessa extrema agonia,
À patria querida envia,
Sua ultima harmonia,
O seu suspiro final.

As brisas, que as derradeiras
Vozes lhe ouviram, ligeiras,
Vêm dar aviso — ás palmeiras —
Da morte do seu cantor ;
Pelas florestas entraram,
E, ao sussurro que espalharam,
Essas arvores vergaram,
Como açoutadas de dôr !

O sabiá, que presentira
A eterna mudez da lyra,
Que em seus cantos applaudira
Delle o canto, emmudeceu ;
E, depois, triste e queixoso,
Um hymno melodioso,

— Como o que então saudoso
Ao pôr-se o sol — desprende.

N'um forte bramido o Atlante
Vem ao *de Pedra Gigante*
Annunciar o extremo instante
Do poeta que o cantou;
Quebra-lhe o somno o alarido
Por essa nova movido,
E longo, estranho gemido
Por todo o espaço echoou!

Do teu cysne o caso infando
Tu, Parnahiba, escutando,
De angustiado parando,
O disseste ao Maranhão...
As maguas, que a patria sente
Com perder o filho ingente,
Só d'este a musa valente
Descrevera; a minha — não.

II

Sentiu no seio o Oceano um fogo,
Quasi como o do sol, quando la cae;
É que da mente acesa do poeta
Co'a morte a chamma etherea não se esvae.

Quem sabe se não é para que a terra
Salve do risco de mais um volcão,
Que o céo decreta que no mar o genio
Morra, e descance em alagado chão?

Os vates são tambem astros que accende
Como pharões no mundo a mão de Deus ;
E, de todo, o sepulchro não apaga
A luz dos craneos inflammados seus.

Astro, e bem luminoso, da poesia
Era o sublime, brásilo cantor ;
E, onde se sepulta o rei dos astros,
Sepultal-o tambem quiz o Senhor.

Não lamentemos, pois o bardo insigne
Que do alto pego nos abysmos jaz ;
Talvez naquelle cemiterio vasto
P'ra os mortos haja mais solemne paz.

Uma cruz talvez lá presida ás campas,
Talvez altares tenha lá tambem.
Ali sombreiam o jazigo as ondas,
Que a côr tristonha dos cyprestes têm.

Lamente, sim, a Patria haver perdido
Um de seus genios que mais viu brilhar,
Tão moço ainda e tão votado a ella,
Que mais pudera, se vivesse, a honrar.

Lindos olhos de donzellas,
Eternisados naquellas
Mimosas canções singelas,
Chorai o vosso cantor !
Chorai, ternas brazileiras,
Chorai, meigas estrangeiras,
Uma das lyras primeiras,
Mais afinadas de amor !

Chorai, patria minha amada,
D'esp'ranças tão desfolhada,
Essa estrella descravada
Da vossa c'rôa immortal !
Orvalhem, sim, nossos prantos
A harpa, que nos deu cantos
Que foram nossos encantos,
Encantos de Portugal !

Manes de tribus selvagens
Do Brazil, — sob as ramagens
Dos bosques — vinde homenagens
Render ao bardo christão,
Que sublimou vossas guerras,
Vossos amores e serras,
Cantando a melhor das terras,
Terra de seu coração !

Musas, que as encantadoras
Vozes lhe ouvistes canoras,
Enviai sempre, nas horas
Do vespertino arrebol,
Dos *Cantos* á magestade
— Que do mar na immensidade
Dorme — um hymno de saudade
No raio extremo do sol!

Se em taes versos não se patenteia o genuino poeta, alma vibratil aos mais puros affectos em todos os sentidos e para todos os fins, dil-o-ha francamente a critica sensata, extreme de preconceitos na frieza da razão, superior ás convenções de uma escola ou de uma época, incapaz de levar-se pelo amor ou pelo odio, intemerata no louvor ou na censura, conforme o progresso ou decadencia dos autores alternativamente criticados.

Sem reduzir o critico á pedra de amolar, nem ampliar-lhe o officio na solução dos mais arduos problemas de moral, de metaphysica e de historia, apraz-nos o

justo meio entre a humildade de Corneille, réo confesso de infracções aos preceitos aristotelicos, e a arrogancia de Victor Hugo, juiz em causa propria, ligando suas obras ás theorias mais grandiosas.

Não obstante a sentença de Boileau — *la critique est aisée et l'art est difficile* — a critica é tão difficil quanto a arte, ou o artista se faça critico, ou o critico excite os artistas á producção de modelos que lhe é impossivel crear.

Não deve, porém, a critica, a proposito de algumas poesias, meditadas ou repentinas, agitar questões que desperta o exame dos poemas e dos productos de largo folego. O objecto deste estudo não é uma epopéa, um drama, um romance, ou uma trilogia, em que se pretenda resumir toda a historia humana, isto é, o finito, o infinito e suas relações; o passado, o presente e o futuro; o homem, o mundo e Deus; o bem e o mal em lucta eterna ou em caminho de reconciliação.

A questão aqui é verificar se nos versos escriptos de Moniz Barretto ha exuberancia de talento poetico, magnitude de inspiração, pureza de linguagem, opulencia de fórma e segurança de metro.

Isto posto, de prevenções benevolas appellaremos para o gosto de criticos imparciaes, legitimos cultores do bello, generosos obreiros da gleba litteraria, affeitos a sério estudo, dignos apologistas da esthetica de Lessing, Schlegel, Gœthe, Sainte-Beuve, Taine, Hegel, Gioberti, Cousin, Th. Gautier, Saint-Victor e Menendez Pelayo ; appellaremos para observadores conscienciosos, de merito intrinseco, de reputação inequivoca, de probidade artistica, sem menospreços fatuos aos moldes antigos, á rhetorica de Quintiliano e á poetica de Horacio, sem o prurido das innovações, sem basofias de prioridades, sem resaibos de inveja, sem ambição de edificar sobre ruinas do proximo, sem a irreverencia caracteris-

tica de novos iconoclastas, que por ahi andam, com direito de cidade.

Ante o criterio de mestres tão ricos de experiencia, quão viçosos ainda de imaginação; ante a emulação de confrades tão cheios de talento, quão respeitaveis uns pelo sacerdocio do trabalho, outros pela coragem das opiniões, não ha lisonja em reconhecer a competencia de Francisco Octaviano, José Bonifacio, João Cardoso, Machado de Assis, Franklin Doria, Tobias Barreto, Joaquim Serra, Franklin Tavora, Alfredo Taunay, Luiz Guimarães e Sylvio Romero. (*)

Cabe-lhes, por jus de nascença e de

(*) Á frente de taes nomes figurava o de José Maria do Amaral, quando sahio a lume este capitulo. Agora, porém, que não pertence ao numero dos vivos o ancião, cujo soffrimento, em seu eloquentissimo dizer, *transpoz antes da morte a sepultura*, cortejemos, entre os brasileiros mais distinctos de saudosa memoria. o venerando mestre, aquelle espirito exemplarissimo, não só em seus predicados de jornalista, diplomata e poeta, mas tambem na pureza da sua modestia, que nunca se disvirtuou na enormidade do seu infortunio.

conquista, enunciar o *veredictum* no julgamento da essência e da forma, da intuição e da arte em Moniz Barretto, sem as preocupações de quaesquer idades e escolas, em questiunculas de poesia *objectiva* ou *subjectiva*; *pessoal* ou *impessoal*; *imaginosa* ou *scientifica*; *idealista* ou *realista*; *nacional* ou *cosmopolita*; *classica*, *romantica* ou *eclectica*. Taes differenciações, dichotomias e quejandas novidades litterarias, só servem de mutilar a natureza humana.

Estudemos, agora, o poeta em sua feição excepcional, unica em todo o Brazil, atravez das influencias mesologicas, normas ou accidentaes que, directa e indirectamente contribuíram para expansão, lustre e realce de tão natural e repentino estro.

VII

Com a seductora esperança de vir ainda uma vez ao Rio de Janeiro (*) e publicar, em dous ou tres volumes, seus mais applaudidos versos, entretinha-se a existencia do repentista, quasi sexagenario, que, sempre embevecido em Deus, na liberdade e na patria, era, pelo valor

(*) Conservava o poeta as mais gratas recordações da capital do Imperio, onde se lhe inflammara o estro juvenil, na effervescencia da politica, em successos occorridos antes da abdicação de D. Pedro I e nos primeiros annos da menoridade.

O brioso ancião sentia-se reviver no passado, ao evocar integralmente da memoria scenas e lances do mais puro civismo, de que fôra testemunha inseparavel.

O liberalismo de Moniz Barretto arraigara-se-lhe n'alma com os exemplos de hombridade e abnegação, tão fecundos e ainda hoje tão novos quão difficeis de imitar, porque vae faltando o elemento principal: aquella fibra de character, que se impunha á força mais despotica e imprimia seriedade a tudo, quando fallava a consciencia do dever; quando o

crescente dos improvisos, o rei e a alegria dos salões bahianos, em festas de família ou solemnidades de regosijo nacional.

Então imperava em todos os ouvintes a sempre verde musa de Moniz Barretto, qual se fosse um oraculo, attractivo auspicioso em seu hospitaleiro lar, pessoa de trato amenissimo, enlevo e orgulho de

parlamento era nobilissima arena de indefessos gigantes; quando era assiduo espectador o genuino povo, absorto e honrado em seus mandatarios legitimos; quando os lidadores tinham por empenho de honra a causa do futuro; quando em todos elles, victoriosos ou vencidos, batia o coração da Patria; quando a energia nacional personificava-se em Antonio Carlos, José Bonifacio, Evaristo da Veiga, Feijó, Gonsalves Ledo, Lino Coutinho, Araujo Lima, Alves Branco, Bernardo de Vasconcellos e Paula Souza.

Como ficar impassivel a tão poderosas influencias?

Duplamente impregnavel, em seu coração de joven e bahiano, o repentista, ardendo na mesma febre patriotica e arrebatado pela onda popular, desafojava-se em volcanicas estrophes, exuberantes de altivez e jubilo democraticos.

Entre os poucos sobreviventes a quantos, em tão ruidosas e memoraveis occasiões, presenciaram mais de um triumpho alcançado pelos arroubos do poeta, colhe-se precioso testemunho na lembrança e na

constantes discipulos, taes como Agrario de Menezes, Augusto de Mendonça, Rodrigues da Costa, Ayres Freitas, Americo Brazilio, João Freitas, Franklin Doria, Almeida Couto, Cunha Valle, J. Caetano da Costa, Symphronio Coelho, Domingos Seixas, Gustavo de Sá e outros, cujas primicias ainda hoje dão testemunho de inequivoco apreço aos raros dotes do mestre que aliás parecia collega.

A fecunda emulação d'este grupo de gratos adeptos e entusiastas assíduos enriquecia-se do contingente espiritual e, muitas vezes, da presença de Adelia da

palavra fidelissima de dous conspicuos cidadãos, os srs. conselheiro Manuel Pacheco da Silva e Dr. José Maria Velho da Silva. Este litterato, válido obreiro do porvir em conquistas do magisterio, e lucido repositório do passado em rememorações de factos da historia patria, ainda guarda vivissima impressão de uma glosa, que ouvira, em 1831, improvisada por Moniz Barretto ao seguinte mote:

Defender os patrios lares,
Manter a Constituição,
Sustentar a Independencia
É a nossa obrigação.

Fonseca — a Bahiana Sapho — assim chamada por Gonçalves Dias.

Entre esses nomes, alguns dos quaes já passaram lustrosamente para a historia na vida de além campa, é licito incluir o de Laurindo Rabello, aguia do Guanabara, transfigurada em prófugo alumno de medicina, indo abrigar-se na terra de Moema; talento espontaneo, vivacissimo, privilegiado para discorrer horas inteiras, após um thema qualquer, assombrando e reduzindo ao silencio os contendores proficientes no assumpto.

N'um livro de poesias, Laurindo, elevando-se do amor proprio ao reconhecimento de legitima superioridade no improviso em verso, dedicou algumas paginas — a seu mestre e amigo Francisco Moniz Barretto.

Taes recordações se remontam á idade aurea da Bahia.

Durante esse inolvidavel periodo, o portentoso engenho do repentista alcançou

triumphos esplendidos, produzindo mais effeito e deixando melhor vestigio do que os outeiros de Bocage. Em suas extravagancias de bohemio e na cegueira do orgulho, Elmano improvisava *coram populo*, a pretexto de nugas, para servir a caprichos de peraltas, para ganhar doces dos conventos nas festas da abbadessa, quando se lhe não deparavam Castalias e Hypocrenes no interior de botequins e tavernas, ao gosto de admiradores desenvoltos e cynicos, mais amigos da libertinagem no pré-gador da *Pavorosa illusão da Eternidade*, do que tributarios do maior talento poetico de Portugal no autor da *Saudade materna*, da *Medéa*, do *Tritão*, de *Leandro e Hero* e do incomparavel soneto *Meu ser evaporei na lida insana*.

Eram bem outros os torneios litterarios da Bahia, engrinaldados por senhoras duplamente bellas, emparaisados de harmonias, luzes e flores, em sociabilidade morigeradora, irresistivel á creatura mais

excentrica ; em confortaveis lares ; em pittorescos arrabaldes ; no alto do Bomfim ; na ponta de Montserrat ; nas povoações da Barra e do Rio Vermelho ; em noites quaes as da vespera de Natal, de Reis, de Paschoa e de S. João ; em convivios até romper a madrugada ; em dias estivos á sombra das mangueiras ; em calorosas palestras, á beira mar, ao sol posto ; entre cantilenas de anjos da terra, em longos embevecimentos, ao clarão do plenilunio, que prateava os areiaes da praia requestrada pelos soluços do oceano.

Onde melhores fontes de inspiração, quando a alma do poeta era divino instrumento, vibrado por todos os effluvios da natureza ?

Bellos tempos que não voltam !

Galeava a Bahia, a trasbordar de jubilo, em pompas de riqueza ganha pela sua principal industria, hoje decahida.

A capital, primitiva então Athenas Brasileira, sustentava os seus fóros n'uma

assembléa provincial, constituida por intelligencias do quilate de Wanderley, Fernandes da Cunha, Tiberio, Barbosa de Almeida, João Barbosa, Victor de Oliveira, Saraiva, Landulpho, Junqueira, Dantas e outros.

O magisterio na Faculdade de Medicina fulgurava em Ataliba, Jonathas, Eduardo França, Malaquias dos Santos, Cabral, Queiroz e outros, cuja proficiencia teve a fortuna de transmittir-se a discipulos honrosissimos em Faria, Rodrigues, Alvares da Silva, Virgilio Damasio e Jeronymo Sodré.

Que lustroso corpo academico, viveiro de poetas e prosadores!

Que victorias de ensino secundario, em collegios de miraculosa emulação, qual a do *Gymnasio Bahiano*, dirigido pelo Dr. Abilio, e donde sahiram para os cursos superiores, para a politica, para a administração e para a gloria Satyro Dias, Ruy Barbosa, Araujo Pinho, Benicio de

Abreu, Carvalho, Rodolpho Dantas e Castro Alves!

Que gosto esthetico em toda parte!

Que eloquencia natural em cada estudante ou artista bohemio! Que paixão pela musica! Que poesia lyrica, subjectiva e objectiva, até no *capadocio* a desfazer-se em trovas, alta noite ao luar, e só acompanhado pelo choroso violão, em frente á occlusa janella de seu querido bem!

É ainda desses tempos a grata recordação do illustre senador fluminense, Francisco Octaviano, quando se exprime assim:

« Desde o salão do fidalgo até o par-dieiro do operario, a cidade de S. Salvador é um concerto geral, sobretudo na vigilia do sabbado, a deshoras, em noites de luar. Quantas vezes, depois de ouvir as harmonias italianas ao piano de alguma senhora da alta sociedade, eu parava extasiado junto da rotula de algum pobre mercenario, para decorar a letra impro-

visada, mas sempre terna, de uma mo-dinha brasileira! »

No theatro, verdadeiro sanctuario das musas, que chuveiros de applausos, que alluvião de flôres, que effusões de enthusiasmo até ás lagrimas, que justas litterarias na estréa de João Caetano, no beneficio da Tassini, na desforra da Bocomini, á passagem meteorica de Arthur Napoleão, nos concertos de Croner, de Reichert, de Esmeralda Cervantes, nas representações dos dramas e comedias de Agrario, ante a nova escola artistica em Furtado Coelho, á chegada do tenor Palmieri, á partida do chorado Taborda!

Que ardentissimas porfias no culto do bello! Que extremadas opiniões, quando a rivalidade, natural ou ficticia, da *contralto* com a *soprano* chegava a atear o facho da discordia entre as familias mais unidas pela amizade ou pelos vinculos do sangue!

« — Isto já não é theatro! é um jar-

dim botanico! » Attingido por alguns ramilhetes que erravam o alvo, assim dizia, com ares de amuado, o venerando marechal Luiz da França, espectador infallível e neutro naquelles incruentos campos de batalha onde, por mais que perdessem os contendores, lucrava sempre o objecto das contendias.

Havia homens especiaes, insubstituiveis, para exaltar o gosto até o delírio dos folguedos, nos salões e nas ruas. Poder-se-hiam admittir festas religiosas sem foguetes, sem zabumba, sem procissão; era inadmissivel, porém, um prestito festivo de encher os olhos, sem que estivesse á sua frente o capitão Fausto, pilha electrica ambulante em fórma de homem. O sympathico Portella, cavalheiro de fina educação, animava os sarãos com a galhardia da sua presença e a jovialidade da sua palavra.

Em certas occasiões, taes como ao chegar alguma companhia lyrica, era dif-

facilimo obter despachos da secretaria do governo, porque o seu chefe, Dr. Luiz Maria, ficava dividido entre a obrigação e a devoção, quando o não arrebatava de todo o ensaio da opera, esse duende erguido inesperadamente na caixa do theatro. E não havia remedio senão conformarem-se as partes com a razão de força maior.

Até a imminencia de conflictos entre a plebe e a tropa de linha assumia proporções grandiosas, que attestavam o ardor varonil do character bahiano, como, por exemplo, quando o impavido capitão Alves, em pleno theatro, guardado pelos fuzileiros do bravo Argollo, n'um lance de civismo, atirou-se da platéa ao proscenio, com a resolução de rasgar o panno de boca, em cuja pintura se divisava offensa aos brios nacionaes. Retirado o panno, restabelecida a ordem e preso o intrepido agitador, foi elle visitado na prisão e restituído a seu domicilio por

milhares de concidadãos de todas as classes. (*)

Em quadra mais recente e ainda reflexo desses bellos tempos, sirva tambem de exemplo o embate do povo com o batalhão de infantaria commandado pelo coronel Frias Villar, que, em temerario impeto e por occasião da grande parada no dia 2 de Julho, mandou carregar baioneta sobre a gente inerme. O sangue de algumas victimas quasi produziu uma revolução. O acontecimento complicou-se de tal modo que o batalhão teve de embarcar precipitadamente e sahir barra fóra, por ordem telegraphica do ministro da Guerra, Duque de Caxias.

O arrojado commandante viu-se em serios embaraços para subtrahir-se ao furor da turba e não perder, com a vida,

(*) Era então presidente da provincia o Dr. João Mauricio Wanderley, hoje barão de Cotegipe. Ninguem melhor que S. Ex.^a poderia certificar a que grau de calor subiu a alma publica, em tão memoravel conflicto.

todas as honras adquiridas na campanha do Paraguay. (*)

Tempos venturosos de exemplarissimo ensinamento!

Se a cidade de S. Salvador não concretisava uma idéa grandiosa á semelhança dos centros commerciaes da Inglaterra, representando a sciencia applicada a facilitar os progressos da industria; se ao estrangeiro, de passagem, não se depa-
ravam columnas de chammas, nuvens de fumo, turbilhões de locomotivas em torno de mil fabricas, immensas colméas humanas, tambem não o affligia o contraste dos felizes adoradores de Mammon, dos ambiciosos millionarios com as victimas

(*) O Dr. Venancio Lisboa, que n'essa occasião presidia a provincia, é hoje o mais competente para dizer se exageramos o facto. Na opinião de conservadores, os liberaes exploraram a lamentavel occurrencia, augmentando-lhe as proporções ao sabor do espirito partidario. Asseguram, porém, liberaes que o governo teria succumbido ante a desordem na indignação popular, se não fosse a benefica interferencia do conselheiro Dantas.

da miseria e da fome. Para occorrer á necessidade quotidiana, as classes menos protegidas achavam occupação digna de alimentar as alegrias na pobreza!

Então medrava a Bahia na abastança, era toda assucar em suavidade de costumes, em franqueza hospitaleira, tão doce quanto os seus fructos nativos e o seu principal producto de industria, fabricado por centenas de engenhos no valor de muitos milhares de contos.

Só havia uma nodoa, mas immensa, perenne, a deslustrar o bellissimo quadro. Era a mancha agoureira do progresso; era o captiveiro, que ainda hoje lá existe como em quasi todo o Imperio; eram centenas de milhares de escravos, pela mór parte despejados, no littoral da provincia, dos horrorosos porões de navios negreiros; eram as victimas da cubiça humana, satanicamente exercida, em tolerado insulto á civilisação e a Deus, no hediondo trafico de africanos!...

Hoje se extorce a generosa Bahia, em visível decadência material e moral; suas jóias estão todas empenhadas, em condição identica á de tantas irmãs, só progredindo no *deficit* de seus orçamentos e na falta a compromissos financeiros. Póde-se dizer que a provincia, hoje servida por ferro-vias, bonds, engenhos centraes, linhas telegraphicas e navegação de longo curso a vapor, está mais pobre que outr'ora, em barquinhos de vela, cadeiras de arruar, estradas de cargueiros, morosos estafetas e moendas rotineiras.

Pareceria castigo divino a triste realidade, se não fossem conhecidas as causas de semelhante abatimento. Os proprietarios contavam com a eternidade do braço escravo e com a producção indeclinavel dos cannaviaes. O dinheiro de safras copiosas, obtidas com o suor dos captivos nos vastos latifundios, inutilisou-se, perdeu-se, como em verdadeiro tonel das Danaides, por ignorança de uns, por vai-

dade e luxo de outros, por desleixo de quasi todos os lavradores.

Junte-se a tudo isto a centralisação politico-administrativa, esse monstruoso polvo de nova especie, que vai absorvendo a restante seiva de todas as provincias, e ter-se-ha a explicação do phenomeno.

Pobre Bahia, tão cheia de paciencia quão desajudada de teus filhos mais poderosos, não obstante os ciumes que ainda inspira a ascensão d'elles aos mais altos postos do Estado!

Gentriz de homens-aguias, mãe adoptiva de Gracchos, és sempre das primeiras a entrar na refrega, ante emergencias tormentosas da patria! Assim te desfazes das tuas alegrias, do teu socego, dos teus cabedaes e do teu sangue! E assim ficas, á espera da victoria, no ermo do lar, com a mesma resignação da matrona que entregava a prole á sorte da guerra, dizendo-lhe apenas: — Sobre o escudo ou com elle!

— Sempre a Bahia! — Observava o Imperante, reconhecido ás consecutivas levas de voluntarios para a cabal desaffronta do Brazil no Paraguay. (*)

— Sempre a Bahia! Disseram nacionaes e estrangeiros, attentos a causa da humanidade, brilhantemente defendida, no projecto da lei de 28 de Setembro, pelo Visconde do Rio Branco.

— Sempre a Bahia! Ainda hoje dizem conservadores, liberaes e abolicionistas, monarchicos ou republicanos: estes influidos pela sêde de gloria do Conselheiro Dantas; aquelles cheios de reverencia para com a probidade exemplar do Conselheiro Saraiva; aquell'outros cada vez mais crentes no indefesso talento do Barão de Cotegipe.

Entretanto, ainda ha quem diga, esque-

(*) Realmente sobresahiu a todas a Bahia, contribuindo com quasi o mesmo numero de soldados que o Rio Grande do Sul; porquanto esta provincia achava-se muito mais perto do theatro da lucta, è, por força das circumstancias, mais aguerrida, e cumpria-lhe empenhar-se mais que todas pelo triumpho, porque a invadiram os paraguayos.

cendo tantos prestimos, tanta abnegação: — O Brazil é da Bahia e a Bahia é dos bahianos.

Onde mais clamorosa injustiça, mais falso testemunho?!

A Bahia foi e será sempre de todos. Sirvam de attestado a eleição de José Bonifacio, quando proscripto, e o acolhimento que lá mereceram os presidentes Cruz Machado, Homem de Mello, Pedro Luiz e outros, se não é prova bastante a hospitalidade tradicional daquellas plagas.

Hoje a Bahia está quasi em petição de miseria, ao passo que o Rio de Janeiro é o sorvedouro de todo o Brazil.

Eis a resposta categorica a ingratos detractores, ó berço de estadistas, poetas e bravos; ó terra de proverbial heroismo, tanto mais invejada quanto menos protegida de teus sustentáculos naturaes! Vive das tuas briosas tradições, da fama alcançada por teus filhos, depois que te

deixam, attrahidos pelo acenos da fortuna em remotas provincias, em paizes estranhos!

Teus filhos voltam, é verdade, com a victoria, mas não para o teu regaço, não para o solo feracissimo, onde se formou, com o nucleo do Imperio actual, o inextinguivel estímulo da eloquencia sagrada em Fr. Bastos, da oratoria politica em Miguel Calmon, da historia em Rocha Pitta, da satyra em Gregorio de Mattos, da engenharia em Silva Pontes, da jurisprudencia em Silva Lisboa, da bravura militar em Argollo, do civismo em Rebouças, da poesia elegiaca em Borges de Barros, da poesia dramatica em Agrario de Menezes, da musica em Damião Barbosa, da pintura em Theophilo e das feiticeiras dansas em todo o bello sexo.

Muitos não podem voltar, porque os retêm a seductora côrte na variedade dos seus divertimentos, na largueza de seus commodos, no interesse de suas em-

prezas, na persistencia de seus trabalhos.

Alguns, porém, não querem voltar, porque descançam na vitaliciedade do senado, verdadeira Siberia, pelo intenso frio que os toma de indiferença para com a terra natal.

Emancipado das urnas e continuando a influir sem ser influido, cada senador arvora-se em chefe. Converte-se dest'arte o systema politico — de monarchia representativa em olygarchia parlamentar, constituindo-se o senado centro de resistencia á disciplina imprescindivel dos partidos e ao traquejo administrativo nas minimas circumscripções.

Cesse a egoistica centralisação, para que se restaure a provincia ; cesse a desastrosa interferencia da politica de grupos e de interesses pessoaes em negocios privativos da administração ; cesse a representação vitalicia, para que se assegure, com a temporalidade do mandato, a renovação da confiança do povo em seus propectos mandatarios.

Isto não é pretensão de ridiculo bairrismo ; é, pelo contrario, ardentissimo desejo de accrescimento nacional. Não ha somma avultada, quando as parcellas são pequeninas.

É forçoso que a Bahia, ainda hoje possuidora de tantos elementos de prosperidade, recupere toda a esplendidez, toda a energia, toda a vitalidade proprias de uma provincia superior, qual realmente era, quando inspirou a Moniz Barretto os seguintes versos :

Eu não troco a minha terra
Por nenhuma de além mar ;
Delicias, que nella gozo,
N'outra não hei de gozar.
Possuir os ossos meus
Só ha de, mercê de Deus,
Minha Bahia gentil ;
A terra dos meus ardores,
Dos meus primeiros amores,
Princeza do meu Brazil.

Para confirmação d'esse titulo princi-

pesco, assim apregoado em voto poetico de filho extremoso, bastará tomar por assumpto de fiel narrativa, d'entre os que mais illustram a historia patria, o maior dia dos bahianos, o 2 de Julho, festejado por elles em plena consciencia de indisputavel grandeza.

Em honra de tão auspiciosa data, motivo sempre novo de enlevos e triumphos para o estro de Moniz Barretto, perfeitamente accorde com a indole da sociedade que o possuia, não descabem n'este livro algumas paginas commemorativas da homenagem popular a immorredoros feitos, quaes os praticados pela Bahia, quando, em seu proprio territorio e com o sangue de seus filhos. tanto contribuiu para affirmar-se a Independencia do Brazil.

VIII

A Grecia antiga, que encheu os poemas de Homero e os dramas de Eschylo, preparava, á sombra da paz, os seus guerreiros nos jogos olympicos.

O cavalleirismo da idade média, com sua divisa — Deus, patria e damas — tanto se recommenda nos bellicos arrojados de cruzadas a Jerusalem, quanto no delirio festival dos paladinos em justas e torneios de Hespanha.

Actualmente as exposições internacionais, sobrelevando a todos os manifestos da civilização antiga e medieva, synthetizam, em festas do trabalho, em certames da industria, os progressos do homem na eterna luta do espirito com a materia.

Guardadas as proporções, não era me-

nos edificante, expressivo e fecundo, em dias de prosperidade, o povo bahiano patrioticamente absorto, para incentivo proprio e exemplo aos vindouros, na commemoração jubilosa do seu involvidavel 2 de Julho.

Imagine-se uma combinação maravilhosa de flores, luzes, bandeiras, insignias, emblemas e divisas de todas as côres, n'uma columna de numerosos batalhões patrioticos, perfeitamente uniformisados e desfilar em marcha triumphal até o ponto objectivo; imagine-se uma jovialissima convivencia de parentes e amigos, com todos os attractivos de confortavel sarão, em cada habitação por onde passava o deslumbrante prestito, atravez de alguns kilometros; imagine-se o inexprimivel conjunto de girandolas, fogos cambiantes, hymnos marciaes, palmas e vivas estrepitosos a discursos e versos que acendiam a chamma do patriotismo em mais de cem mil almas. Acima de

tudo isto imagine-se a alacridade popular a transluzir, durante uma semana, em todos os semblantes, sem distincção de sexos, idades, raças, condições e classes, identificados em honra da patria, influidos por um só desejo — o de folgarem até o derradeiro instante do incomparavel dia 2 de Julho, que aliás durava muitos dias, reproduzindo-se os festejos, em miniatura, por algum arrabaldes e cidades da provincia.

Lia-se a faustissima data ao longo das ruas, no meio das praças, em palacios e tugurios, no templo e no theatro, na escola e na officina, em claustros e fortalezas, nos hospitaes e nos quarteis, em fardas bordadas e vestidos de seda, em blusas e casacas, por sobre a cabeça e o coração de patriotas a festejarem o 2 de Julho.

Na cidade de S. Salvador, a 3 de Maio, começavam, mediante uma associação composta de cidadãos distinctos, os aprestos

para o vistoso paílanque, artisticamente destinado a servir de receptáculo dos emblemas da emancipação, isto é, dous grandes carros onde se fixavam as garbosas figuras de um caboclo e sua companheira supplantando o despotismo em fôrma de dragão (*).

Durante dous mezes preparavam-se clero, nobreza e povo com as mesmas previsões de quem resolve uma viagem á roda do mundo. Taes preparativos, ás vezes, denunciados por falsos boatos, mórmente quando a situação era dos conservadores, obrigavam o presidente da provincia a requisitar do governo geral mais força de linha, com receio de alteração da ordem pública. Gratuitas apprehensões da politica, inteiramente desmentidas pela indole pacifica e órdeira do povo bahiano.

(*) Ainda hoje o programma é quasi o mesmo. Ha, porém, tão frouxo enthusiasmo e tão diminuta concurrencia que nem parecem a sombra do que foram.

Tres dias antes de raiar a tão auspiciosa aurora, um bando de centenas de cavalleiros e milhares de peões, mascarados e vestidos phantasticamente, percorria as ruas principaes da cidade alta, distribuindo em avulsos e apregoando em verso o programma da solemnisação.

Os estudantes de medicina, os alumnos do lyceu e de collegios particulares, os lavradores, os caixeiros nacionaes, os jornalistas e os typographos, os artistas, os artifices e até a puericia escolar, alistavam-se, constituindo regimentos e batalhões, devidamente organizados, com os seus distinctivos, patentes, direitos de precedencia e recursos pecuniarios para musicos, archotes e despezas eventuaes.

Dessas legiões de paizanos sahiram briosos voluntarios para a campanha do Paraguay, onde ganharam a victoria ou perderam a vida em holocausto ao desagravo da patria.

Á noite de 1 de Julho formava, em

ordem de marcha, qual se fosse um corpo de exercito, a enorme columna, subdividida em brigadas, sob a direcção de verdadeiros militares, taes como o marechal Luiz da França, os brigadeiros Favilla, Evaristo Ladisláo e Faria Rocha, os coroneis Marcolino Moura e Manoel Jeronymo, sendo o commando chefe, algumas vezes, assumido por cidadãos de maior influencia na occasião, como por exemplo, em 1874, o conselheiro Dantas.

Chegados ao largo da Lapinha, quasi ao alvorecer do incomparavel dia, e depois de um trajecto de muitas horas, as phalanges patrioticas, tendo á frente os restantes veteranos da Independencia, vestidos como outr'ora durante a campanha, e perfilados em torno da bandeira vetusta, reliquia de Pirajá, ajuntavam-se á guarda nacional e á tropa de linha, resplendentes em seus uniformes, guarnecidos de folhas auri-verdes (*).

(*) Até os allemães e norte-americanos, residentes

Ao restrugir dos clarins, tambores, bandas militares e foguetes, movia-se o prestito entre alas compactas de povo apinhado nas ruas e sob as acclamações de galantes senhoras, que engrinaldavam as janellas colgadas de seda e damasco. Assim eram conduzidos á mão os dous carros symbolicos, chegando, ás 2 horas da tarde, ao terreiro de Jesus, onde entravam como, em 1823, o exercito emancipador, quando as forças lusitanas, commandadas pelo general Madeira, desoccuparam a leal e valorosa cidade.

Não era mais imponente a entrada triumphal dos heróes gregos e romanos, em regresso de suas cruentas victorias na Asia e na Africa.

Que indescriptivel e magestoso entusiasmo no auge do delirio, em toda aquella catadupa de gente a reluzir, a ferver, a

na provincia, influiam-se tomando parte no prestito como se estivessem festejando alguma victoria de Frederico o Grande ou de Washington.

redemoinhar sob chuva de flores e poesias em avulsos, acenos de chapéus e lenços, explosões de vivas e baterias de palmas! Entoados, depois, os canticos religiosos, atroavam canhões e fuzis nas descargas que respondiam em continencia ao solemne *Te-Deum*, celebrado em acção de graças no vasto recinto da cathedral!

Quasi ao cair da noite desfilava a tropa em cortejo á effigie do imperante e dos obreiros da Independencia.

Estrangeiros recémvidos pasmavam, deslumbrados ante o magnetico effeito daquelle imprevisto quadro, digno de perpetuar-se em télas de Salvator Rosa e paginas de Victor Hugo.

Dir-se-hia que a natureza e a arte combinavam-se em seus melhores productos para condignamente solemnisar-se o dia dos bravos no limpido azul do céu, no maximo fulgor do sol, na superabundancia e no viço das flores, nos trajos do bello-sexo, no garbo e no lustre da

tropa em grande parada, nos trophêos de armas emoldurando effigies de heróis, nas bandeiras galhardamente desfraldadas, na repercussão dos hymnos marciaes, desferidos aos quatro ventos, nas salvas de artilheria a responder pelo mar, nas expansões, em summa, da alma publica, tributaria das glorias avitas, guardadas pelo amor da patria.

Sob tanta influencía nem o burel do frade amortecia os ardores patrioticos do cidadão. Haja vista o famoso *Hymno da cabocla*, attribuido á penna do monge beneditino Junqueira Freire, que do retiro claustral soube arrebatar as turbas, resumindo os brazões tradicionaes da terra de Moema e Paraguassú nestas igneas estrophes:

Sou india — sou virgem — sou linda — sou debil,
 — É quanto vós outros, ó *tapes*, dizeis!
 Sabei, bravos *tapes*, que eu sei com destreza
 Cravar minhas settas no peito dos reis!

Quem viu-me nas liças, — quem viu-me covarde,
 Aos silvos da flexa quem viu-me escoar?
 Eu sou como a onça — pequena e valente,
 Eu sei os perigos da guerra affrontar.

São seis as victorias que cingem-me a testa,
 — Não vêdes, ó *tapes*? — meus louros são seis.
 Quem cinge na testa seis louros de gloria,
 Não teme essas tropas compradas dos reis.

As minhas façanhas espantam aos *tapes*,
 Invejam-me todos as altas façanhas :
 Só ellas são como penhascos gigantes,
 Só ellas são como *brazileas* montanhas !

Só ellas não curvam-se ao mando dos homens,
 Só ellas conculcam despoticas leis ;
 Só ellas humilham a frente aos tyrannos ;
 Só ellas abalam o throno dos reis.

Meus membros são debeis, qual junco flexivel,
 Meu pé tão mimoso — dizeis — tão maneiro !
 Meu pé tão mimoso — sabeí que elle esmaga
 O collo possante do vil estrangeiro !

Sou india, sou virgem, sou debil, sou fraca,
 — Só isso vós, *tapes*, injustos dizeis,
 Sabei, bravos *tapes*, que eu sei com destreza
 Cravar minhas settas no peito dos reis !

Nem mesmo o desaparecimento do sol esfriava o entusiasmo da população.

Durante tres noites consecutivas estrelava-se de luminarias toda a cidade, regorgitando de povo os largos e praças onde se erguiam vistosos coretos e arcos triumphaes.

No grande palanque do Terreiro, brilhantemente adornado de galhardetes, sa-nefas e globos multicores, abria-se re-creativo certamen para quantos tribunos em prosa e verso disputassem a palma da victoria no vigor do pensamento e na elegancia da fórma. Alli verificavam-se então, na inconstancia do auditorio, caprichos da fortuna em subir ao Capitolio os heróes, para logo despenhal-os da rocha Tarpéa.

No theatro de S. João, em apparatuso es-pectaculo de gala, onde se representavam dramas de assumpto patriotico e quasi sempre de autores bahianos, celebra-vam-se justas poeticas de maior alcance,

entre contendores de real merecimento na estima publica, acima dos quaes sempre avultava o famoso repentista, o inexcedivel Moniz Barretto. Convertia-se assim o theatro em Parnazo, mas eram tantas as musas quantas formosas senhoras o enchiam de inspirações.

Por toda a parte o genjo da harmonia reinava em jubilos estrondosos, n'uma enchente de versos, musicas e cantos.

Emquanto, aq relento, desforrando-se do labor quotidiano, as classes infimas folgavam em *ranchos* e *sambas* fogosos, ao som de pandeiros, chocalhos, violas e flautas; no interior de abastados domicilios fervia o baile, a contento da alta sociedade, nas fanfarras da banda, na vertigem das valsas e na eloquencia de brindes freneticamente applaudidos.

Eis o que era o 2 de Julho, quando a Bahia, astro de primeira grandeza na constellação do Imperio, acclarava os horisontes da patria, sem perder os ele-

mentos propios de sua força attractiva e fecundante.

Hoje parece amortecido aquelle immenso fóco de luz, como prenuncio de borrasca, ha longo tempo armada em toda a atmosphaera social por nefastas influencias, que só a politica, em sua verdadeira orientação, poderá neutralisar, quando a Providencia Divina, que abre os olhos do povo, não o salve do perigo, esclarecendo-lhe o caminho e apurando-lhe o instincto de conservação.

É, devéras, lastimavel o depauperamento de quasi todas as provincias!

Em taes condições, porém, quando a sciencia sociologica está indicando o restauro do organismo nacional na prompta circulação do centro para a circumferencia, é quando o teimoso empyrismo insiste em favorecer a convergencia do sangue, das extremidades para o centro.

Invertidas assim as funcções nutritivas,

não admirará que o Brazil — gigante americano — pelo espaço que occupa em o novo hemispherio, seja victima de alguma congestão, ou fique moralmente em condições de monstruoso hydrocephalo, isto é, cabeça de Encelado em corpo e membros de feto inviavel.

Dê-se, quanto antes, a cada provincia, quando não seja autonomia, pelo menos certa franqueza administrativa, para que d'est'arte se constitua em solida base a grandeza real e perduravel do Imperio.

Esta idéa, expressa com a mais firme convicção em versos de purissimo sabor democratico, já dominava o pensamento de Moniz Barretto em seus ultimos annos de vida.

Sem assombrar o auditorio com prophcias de Cassandra, nem exhibir-se como luzeiro da róta politica, empenhava-se o vate em despertar os brios de seus conterraneos, fazendo-lhes ver as causas principaes da decadencia provincial.

A commemoração do 2 de Julho vi-nha-lhe ao encontro dos desejos para desabafos patrióticos.

Dispondo apenas da tribuna que lhe proporcionavam as entusiasticas acclamações do povo, em momentos solemnes, eis como se exprimia o sincero democrata, sobranceiro a ingratos poderosos, favorecidos, em detrimento da causa publica, pela indiferença ou fraqueza de cidadãos captivos do interesse particular.

Esta terra bem fadada,
Do Brazil outr'ora o Edên,
E hoje tão desgraçada
Pelos maus guias que tem ;
Terra prodiga de flores
Para quem sabe os suores
Do povo — astuto sorver ;
Terra, enfim, que hoje remida
De um jugo, a outro rendida,
Colonia tornou a ser !

A Bahia, quasi a fome,
Atola-se em lamaças,
E o que produz, lá se some
No gozo e luxo dos mais.
« Espere ! Espere ! » lhe dizem,
E meios que suavisem
Tanto mal nunca ella vê !
Que assim se pratique — novo
Não é ; — mas, que o soffra um povo
É cousa que ninguem crê.

Vê-se a miudo mudada
A politica geral,
E, em vez da cura esperada,
Para o povo cresce o mal.
Em palavras e programmas
Tudo fica ; e se tu clamas,
Povo infeliz, por teu bem,
Sonha-se logo em revolta,
E a calar-te, á brida solta,
Logo o arbitrio ahi vem.

Não foi menos energica e opportuna
a franqueza do poeta, estimulada pela
arrogancia do estrangeiro, quando o ou-
sado Christie, sobrepondo-se a todas as

conveniencias diplomaticas, respondeu com o direito da força ao governo Imperial, que só pode argumentar com a força do direito.

São eloquentissimas as seguintes estrophes do canto ao 2 de Julho de 1863:

Para que hoje renasces,
 Dia do meu coração?...
 P'ra ver-nos rubras as faces
 Das affrontas do Bretão?!...
 Na vergonha e no desgosto
 Esconde, ó sol, o teu rosto
 D'embaciado fulgor!
 Co'a lembrança do passado,
 D'este povo injuriado
 Não venhas dobrar a dôr.

Emquanto d'estranho orgulho
 Ludibrio eu te vir assim,
 Não esperes, Dous de Julho,
 Festivas canções de mim.
 Não! que não canta victoria
 Quem vê deslustrada a gloria
 Da sua terra natal;
 Isso indiscreto seria,
 Como um hymno de alegria
 Em pompas de funeral.

Do trovador veterano
Não hade, não hade rir
Esse governo britano,
Que insiste em nos aggre-dir.
Hoje só cantos de guerra
Contra esses *beis* d'Inglaterra
Meu alaude terá;
Ovações não; que, cuspidos,
Murcham os louros colhidos
Nos campos de Pirajá.

Quão diferentes, porém, eram as impressões do poeta, quando, em 1843, o mesmo assumpto lhe inspirava estes versos!

Eil-o renasce o dia do triumpho
Inolvidavel da bahiana gente;
Dia de vida para nós primeiro,
Após tres mortos seculos de ferro!
Oh! Salve, Dous de Julho,
Dia-rei nos annaes da Liberdade!
Como tardio para nós tu volves!
Como ligeiro para nós tu passas!
Em unisona voz no Brasil todo
Saudam tua vinda os Brasileiros!

Vem receber do povo que te adora
Os fervorosos cultos,
Que arrefecer não póde a mão do tempo!

Aguerridas phalanges,
No velho mundo, affeitas á victoria,
Tu expelliste dos bahianos portos
E ás iras do Oceano arremessaste.
Tu puzeste á Brasilea Independencia
O suspirado sello.
De Catharina o solo
Tu cobriste de louros, que vicejam
De anno em anno nas bahianas fronte.
Salve! tres vezes salve,
Dia da Patria, brasileiro dia!
Teu vivifico sol será perenne
Espelho de heroismos
E excelso desengano a vis esravos.

IX

Moniz Barretto era bahiano em toda a extensão da palavra, isto é, amante extremo de sua provincia natal, sem faltar ao sentimento de Brasileiro.

Em recreativas palestras, na mais intima convivencia de amigos, em reuniões de familias sem o minimo vislumbre de etiqueta, no salão effervescente do baile, perante a mais luzida e elegante sociedade, no theatro impondo silencio á platéa, ou no trajecto de prestitos festivaes, assomando ás janellas de convidativos lares e logo prendendo a attenção das turbas, era indisputavel a soberania do repentista.

Que raptos de imaginação, que torneios poeticos, aos quaes se abalançavam Laurindo Rabello, Augusto de Mendonça, Gualberto dos Passos, Rodrigues da Costa,

Luiz Alvares, Bernardino Bolivar, Symphronio Coelho, João Freitas e outros! Realizava-se um prodigio, um caso psychologico sobrenatural no veterano de Pirajá, mais ardente que os moços, naquelle cerebro de sexagenario em pasmosa ebulição da fantasia, mais fecunda de encantos do que as musas vivas no bello sexo, tributario gratissimo que o acclamava — heróe da festa.

Em taes arroubos poder-se-hia dizer do improvisador o que disse de Victor Hugo o Visconde de Castilho, preclaro cégo na expressão de sublime vidente, illuminado pelo fogo celeste, pelas ascensões victoriosas desse livre Prometheu, pelo vigor proprio d'esse verdadeiro Esão do seculo XIX :

— Elle, já não tendo a quem vencer, vencia-se a si mesmò.

Todos os contendores e entusiastas ficavam extaticos, boquiabertos, ante os magneticos borbotões daquella catadupa de versos.

Como explicar o phenomeno psychico da estupenda improvisação, do affluxo da palavra limpida, correctissima, irisada pela idéa, naquella alluvião de thesouros mentaes a rolaem dos labios do poeta no pensamento do auditorio?

Que segurança de predicados, que arte identificada com a natureza, que facilidade de apoderar-se dos mais estranhos affectos, que acção reflexa, infallivelmente repetida nos inopinados encontros do poeta com os experimentadores do seu talisman, uns por sincera admiração, outros por inveja refohada, estes com a desconfiança de compadrio, aquelles com o desejo innato do bello!

Muita vez o embaraço era de quem dava o mote, porque a gloza, essa nunca se fazia esperar, em progressão crescente, em generos diversos, em dóses á farta e ao gosto dos apreciadores mais difficeis de contentar.

Dir-se-hia o transbordamento da alma

pelas enchentes do estro a fervilhar, a desfazer-se em consecutivas estrophes, ao calor de inspiração tão fecundante quanto as inundações do Nilo, tão prompta a enriquecer de gozo os ouvintes, quão prodigas eram de ouro as aguas do Pactolo, tão fascinadora quanto o effeito magico de preciosissimo escriptorio que, inesperadamente cahindo no latibulo da pobreza, se partisse em mil pedaços, alastrando-se o chão de faiscantes pedrarias.

Ante phenomenos taes confirma-se a impotencia do espirito humano, a empregar-se inutilmente, com os apparatus scientificos, na eterna pesquisa de sua origem e de seu fim, quando nem lhe chega a perspicuidade para atinar *in actu* com o modo de ser da força intellectiva, em manifesto e perfeito funcionamento no interior de um craneo!

Perguntai ao astronomo como se equilibram e giram no firmamento os orbes,

mais numerosos que as areias do mar, e como se avalia a grandeza ou a distancia de estrellas cuja luz seria visivel na terra, seculos depois de apagado o fôco que a emittisse. A sciencia responderá com os calculos exactissimos de Herschell, Laplace e Leverrier.

Perguntai ao physico se, no estado actual dos conhecimentos, já é possivel reduzir a uma só lei as duas especies de forças attractivas, uma que actúa em distancias apreciaveis, isto é, o peso e a gravitação; outra que só age em distancias imperçeptiveis, isto é, a attracção molecular. A sapiencia de Humboldt responderá que a capillaridade e a endosmose, tão importantes para a ascensão da seiva e para a physiologia dos animaes e das plantas, não são menos subordinadas ao peso e á sua distribuição local, do que os phenomenos electro-magneticos e as transformações chemicas.

Perguntai ao geologo como do interior

do planeta, de combinações plutônicas, sublevam-se Jorullos para sepultarem futuras Pompéas, ou de simples reacções químicas originam-se os terremotos que, ainda ha pouco, arruinaram tanta vida e tanto labor em bellissimas paragens de Napoles e da Andaluzia.

Perguntai ao mineralogo como em terrenós de alluvião se reproduz o lume sideral, resumido e petrificado no diamante; como da concha do mollusco brota a perola no fundo do mar. Perguntai ao microgeologo se a recentissima observação dos infinitamente pequenos tem engrandecido a concepção da essencia da vida e do desenvolvimento das fórmas organicas.

Perguntai a Pasteur pela influencia d'esses proto-organismos, que, reproduzidos aos biliões na gotta d'agua e na bolha de ar, entranham no corpo humano o germen da epidemia devastadora de povos. Perguntai a Hæckel pela influen-

cia de taes seres elementares na formação dos mais alterosos mássios de montanhas; em toda a extensão da crosta terrestre; nas immensas camadas de limo que se petrifica, atravez de seculos, nos abysmos do oceano, constituindo-se assim preciosos materiaes de construcção para as mais opulentas cidades.

Qualquer delles responderá com firmeza, ou se represente a sciencia na concepção dualistica, teleologica, vital do universo, defendida por Agassiz, ou na theoria unitaria, mecanica e causal, estabelecida por Darwin, opposto — na idéa de eternidade da materia — á eternidade de Deus.

Perguntai á hodierna physiologia experimental como é que o homem, não satisfeito de conquistas das mathematicas applicadas a computar a intensidade e o movimento da luz, do som, do calorico e da chispa electrica, ainda quer submeter ao calculo e á medida todos os grãos

da sensação, mediante experiencias que já originaram a *lei de Fechner*, segundo a qual a *intensidade da sensação cresce com o logaritmo da excitação*. A sciencia de Claude Bernard, em seu afanoso empenho, separando o facto sensitivo do acto intellectual, responde que chegará á solução do problema, assim como já conseguiu produzir a unidade da causa em sensações differentes e a identidade da sensação por meio de causas diversissimas, isto é, pelo calor, pela electricidade, por influencias mecanicas externas, por agentes chimicos, pela irritação do sangue.

Ao archeologo, attento a prescrutar a terra na direcção de stratos fossiliferos, a colligir as reliquias da vida animal e vegetal em épocas distanciadas por milhares de seculos, perguntai se da apreciação dos phenomenos telluricos resulta fecundo ensinamento para quantos intentam comprehender as leis evolutivas das sociedades humanas.

A sciencia responderá com esta observação lucidissima de Latino Coelho : « É o Kosmos um immenso laboratorio, onde nem no espaço, nem no tempo, ha um ponto sequer, um só instante onde não succeda uma nova transmutação. Desde a nebulose até o asteroide, desde as cordilheiras submarinhas, Atlantes cujos cimos e alcantis supportam o Oceano, até as montanhas que arremessam ás nuvens seus picos azulados ; desde os gigantes da floresta até as confervas humilimas ; desde a massa do sol até a cellula microscopica, ha perpetuo movimento, incessante renovação. A natureza é o eterno estatuario, desbastando o marmore á sua imagem e retocando e embellecendo as linhas e as feições ; é o vate infinito limando e corrigindo a epopéa do universo, para que se achegue mais e mais á *idea*, que a materia, com a sua nativa rebeldia, não póde facilmente representar! »

Se, porém, é tão fácil responder como se operam, através do tempo e do espaço, as revoluções cósmicas, sem perda sequer de molécula, quando será possível decifrar segredos divinos nesse espelho impalpável do firmamento — a alma — onde se reflectem todas as maravilhas da Creação?

Perguntai aos psychologos de maior lustre e valimento para a philosophia contemporanea, como se formam as idéas na mirifica elaboração do cerebro ou da alma; como se associam, mais rapidos que o raio, esses *typos eternos*, segundo Platão, *especies intelligiveis*, segundo Aristoteles, *visões em Deus*, segundo Malebranche, *sensações transformadas*, segundo Condillac, *representações de representações*, segundo Kant; como obedecem instantaneamente ao rigor da logica, á tessitura grammatical e ás exigencias do rythmo e da rima, produzindo um todo harmonico, original, adequavel na fôrma e no

fundo, por decomposição ou amplificação, á these inopinadamente imposta pela sofreguidão do auditorio á facundia do repentista.

Certos metaphysicos, recorrendo a doutrinas pomposas, mas frageis, ou aceitando no effeito a causa, ou confundindo o essencial com o accidental, explicarão o factio pelo factio, isto é, com o *associacionismo*, firmado no habito e na hereditariedade; com as grandes sommas de conhecimentos guardados na memoria; com a facilidade de metrificar, devida ao traquejo do officio e até a vocabularios *ad usum poetæ*.

Tudo isto não dá a medida, nem exprime o justo valor da intuição que se antecipa á sciencia, da inventiva que excede á razão, da imaginação que devassa o desconhecido, do genio, em summa, que, escapando a todas as leis da observação e da experimentação, abrange seculos n'um momento e transcende mundos n'um só passo.

O poder do genio, personificado em Victor Hugo, abate colossos da sciencia, fazendo-lhes ver, entre a velocidade do pensamento e da bala do canhão, a differença que ha dos surtos da aguia Jesus Christo para os saltos do verme Bonaparte.

Onde, porém, o instrumento para tomar as dimensões desse Hymalaia do espirito — a inspiração, donde irrompem as idéas, mais impetuosas que avalanches, mais penetrantes que o raio do sol, mais virentes que as florestas do Amazonas, mais nitidas que as espadas de espuma da Paulo Affonso, mais resistentes e rutilas que os diamantes de Golconda, e todas filhas legitimamente impregnada do *quid divinum*?

Pelo estudo profundissimo da historia natural a sciencia vai acompanhando a Creação no concatenamento dos seres, mas não conseguirá encontrar vestigios desse bando de phalenas, as idéas, a evo-

larem-se para o Infinito — do recesso mais escuso do labyrintho cerebral. Trabalho inutil o da psychologia alliada com a nevropathia, em Charcot e Ribot, ante a inspecção *post mortem* dos cerebros de pensadores da estatura de Gambetta, que fez da França uma tribuna para consolidar a Republica. Taes exames só servem de arrastar o sabio ás tristissimas decepções do eterno *Dr Fausto*.

O improvisador não se faz, nasce feito, carecendo apenas de algumas condições para o seu desenvolvimento.

Já é tão admiravel arrebatat os ouvintes, improvisando em prosa, isto é, sem o tempo disponivel para traçar o plano do discurso, coordenar as idéas, polir o estylo, antever os prós e os contras, e compor uma peça inteiriça, condigna do assumpto, da occasião e do renome do orador!

Já é tão embaraçosa a oratoria parlamentar no improvisador, affeito á tri-

buna, com tirocinio academico, juiço as-
sente na materia, cabedal de erudição,
incentivo de apartes e liberdade na oc-
cupação do tempo e na escolha do rumo
a seguir! Sirvam de exemplo Bernardo
de Souza Franco, sempre na brecha, em
oposição quotidiana a toda a camara
dos deputados, e o Visconde do Rio
Branco — gigante parlamentar que, em
prol dos nascituros captivos, proferiu mais
de 40 discursos, sendo os melhores sob
a pressão do momento.

A quantos obstaculos maiores se ex-
põe o poeta repentista — em lucta com
o prosaismo de certos ouvintes, com a fria
prevenção de pessimistas, com a expec-
tação por demais enthusiastica dos ami-
gos, com o rigor do tempo e do espaço,
escassissimos para a exuberancia das idéas
e a riqueza dos ornatos, com a raridade
das rimas imprescindiveis ao molde mais
em voga, com os escolhos do caminho
imposto pela exquisitice do mote, e, ainda

mais, com a preocupação de evitar lugares communs, de não exceder a comprehensão do auditorio e de satisfazer a avidez de quantos só esperam pela chave de ouro! Moniz Barretto superava tudo isso.

Ah! quem pudesse ver, em taes momentos de superexcitação psycho-physica, dentro de uma cabeça, no auge da função esthetica, singularissima, que, pelos abalos do sensorio, confinava com a nevrose, e pelos adejos do intellecto sobrepunha-se ás contingencias da vida material, teria por certo de admirar, como em divino kaleidoscopio, na alma a expandir-se no corpo, a natureza humana, ondulante, radiosa, vibratil, florentissima, ampliada para o sublime em círculos concentricos de maxima intuspecção, plena de imagens fagueiras, cada qual mais influida e efficaz, a solicitar os sentidos do — mundo exterior até ás raizes do pensamento!

O triumphante devassador de tão ignotos e defesos prodigios logo perderia a posse de si mesmo, tomado da vertigem do encanto, pelo effeito do quadro imprevisto. Contemplaria a essencia do bello — *na união individual do typo intelligivel com o elemento fantastico*, produzida em dominios da imaginação pela feiticeira poesia que, a usar do seu condão e a rever-se nos modelos do eterno Artista, colhe ramalhetes de estrellas em noites de estio tropical, desenrola auroras boreaes, anima florestas e serranias, aprofunda oceanos de jaspe, irisa-os com seu facho variegado, architecta cidades de ouro, planta vergeis de esmeraldas, rubis e diamantes, povôa de graças os desertos, arma altares em povos, accende pyras em corações, erige pyramides de luz, entôa *hosannas* em orchestras de anjos, forma atmospheras de incenso, para consagrar-se o culto devido á religião do amor, firme na conquista do bem e cheia da idéa do Infinito.

Era assim que Moniz Barretto, vivendo em disposições naturalísimas para o improvisado e só se distinguindo este da concepção reflectida, pelo facto de não ser immediatamente fixado na escripta, assenhoreava-se das mentes e dos corações, no apogeu da inspiração digna dos encomios de D. Romualdo, o arcebispo — litterato, do Visconde da Pedra Branca, o estadista — poeta, de Quirino Gomes — o luzeiro do pulpito, de Aprigio de Souza — o terror dos oradores, de Guilherme Balduino — o decano dos latinistas, de Ataliba — a aguia do magisterio, de Luiz Maria — a lingua de prata, do Dr. Araujo — o jurista-virtuoso, de Guedes Cabral — o athleta da imprensa, e de Junqueira Freire — o cysne do claustro.

X

Se tão preclaros ouvintes, infelizmente arrebatados pela morte, já não podem attestar de viva voz o quanto os surpreendeu a maravilhosa facundia do vate, respondem por elles, na altura do brio e competencia de cada qual, documentos valiosissimos, cartas apologeticas, saudações em prosa e verso, reconhecendo em Moniz Barretto — o primeiro talento repentista do Brazil e successor de Boccage na lingua portugueza.

Poder-se-hia accrescentar, sem receio de contestação: — o poeta improvisador ainda não igualado em toda a America.

Elle era digno de medir-se com as summidades congeneres, em povos meridionaes da Europa antiga e moderna, em paizes onde a natureza favorece o aquecimento, a rapidez e o mimo da in-

telligencia ; onde o sol não é pallido e frio ; onde a tradição da Hellade ainda fala das proezas do quasi divino Tyrteu ; onde brilharam os trovadores provençaes, mais ardentes, harmoniosos e fecundos que os bardos gaelicos e germanicos em torneios de improvisação patriotica ; onde ainda hoje é incontestavel a primasia da bellissima Italia, fóco das promptas revelações estheticas desde Petrarca, Serafino d'Aquila, Bernardo Accoli, Christoforo o Florentino, até o apparecimento de Magdalena Moralli, a *Corilla Olympica* e modelo de Mme. de Stael — nesse bando immenso de repentistas, composto de Leoniceno, Perfetti, Zucco, Filelfo, Saffi, Strozzi, Maroni, favorito do papa Leão X, Metastasio, Francisco Sienni, pensionista de Napoleão I, Thomaz Sagricci, improvisador de tragedias, e Cicconi que, em 1829, dictou para escrever-se, uma epopéa inteira. (*)

(*) A proposito de improvisadores, é digno de menção o seguinte facto.

Sua Magestade o Imperador, quando em viagem

Seria injustiça esquecermos aqui a insinuantissima França com o seu Eugenio de Pradel, que celebrisou-se, no seculo actual, percorrendo o velho mundo, exhibindo-se em sessões publicas e alcançando estrondosos successos com os seus improvisos de longo folego.

Faltam-nos, porém, as provas authenticas de victorias tamanhas.

Partindo das relações de semelhança do idioma, da raça, dos costumes, da feição litteraria, caracteristica da época, em dous paizes tão separados pelo oceano e ainda hoje tão proximos pelos vinculos do sangue, da religião, do commercio,

pela Italia, teve occasião de encontrar-se com Giovanina Milli, notavel poetisa e senhora da mais fina educação.

Accedendo ao desejo do augusto viajante, essa repentista florentina glosou brilhantemente um mote, que lhe foi dado pelo Sr. D. Pedro II, em honra aos attractivos de Florença.

Havia, porém, um senão em Giovanina Milli: Era tão feliz na opulencia da inspiração repentina, quão incapaz de reproduzir, pouco depois, as estrophes improvisadas.

do systema politico e da dynastia reinante, se cotejarmos o poeta brasileiro com o seu congenere em Portugal, o celeberrimo Bocage, rival de José Agostinho, *Elmano* da Arcadia, retratado por si mesmo, descripto por seus contemporaneos e submettido ao magistral escarpello da critica de Rebello da Silva, Lopes de Mendonça e José Castilho, veremos o seguinte:

Moniz Barretto não era physicamente desajudado pela natureza, isto é, não tinha olhos azues em carão moreno e tristonho, estatura meã com pés e nariz gigantescos, compleição doentia, cabello desgrenhado, voz rouquenha e temperamento

Incapaz de existir n'um só terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura.

O Bocage amëricano era bastante alto, esbelto, robusto, de temperamento sanguineo-nervoso, de cutis fina e clara, de fronte amplissima, emmoldurada por

basto cabello á escovinha, de olhos castanhos semi-abertos quasi sempre, mas significativos de indole mansa e fidedigna, a reflectir-se em physionomia de continuo prazenteira.

Quando disposto a recitar, passado o indispensavel periodo de incubação, durante o qual, sorvida uma pitada de rapé, lhe eram indifferentes o silencio ou o bulicio dos circumstantes, a inercia ou o movimento do proprio corpo, o inspirado Bahiano, batendo palmas para chamar a attenção e assumindo a attitude magestosa de quem sabe imperar nas almas, desferia o pensamento na voz possante, sonora e firme, com a dicção irreprehensivel de esmerado ledor academico ou provectoro artista dramatico.

Quando, porém, mais incandescente o estro no delirio do improviso, não lhe tremia a voz, não se lhe descompunha o semblante, com os olhos a faiscarem, com a frente alagada em suor, com

a boca espumante ; não gesticulava como um possesso ou louco, a bater na testa, a beliscar os peitos, a esfregar a cabeça, para excitação da idéa ; não victoriava com o proprio louvor os melhores lances da fantasia na gymnastica litteraria. Tal era o vezo de Elmano, ebrio de orgulho, apaixonado de suas proprias imagens, a exclamar: « Esta é minha ! Isto não morre ! Que trecho sublime ! É magnifico, mas ahí vai melhor ! »

Moniz Barretto poetava de outro modo, serenamente, decentemente, como o general que entra em fogo com todos os distinctivos e sem perder o sangue frio ; incapaz de esquecer a delicadeza para com as damas ou recuar de perigos perante adversarios temiveis.

Influido pelo acompanhamento de emulos e discipulos, na aventureosa ascensão ao Parnaso, fortalecia de elogios os menos timidos, simulava-se fatigado á espera dos mais morosos e, depois que trans-

punha os maiores obstaculos, agradecia o bom exito aos companheiros de viagem, quando, pelo contrario, era elle o contagioso estimulo de toda a exaltação poetica.

Por mais que se prolongasse a tensão do pensamento n'aquelle cerebro, a influencia do espirito sobre a materia fazia-se perceber apenas por ligeira transpiração, que aljofarava a fronte do repentista.

Este, depois, recahindo no mundo prosaico e revelando novos elementos de força ou motivos de hesitação, confessava, com a maior franqueza, os embaraços e incentivos que se lhe depararam na amplidão do mote, na pequenez do metro, na magnitude do assumpto, na subtileza e no duplo sentido do conceito, na abundancia dos termos, na carestia da rima, na excellencia de productos similiares e notorios, na oportunidade de responder a offensas, no almejo de cap-

tar adhesões, no alienamento de amarguras domesticas, e na inesperada apparição da luz ambulante, da esplendidez do verdadeiro, do bello em fórma de mulher.

Quanto ao dom de reproduzir integralmente, passados trinta ou quarenta annos, o que se formara n'um minuto, a memoria do ancião, promptissima e tenaz, desmentia o facto patente na ordem natural das cousas e tão explicavel pela observação psychologica, isto é, que as faculdades e as funcções se gastam com o decurso do tempo.

Recolhido o poeta em seu lar ou aviventando os lares alheios, bastava dizer-lhe um amigo; « Moniz, repete aquelle soneto, glosado ao verso *Ferros, escravidão, ludibrio e morte.* » Não se fazia esperar a recitação da peça inteiriça, improvisada com outras, em honra ao 2 de Julho, no theatrinho do Maciel, em 1835.

Se algum aspirante ao matrimonio,

de braço dado com a rainha do sarão, aproveitava-se do vate para applicar ao idolo presente arrebatadoras glosas a versos de Maciel Monteiro, João de Lemos e outros, não poderia ser melhor o effeito na vaidade feminina; mas a galanteada senhora, difficil de contentar-se, desejava ouvir, ainda uma vez, as quadrinhas que offerecem — a eternidade por um beijo.

Interpunha-se, porém, o pae ou o padrinho da diva, ancioso de regalar-se com a satyra a um padre hespanhol, arvorado em poeta, que, outr'ora, diante do repentista, berrara uma novena de parvoices. Ao começar a recitação, assomava a rotundidade do reverendo parochó, menos devoto das musas fabulosas que das vivas, o qual não sahia d'alli, sem a sua dose tranquilisadora na sustentação philosophica da these poetica :

— Se os amantes são culpados,
Os anjos tambem são réus.

E já agora, neste capitulo reproduziremos as glosas supra-indicadas, menos para divulgação de tão lindos trechos de poesia, do que para satisfazer á curiosidade natural de muitos leitores, masculinos e femininos, nas mesmas condições do noivo em perspectiva, da moçoila exigente, do velho prevenido contra o padre e do padre firmado no amor dos anjos.

Das mãos de Deus no ardor do enthusiasmo.

MACIEL MONTEIRO.

É seu rosto gentil, sua figura,
Da Creação archétypo mimoso ;
Quanto vemos de bello e magestoso
Resume-se na sua formosura.

Estrella que em céo limpido fulgura,
Rosa aberta em vergel delicioso,
Não tem o encanto de seu talhe airoso,
De seus olhos a luz serena e pura.

N'ella, contra a artistica affouteza,
Contra o pincel dos homens um sarcasmo
Quiz ao mundo atirar a natureza.

E o mundo todo estremeceu de pasmo,
Quando rara sahio sua belleza
Das mãos de Deus no ardor do enthusiasmo.

Para matar de amor quem de amor morre.

JOÃO DE LEMOS.

É ella! Traz no olhar divino o raio,
Que ao coração partindo, de repente,
Nelle ou brando penetre, ou caia ardente,
De prazer ou de dor produz desmaio.

E' ella! **Em** sua boca o ultimo ensaio
Fez natureza de encantar a gente.
E' ella! E' a belleza, a quem sómente,
Como por vara magica, me attraio.

E' ella! O seu espirito fecundo,
Quando em cousas do céo pensa ou discorre,
Enlevo cá na terra é sem segundo.

É ella!... Onde estás tu, razão?! Soccorre
A um triste, ante o poder que veio ao mundo
Para matar de amor quem de amor morre!

*Por um teu languido olhar
Dou-te da vida a metade.
Dou toda por um sorriso.
Por um beijo a eternidade.*

Da Lysia poetica.

Se mar e terra meus fossem,
Eu daria terra e mar,
Daria tudo que existe
Por um teu languido olhar.

Mas, darei tudo que tenho
Por essa felicidade ;
Por tel-a e mais um suspiro,
Dou-te da vida a metade.

Sem ti, que vale a existencia,
Anjo do meu paraizo ?
De teus labios carinhosos
Dou toda por um sorriso.

Dou-te, sim, mulher divina,
Dou-te de toda a vontade
— Por um abraço.. minh'alma,
Por um beijo... a eternidade.

A um padre hespanhol mettido a poeta

Tão ligeiro, meu padre, ninguém trepa
 Ao bi-partido monte, nem galopa
 Por esse outeiro ingreme, onde a tropa
 Dos vates ora cae, ora se estrepa.

Oh quanto do estro meu o teu discrepa !
 Tu ao Parnaso vais com vento em popa,
 A mim, talvez porque não sou da Europa,
 De baixo e trivial qualquer increpa.

No Pindo, ao teu chegar, tudo constipa ;
 Apollo, de assombrado os olhos tapa,
 E Mercurio por ti bebe uma pipa.

E's o primeiro dos heróes no mappa ;
 Teu nome o tempo, a morte não dissipa :
 Se em mim coubesse, eu te fizera Papa.

*Os anjos tambem amaram ;
 Tambem se ama nos Céus
 Se os amantes são culpados,
 Os anjos tambem são réus.*

Á santa paixão de amor
 E' sacrilegio o obstar-se,
 E' contra a lei conspirar-se
 Primeira do Creador.

Que foi Deus o seu autor
 Mil testemunhos declaram ;
 Em seu fogo se abraçaram,
 Desde Adão, todos os entes ;
 Na terra, quando viventes,
Os anjos também amaram.

E' principio irrefragavel,
 Estribado na razão,
 — Que amor — da Religião
 E' a base indispensavel.
 Debalde esconde-o incansavel
 A hypocrisia em seus véus ;
 Contra oppostos escarcéus
 Tem philosophos provado
 — Que, sendo Deus sempre amado,
Tambem se ama nos Céus.

De amar — o immenso proveito
 Brilha da verdade á luz ;
 Na eloquencia da Cruz
 Bebe o mundo este preceito :
 Amar — é santo direito
 Dos seres todos creados.
 N'estas premissas fundados,
 Concluido os sabios tem
 — Que do Céu a culpa vem,
Se os amantes são culpados.

Amar e amado ser
E' pois, Marília querida,
Principio, esteio da vida,
Precisão. crença, dever ;
E' virtude que exercer
Vão nossos almas nos Céus.
Não te prendas aos harpeus
Do fatal erro maldito :
Se amar, meu bem, é delicto,
Os anjos também são réus.

Não obstante, porém, tantas impressões de entusiasmo, repercutidas dentro e fóra do Brazil, pareceria hoje gratuito e fabuloso o poder de tão espontaneo intellecto nos estreitos limites de uma provincia, se aos applausos da turba, dissipaveis, quaes nuvens de incenso e espumas do mar, não sobrevivessem magnificos versos, guardados na memoria de amigos, ou esparsos entre os papeis do autor, ou entregues ao tempo na luz irradiante e amplissima dos prelos.

Só em homenagem ao 2 de Julho ha

muitas dezenas de poesias longas, em metrificações differentes, sem contar innumerables decimas e colcheias, que por escrupulos de modestia, ou talvez esquecimento, deixaram de ser trasladadas ao papel.

Que veia inexgotavel! que mina de improvisos!

Só nas columnas do *Argos Bahiano*, de 9 de Julho de 1852, estão insertos quatro sonetos, oito colcheias e seis decimas, glosadas a motes de Gualberto dos Passos e Laurindo Rabello, este modesto e condigno emulo, aquelle despeitoso e sempre derrotado antagonista do improvisador.

Foi por estrondosos triumphos que se firmou a primasia do estro de Moniz Barretto, habilissimo em perceber os affectos mais reconditos, ferir todas as cordas do sentimentalismo, e consolar os reveses mais pungentes.

Taes predicados não se prestavam a

banquetes de comilões, a orgias de scepticos. (*)

No auge das expansões festivas e na maior intimidade, o repentista bahiano era de character melindroso, inquebrantavel. Ninguém esperasse ver-lhe prostituida a lyra. Nem o ouro de falsos Mecenas, nem os manjares de novos Apicios teriam poder para tanto. Prazenteiro por natureza e sobrio por habito, não se recusava o poeta a frequentes diversões, na companhia de amigos ainda mais convidativos que os acepipes bahianos e o vinha generoso.

(*) Basta mencionar as pessoas em cujos domicilios era affectuosamente recebido o poeta. Credores do maior apreço, uns pela intelligencia, outros pelo coração, todos pelo culto da amizade, reunam-se nesta saudosa lembrança os sinceros entusiastas do repentista. Restam vivos bem poucos de tantos cavalheiros, cujos prestimos dignamente gravaram-se na gratidão de Moniz Barretto com os seguintes nomes: D. Romualdo Antonio de Seixas, Paulo José de Mello Azevedo Britto, João Joaquim da Silva, Manuel Maria do Amaral, Joaquim Torquato Carneiro de Campos, Domingos Borges de Barros (visconde de Pedra Branca), Fran-

Entretanto ha quem ridiculise e condemne a poesia nascida dos prazeres da mesa. Apreciando menos as causas que os effeitos, importa saber se, em taes occasiões, o poeta desserviu á imaginação, desobedeceu á esthetica, e transpoz os limites da decencia, ou se usou perfeitamente da sua arte, de accôrdo com o seu temperamento e o meio social.

O lyrismo grego cresceu e aprimorouse, ao calor de festas particulares, *inter*

cisco Gonçalves Martins (visconde de S. Lourenço), Drs. Vicente Ferreira de Magalhães, Francisco Marcelino Gesteira, Antonio Polycarpo Cabral, Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, Francisco Antonio de Araujo, marechal Luiz da França Pinto Garcez, João José de Oliveira Junqueira, Firmiano de Souza Velho, Joaquim Pereira Pestana, Thomaz Pedreira Geremoabo, João Vaz de Carvalho, José Lopes Pereira de Carvalho, conego José Joaquim da Fonseca Lima, Camillo de Lellis Maçon, desembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida, Drs. Abilio Cezar Borges, Antonio Franco da Costa Meirelles, Demetrio Cyriaco Tourinho, José Antonio de Freitas, João Baptista de Castro Rebello, Manuel Ignacio de Souza Menezes, Francisco Manuel Gonçalves da Cunha e Antonio de Souza Vieira.

pocula, no entusiasmo fugitivo de convivios em honra a natalicios e hymeneus, no intimo culto da amizade.

A Roma de Cicero, de Seneca e de Juvenal, assim como transplantara da Grecia os seus variados systemas de philosophia, e os inexcediveis modelos da arte de Phidias e Praxiteles, engrandecida pelo gosto de Pericles, assim tambem adoptou os costumes hellenicos, em puras manifestações do sentimento poetico, em dithyrambos e epithalamios.

Tanto os versos de Anacreonte e Pindaro, quanto os de Ovidio e Horacio, attestam a florescencia da poesia lyrica, a expandir-se gratamente em banquetes, onde a ambrozia dos deuses era saboreada por felizes mortaes e as libações do Phalerno acendiam o fogo do estro.

Em que peze a criticos extravagantes, o homem compõe-se de coração, cabeça e estomago ; e, no entender de Platão, a vida social corresponde ao triplice func-

cionamento da natureza humana. Não é, pois, incompatível o amor do bello, nem a idéa do Infinito, com a satisfação natural do poeta morigerado, que sabe comer, beber e folgar, mantendo sobranceiro o espirito aos preceitos do epicurismo.

Moniz Barretto é affirmação categorica d'esta verdade, alegrando com a tão desejada presença auspiciosos lares, e extrahindo da fantasia inestimaveis thesouros para condignamente retribuir a inequivoca hospitalidade dos mais respeitaveis amphytriões. Inspirava-se o applaudido conviva em natalicios, baptisados e casamentos, mas o objecto da inspiração justificava-se brilhantemente em peitos de grato compatriota, de extremoso collega, de vassallo da fé, ao venerando arcebispo Marquez de Santa Cruz, a José Maria da Silva Paranhos, a Bruno Seabra e a Agrario de Menezes.

Taes effusões de jubilo, consoantes á indole do povo bahiano, aproveitavam muito mais á época do que a excentricidade pretenciosa de uns tantos escrevinhadores com fama de litteratos e philosophos. Infelizes creaturas! Bisonhos soletradores dos livros de Darwin, Augusto Comte, Hæckel, Spencer, Littré e Rénan, passam dia e noite, no inclausuramento voluntario, em decubito dorsal, a contar pelas teias de aranha do tecto as reformas que lhes vêm ao cerebro, com a indigestão mental de theorias inconscientemente amalgamadas! E assim se inutilisam magnificas aptidões para cousas mais uteis, para os deveres da familia, para os interesses da patria, para o bem estar da humanidade.

XI

Aos desvarios de alguns *metaphysico-phobos*, tomados de ostentoso atheismo, em desabono da nova geração, aliás rica de talentos, opponha-se a humildade sincera do velho bardo, cheio de respeito para com a religião do Crucificado e os legitimos depositarios da verdade evangelica.

Em taes casos o sentimento religioso não rebaixa, pelo contrario eleva os creditos de quem soube resumir em quatorze versos a tragedia sobrehumana do Calvario. Em confronto com o soneto de Bocage, inspirado pelo mesmo assumpto, não lhe é inferior o de Moniz Barretto, digno de ser lido por quantos reputam improbo o trabalho da narração em apuros com a historia pathetica do Nazareno, isto é, com a magnitude propria

do objecto, com a imaginação imprescindível de episodios já de si maravilhosos, com o testemunho dogmatico dos evangelistas, com o rigoroso concatenamento de factos aceitos pela fé e universalmente impostos á critica de intelligencias superiores. Taes são os invenciveis escolhos para o poeta, ainda quando o poema é a *Messiada*, cuja elaboração occupou quasi a vida inteira de Klopstock.

Se um bom soneto vale bem um poema, dil-o-ha categoricamente este :

CHRISTO NO GOLGOTHA

Ao martyrio da Cruz, de bens fecundo,
De Deus caminha o placido Cordeiro !
Em denso véu de trevas o luzeira
Do dia se retrae com dó profundo.

Ao vozear do bando furibundo,
Treme do Golgotha o sagrado outeiro ;
Dos rebatidos cravos do madeiro
Brotam faiscas, que dão luz ao mundo.

Alli, de sangue lagrimas vertendo,
Das Virgens a superna Magestade
Ao supplicio do Filho assiste horrendo !...

Cumpra-se a pharisaica atrocidade :
Aos seus algozes o perdão dizendo,
Morre o Christo... e renasce a humanidade.

Assim pairando em plena região do sublime, com as vistas d'alma espaiadas por estupendos panoramas, só accessíveis a quem sobe nas azas da imaginação, deliciava-se o poeta, a impregnar-se do perfume beatífico da fé, a prelibar a immortalidade. Sentia-se, então, mais perto de Deus, acima de todas as grandezas humanas, graças a esse distanciamento indizível, mas até certo ponto apreciável para quantos, alçados hoje pelo cavallo dynamico, inopinadamente se deparam no topo do Corcovado, miradouro facilimo, impagavel, de magnificencias da natureza, disposta em torno de uma cidade extensa e reduzida a dimensões liliputianas lá no fundo immenso e transparente do abysmo.

De taes alturas da inspiração choviam em verso imagens e pensamentos, que

alagavam de poesia corações e cabeças accessíveis aos effluvios do bello.

Quem quer que o ouvisse, por menos dotado que fosse de gosto esthetico, infallivelmente participaria do contagioso encanto. O artista mais triumphante pela força do estudo ou pela espontaneidade do talento, sentia-se pobre e pequeno ante a opulencia d'aquelle magnanimo tributario das bellas artes.

Elle era o prestigioso interprete de seus conterraneos, extasiados perante os dons mirificos de alguma celebridade nacional ou estrangeira, que alli passava. Assim o attestam muitas e vivas recordações de espectaculos indescriveis, durante os quaes o palco bahiano encheu-se da radiosa presença do magno actor, cuja nomeada, atravessando os tempos na memoria popular, não decresce com o apparcimento de artistas da estatura de Rossi e Salvini ; porquanto a proficiencia d'estes vem comprovar os dotes naturalissimos

d'aquelle gigante assombroso de intuição, chamado João Caetano.

Hoje, se por um lado o nosso Vasques, com seu piedoso fervor de grato discipulo, vae se aproveitando paulatinamente do theatro para erguer ao mestre um monumento condigno; se por outro lado a imprensa, despertadora da gratidão, remonta-se á época em que Domingos Magalhães, inspirado por Shakspeare, escrevia tragedias para o Talma brasileiro; é justo reconhecer que em taes disposições do presente confirma-se o juizo do passado, poeticamente expresso pelo entusiasmo de Moniz Barretto.

Sirva de prova o seguinte soneto, feito de improviso, no theatro de S. João, a 22 de Junho de 1849, por occasião de representar-se a *Ignez de Castro* e quando o apaixonado D. Pedro revivia no portentoso João Caetano.

Se lá do Céu Ignez ao mundo um dia
Descendesse e no palco te encontrasse,
Quando te ouvisse, e com prazer te olhasse,
Seu Pedro recobrar presumiria.

Em extase a teus braços correria...
 E depois que mil vezes te beijasse,
 Talvez tornar ao Céu se recusasse...
 E contigo na terra ficaria.

Eu chamei-te meu rei — actor sublime,
 E haver-te assim chamado a alguém consume;
 Alguem que julga minha phrase um crime !

Eu corrijo a expressão que deu ciume :
 Hoje meu coração melhor se exprime :
 Tu és mais que meu rei ; tu és meu nume. (*)

Sob a influencia da opera lyrica, principalmente a de Bellini, a quem o vate evocava da sepultura para applaudir os melhores interpretes da *Norma* e dos

(*) Neste verso o repentista desforrou-se propositalmente de alguns pigmeus, que o haviam censurado por exprimir-se do seguinte modo, em saudação ao mesmo artista :

Tu és mais que meu rei, actor divino,
 E rei que imperas nos dominios d'alma ;
 Rei do meu coração, dos meus transportes
 Dos meus cultos, emfim.

Esta saudação está incluída no 2.º volume dos *Classicos e Romanticos*.

Ha muitos outros sonetos do repentista a João Caetano.

Puritanos, n'aquelle mesmo theatro Moniz Barretto improvisou numerosos e arrebatadores sonetos.

Reproduzam-se apenas estes em honra da cantora Palmieri e de seu digno consorte, insigne tenor.

A ELLA

Canta, mulher divina, canta, espalha
Das dôres desta vida a nuvem densa ;
Acorda a inspiração n'alma que pensa,
Vigora o braço ao pobre que trabalha.

Ouvindo-te, o espirito a mortalha
Rasgue, dispa da gelida descença;
Dos que esperam de Deus a recompensa
Sarem as chagas, que o teu canto orvalha.

Sereia de Albion, formosa e bella !
De flores teu caminho eil-o coberto...
Á gloria! á gloria! ao céu!... mas ah! cautela!

Se os anjos te escutarem de mais perto
Essa voz, que os enleva e attrae, sem ella
Saudozo o mundo ficará deserto.

A ELLE

Quando soltas do peito a nota extrema,
Estremece de pasmo a natureza ;
Mais lumes nadam pela esphera accessa,
Como para applaudir-te a voz suprema.

De primores artisticos poema
É do teu canto homerico a belleza ;
Onde quer que elle sôe, da realeza
Das artes cinges o immortal diadema.

Do sentimento interprete superno,
Quando atroz desespero, intensas dôres
Cantas, ou queixas nos modúlas terno,

Julgo em ti vêr, poeta dos cantores,
De Dante a musa descrevendo o inferno,
Tasso e Petrarcha suspirando amores.

Se era Arthur Napoleão quem alli
edenisava os ouvidos do povo, dominan-
do-o com os turbilhões harmonicos de
seu mago teclado, o poeta retribuia-lhe
imediatamente a realeza precoce com as
seguintes estrophes :

Se fez com sanguenta espada,
Em façanhas nunca vistas,
Pelo universo conquistas
Da França o Napoleão ;
Tu as tens feito melhores,
Napoleão lusitano ;
De quem ouve o teu piano
Subjugas o coração.

Ante o poder do teu genio
Dobra-se espontaneamente
A alma publica, e, contente
Os teus triumphos bemdiz.
Não invejes, pois, na guerra
Conquistas de Bonaparte ;
Tu és, Arthur, na tua arte
Conquistador mais feliz.

Eras ainda creança,
E já, quando te escutava,
A Europa se extasiava,
E te applaudiam os Reis.
É, por teus dedos vibrada,
Cada tecla um novo encanto ;
Um verbo de livro santo,
Que ao sentimento dá leis.

E' tua a posteridade,
Eterno é teu nome... Avante,
Meu pianista gigante,
De affectos conquistador!
Aceita ahí no teu throno,
Napoleão da harmonia,
A homenagem da Bahía
No hymno do seu cantor.

Fóra do theatro e no salão mais cheio
de louçanias, não era menos prompta e

condigna a retribuição entusiastica do bardo, arrebatado pela voz aligeira de uma senhora da alta sociedade.

Di-lo cabalmente este soneto:

As azas despregando — aguia do canto —
E de harmonia enchendo o orbe inteiro,
Sobes no vôo rapido, altaneiro
Ao Céu, banhando os immortaes d'encanto.

O rei das furias com geral espanto
Lá no abysmo se vê lédo e fagueiro ;
Com saudades da terra, onde és luzeiro,
Vertem os manes desusado pranto,

Os astros, de te ouvirem admirados,
Param no gyro seu... mudos os ventos,
Seguem após teu canto namorados... (*)

Desces depois ao mundo — e nos accentos
Brandos da tua voz, humanos fados
Governas, dominando os sentimentos.

Occorrido quatro annos antes de fal-
lecer o repentista, ha um episodio pelo

(*) O Dr. Sebastião Pinto de Carvalho, digno apologista de Moniz Barreto e testemunha do improviso, mostrando-se entre maravilhado e receioso de tão arrojado surto, chegou a dizer aos ouvidos do poeta: — Não acaba o soneto.

qual se pode avaliar o quilate de tão raro engenho poetico.

Achava-se Emilia das Neves em casa do consul portuguez, o commendador Augusto Peixoto, quando Moniz Barretto, impondo silencio á mais animada conversa, recitou de improviso em honra da eximia actriz este bello soneto :

Por sabios e poetas sublimado
Teu nome illustre pelo orbe vôa ;
Outra Ristori a fama te apregôa,
Outra Rachel no portuguez tablado.

Ao teu poder magnetico prostrado,
O mais rude auditorio se agrilhôa ;
Despir-te a fronte da immortal corôa
Não pode o tempo, não consegue o fado.

De actriz o teu condão é sem segundo ;
Na scena, a cada instante, uma victoria
Sabes das almas conquistar no fundo.

Impéra, Emilia ! E' teu dominio — a historia ;
Teu solio — o palco ; tua côrte — o mundo ;
Teu sceptro — o drama ; teu diadema — a gloria.

Maravilhada por versos taes, Emilia das Neves, cedendo a impulso irresistivel, correu para o improvisador, pagando-lhe, á vista de todos, a homenagem com um abraço e, ainda mais, com um beijo expressibilissimo de gratidão. Quem escreve estas linhas foi testemunha do facto.

Veja-se agora o effeito de tal beijo n'alma do poeta, que, acto continuo, respondeu assim á inesperada fineza.

« Como, sendo tu das *Neves*,
Musa, que vieste aqui,
Assim queima o peito á gente
Um beijo dado por ti?!...

O que na face me déste,
Que accenden-me o coração,
Não foi osculo de — *neves*
Foi um beijo de *vulcão*.

Neves — tenho eu na cabeça,
Do tempo pelos vaivens ;
Tu és só *Neves* no nome,
Té nos labios *fogo* tens.

Beijando, não és — das Neves ;
Do *sol*, Emilia, tu és ;
Como *neves* se derretem
Os corações a teus pés.

O meu, que — *neve* — já era,
Ao toque do beijo teu,
Todo arder senti na *chamma*,
Que da face lhe desceu.

Errou quem o sobrenome
De — Neves — te poz, actriz ;
Que és das *lavas*, não das — *neves*
Minh'alma, accessa, me diz.

Chamem-te embora — das Neves ;
Vesuvio — te hei de eu chamar,
Emquanto a impressão do beijo,
Que me déste, conservar.

Oh ! se de irmã esse beijo
Produziu tamanho ardor ;
Que incendio não promovêra,
Se fôsse um beijo de amor !...

Não te chames mais das Neves,
Mulher, que abraças assim ;
Chama-te antes das *Luzes*,
E não te esqueças de mim.

Se me promettes, Emilia,
De hora em hora um beijo igual,
Por sobre *neves* ou *fogo*
Dou commigo em Portugal. »

Se, fiado na promessa e vencidos tamanhos obstaculos, mormente os pecuniaros, conseguisse transportar-se o repentista bahiano ao paiz, cuja gloria teve por testemunhas *Camões, o sol e o oceano*, ver-se-hia então, em Portugal,

Jardim da Europa, á beira-mar plantado,
e, meio seculo depois de morto Bocage,
o facto prodigioso de reviverem, com a exuberancia de seiva da America, as flores do estro repentista de *Elmano* em tantos improvisos de Moniz Barretto.

XII

Que lições de acendrado civismo, que hombridade senil, que incentivo á juventude, que mostras de condolencia, que balsamo de resignação, onde quer que se fizesse ouvir, jubilosa ou tristonha, a lyra imprescindivel, sociabilissima do improvisador!

Transumptos de energia mascula, de entusiasmo juvenil, de imaginação inexaurivel tributaria de feitos immorreduros, digam os proprios versos o que era o poeta, quando o estro se lhe accendia, crescendo e mudando subitamente de fórma, sem mudar de essencia; quando Moniz Barretto, por occasião dos festejos ao 2 de Julho, depois de recitar em plena rua, á frente de seus veneraveis companheiros de campanha e hasteando a bandeira outr'ora desfraldada nos campos de

Pirajá, avultava™ás janellas ™de lares convidativos, desferindo ™estrophes™ de fogo aos batalhões patrióticos, enquanto não ia ao theatro arrebatár os mais apathicos ouvintes.

Avalie-se, pelos ™seguintes™ quartetos, o vigoroso e levantado — Canto dos veteranos :

Nós somos os bravos, leaes veteranos,
Irmãos de Siqueira, de Doria sem par,
De Pires e Castro, famosos bahianos,
Que os louros fizeram ™de Lysia murchar.

Nós somos os velhos, da patria guerreiros,
Que as cinzas vingaram de nossos avós.
Os que nos dominam agora altaneiros,
Se acaso são grandes, o devem a nós.

.....

Nos tempos da causa, por nós batalhada,
Havia outros brios, havia outra fé ;
A pobre Bahia de hoje, ™prostrada,
Só diz o que sente, não mostra o que é.

Mas, nós inda alerta, por ella velamos,
Nós somos ainda seus filhos leaes ;
O ferro — valentes — ainda vibramos ;
Ainda do povo seremos os pais.

Os que nos preparam (ingratos !) algemas,
A nós que soubemos cadeias quebrar,
Ainda do povo nas luctas extremas,
Um dia estes velhos verão remoçar.

Romper nossos fóros, tentar contra a vida
Da patria — é de ingratos projecto bem vão ;
A nossa bandeira, por nós resurgida,
Signal é de nova, cabal redempção.

Com ella abraçados, saudamos a aurora
Melhor que no globo se viu resplender ;
Fieis á legenda do voto de outr'ora,
Com ella abraçados — havemos morrer.

AO 2 DE JULHO

Raios que abracem despotas na terra

Contra a ferrea oppressão do despotismo,
De Pirajá nos campos batalhámos,
E n'este dia as fronte enramámos
Das palmas da victoria e do civismo.

Mas d'esse fervoroso patriotismo,
 Com que tamanha gloria conquistámos,
 Descemos, té que emfim nos abysmámos
 No gelo da descrença e do egoismo.

Oh ! patricios, por Deus, pelos altares
 Da Liberdade, a cujas leis só erra
 Quem não ama a si proprio, aos patrios lares,

Sêde astros na paz ; sêde, na guerra,
 Vagas que afoguem despotas nos mares.
Raios que abracem despotas na terra.

Passada a effervescencia dos regozijos patrioticos do povo, não era menos edificante e benefica a intervenção da poesia magistral. Ante o deploravel passamento de um grande cidadão, não fallava, nem poderia conseguir maiores lenitivos a eloquencia do bardo, enxugando os olhos de todos com este religioso e philosophico preceito :

Prantear é descreer pelos que morrem.
 Cessem, pois, nossos prantos e guardemos
 Para os vivos que soffrem — nossas lagrimas.

Se, porém, o revez, por demais afflitivo, ameaçava reduzir á condição de Niobe as victimas de perda irreparavel, o poeta, mais influente do que o raio do sol a projectar-se na estatua de Memnon, arrancava lagrimas de infelizes petrificados pela dôr, penetrando-lhes no fundo d'alma e dizendo :

— O pranto é chuva
Que alimpa a cerração da mente e d'alma.

Ante a inefficacia de tão santo refrigerio, ou porque o desditoso já não tinha lagrimas, Moniz Barretto o consolava, abrindo-lhe os olhos para o Altissimo e acalentando as maguas na contemplação beatifica da immortalidade.

Foi assim que, após o naufragio da corveta *Isabel*, com a qual desapareceram para sempre tão vivas esperanças da patria na armada imperial, o grato amigo, em signal de condolencia, ao venerando magistrado Innocencio Góes, ex-

tremoso pae de um dos naufragos, dirigiu n'um soneto este magnifico pensamento de inspirado vidente.

Santa religião, teu apanagio
 Nos contrastes da vida transitoria,
 Corôe, illustre Góes, o teu suffragio.

Teu filho, a quem da patria honra a memoria,
 Enxuga as vestes do cruel naufragio
 Ao sol perenne da celeste gloria.

Composição primorosa no genero descriptivo e no elemento maravilhoso, que sublima o quadro pathetico entre o mar e o céo, vem muito a pello inserir o soneto á catastrophe occorrida perto do littoral de Marrocos.

Da brazilea, belligera marinha
 A garbosa *Isabel* cortava os mares ;
 Com ancia de avistar os patrios lares,
 Pela cerulea estrada arfando vinha.

Subito investe á *miser*a e *mesquinha*
 O genio dos maritimos azares...
 — Arriba ! — Grita o nauta entre pezares ;
 Murmura o Oceano : — A presa é minha.

Sobre o escolho batendo se espedaça
A corveta que, esplendida, attrahira
De povos o louvor, de reis a graça.

N'ella cevou-se da tormenta a ira.
A flor toda dos seus, que a onda abraça,
— A Patria ! — exclama e suffocada expira.

Com tanta altiloquia para descrever
ou prevenir calamidades nacionaes, que
devassador do futuro era o repentista,
em suas congratulações, em suas cren-
ças, em seus augurios

inspirados em harpa de propheta,

por occasião de vaticinar um grande lit-
terato em Agrario de Menezes, a sorrir-
lhe no berço, um luminoso orador em
Ruy Barbosa e um benemerito estadista
em Paranhos !

No *Elogio historico* de Agrario, o Dr.
Alvares da Silva, de saudosa memoria,
menciona o facto da predicção de Moniz
Barretto.

Este, regosijando-se por ver confirmado
seu vaticinio, assim o rememora nos se-

guintes versos de uma saudação, recitada
no theatro, ao victoriado autor do *Calabar* :

« Um dia (ha quatro lustros e tres annos)
O joven hoje auctor, então das faixas
 Infantis revestido,
Depois de se banhar nas aguas santas,
Socegava em seu berço. Refervia
O festim baptismal no lar paterno.
 As musas que desceram,
Invocadas por mim para cantal-o,
Afeiçoadas ao menino, o berço
Lhe embalaram risonhas; para ellas
Sorriu-se a creancinha afortunada.
Não foi isto illusão; vi-o, e contente,
Para os pais e convivas me voltando,
— Alviçaras! bradei, será poeta!
A minha predicção verificou-se.
O menino cresceu, e, bem depressa,
Cultor das musas, férvido, distincto,
Em Olinda ostentou-se.....
..... Agora vêde-o —
Remontando-se além, co'a penna illustre
Dá vida a Calabar e tral-o á scena.
De Calabar apenas a noticia
Quasi apagada havia. Agrario a fama
Sua e de Calabar alçou no drama.

Não se limitava, porém, o poeta a felicitar-se pela confirmação de sua propheta na esplendida carreira de Agrario. Diante de esperançosos neophitos, que o tinham por mestre, aquelle inspirado aruspice, correspondendo magistralmente á sua mais alta missão, embebia-se no futuro para acoroçoar d'este modo a juventude :

Avante, mocidade ! a quadra é nossa !
 É tempo de subir ; já muito havemos
 Descido do fastigio de provincia,
 Que princeza entre as mais fôra acclamada

.....

Independentes fomos
 Para ser cidadãos, para ser grandes :
 A vós compete agora
 O edificio acabar da Liberdade,
 Cimentado com sangue
 De vossos paes, vertido nas pelejas.
 Não vos importem maldições de escravos,
 Sobrecechos de despotas tenazes,
 Nem censuras de homens só materia,
 Só metal, que vos queiram

Por ventura estorvar no passo ovante.
Caminhai, prosegui, jovens briosos !
Um dia, consummada
Da patria a gloria, vos fareis eternos.

A puericia de Ruy Barbosa inspirou
ao vate ancião, entre outras estrophes,
a seguinte :

Admira n'uma creança
O engenho, o criterio, o tino,
Que possui este menino
Para pensar e dizer !
Não, não me illudo na minha
Bemfirmada prophécia ;
Um gigante da Bahia
Na tribuna elle ha de ser.

A 16 de Março de 1862, brindando
pelo anniversario natalicio de Paranhos,
excluido do parlamento, nas urnas da
côrte, e desaffrontado por Sergipe, Mo-
niz Barreto, extremoso bahiano, depois
de exprobrar á Bahia tanta impassibilidade
para com seu filho tão illustre, anteci-

pava a coroação do porvir, em honra do immenso batalhador, fadado a crescer com os obstaculos, e que depois chamou-se Visconde do Rio Branco, hoje redidivo no Pantheon da historia.

Gloria a teu filho, brazileira Athenas,
Que assim te illustra com tão vivo ardor !
N'estas da noite virações amenas
Manda-lhe um voto de materno amor.

Tem n'elle o throno um campeão robusto,
A liberdade um lidador gentil,
Um guia o povo e o soberano augusto
Contra as ciladas de estrangeiro hostile.

Debalde a inveja deslustrar teu filho
Tenta, Bahia, nos bons feitos seus ;
Só serve a nuvem de augmentar o brilho
Dos grandes astros que accendera Deus.

Honra á provincia que nas urnas soube
Fazer justiça ao nosso caro irmão ;
Honra a Sergipe, a quem a gloria coube
De dar a nós essa exemplar lição.

.....

Prospera e longa sua vida seja
— A gloria a abrir-se no melhor porvir,
E o nome illustre de Paranhos veja
Eterno a patria em seus annaes luzir.

É este o voto que haveis sempre ver-me
Fazer nos hymnos decadentes meus,
Emquanto grato o coração bater-me,
Emquanto a lyra aviventar-me Deus.

Incapaz de faltar á palavra, ter-se-hia
plenamente glorificado o poeta em seu
idolo, rendendo-lhe condigno preito, se a
morte lhe não quebrasse a lyra, tres annos
antes de assignalar-se Rio Branco entre
os bemfeitores da humanidade.

Só assim deixariam de ser ouvidas,
em homenagem á victoria de tres nações
sobre a tyrannia de um homem, no dia
1 de Março de 1870, e á conquista de
um homem victorioso na tribuna sobre
tres seculos de escravidão, no dia 28 de
Setembro de 1871, aquellas mesmas cor-
das que vibraram com tanto vigor pa-

triotico, appellando para a guerra, ante o conflicto do governo imperial com a legação britannica, e depois exhortando á gloria phalanges de voluntarios, que marchavam para a campanha do Paraguay.

Sempre conceituoso e opportuno, quadrava-lhe o estro para, em linguagem singela, exprimir a beatifica situação da fé que se recolhe n'um claustro ou da caridade que se franqueia n'um asylo de engeitados.

Que suave lyrismo a impregnar-se de religiosidade n'estas estrophes dirigidas a uma professa!

Ave, que longe do mundo
Perfido, ingrato e mesquinho,
Aqui fizeste o teu ninho
Para ao Céu melhor voar!
Rodeada de virtudes,
Sem temer tiro ou procella,
Vive, ave mystica e bella,
No teu ninho ao pé do altar.

Das pennas, de que vestida
Te ostentavas na floresta,
Uma só já não te resta ;
Hoje a ultima cahiu.
Nova plumagem te cobre
De perenne formosura ;
Completo o sol da ventura
Para a tua alma surgiu.

Não é menos adequada e pathetica a intervenção do poeta, accusando, em nome da justiça divina, creaturas desnaturadas e respondendo pela segurança de quantos innocentes a caridade perfilha, depois de os arrebatat á morte nos rigores do frio, da sêde e da fome.

Deshumanas genitrizes,
Que de tantos infelizes
Este pio asylo encheis,
De crime tão revoltante
Uma só attenuante
Não ha nas celestes leis.

.....
Cada choro de engeitado,
De maldição como um brado,

Vae no Céu repercutir...
Eia, evitai o perigo;
De Deus fugi ao castigo,
Tremei do eterno porvir!

.....

Vinde, pobres innocentes!
Aqui paes, aqui parentes
Achareis em vosso bem;
Peitos para amamentar-vos,
Braços para carregar-vos
A caridade aqui tem.

Era, sobretudo, admiravel aquelle tom sentencioso que, em momentos supremos de alegria ou de tristeza, incutia soberanamente a convicção nos ouvintes mais descrentes e affeitos ao prosaismo.

Se era preciso fechar com chave de ouro ceremonias e congratulações proprias de festejado enlace, o repentista o fazia a contento de todos, pondo em relevo os inestimaveis proveitos da vida conjugal, aconselhando paternalmente os noivos e, por fim, despedindo-se d'elles com esta decima eloquentissima:

Basta : fallou o levita ;
O poeta após fallou ;
P'ra nós — da alliança bemdita
A festa se completou.
Resta o thalamo..... A poesia
D'essa aurea peripecia
Do alto drama do hymeneu,
Tem-se gozado e sentido ;
Tem-se — na idéa — attingido ;
Mas, nunca se descreveu.

Quando, absorto o vate ancião na sepultura de um gigante da palavra, inopinadamente roubado pela morte a discipulos e confrades nas lides scientificas, requintava de lucidez philosophica, a buxilar em masculos versos os meritos do heroe.

Corrobore-se este asserto em alguns trechos da poesia ao passamento de Antonio Alvares da Silva, luminar e braço da faculdade de medicina da Bahia.

A terra em luto!... em festa a Eternidade!...
Por quem será?... Dizei-o vós, que vindes
Aqui suffragios tributar ao morto.
Leio em vossos semblantes a resposta.

É o collega e mestre, que perdestes,
 D'esta antithese a causa; sim, é elle,
 Quem ao Ceo recolhendo-se, promove
 Dos homens o chorar, o rir dos anjos.
 E uns e outros tem razão; que é raro
 Passar do ser finito ao ser infindo
 Tanto talento, tanta luz de idéas,
 Lingua tão aurea, tão donosa penna,
 Tão nobre coração, alma tão pura.

.....
 Dos labios, que lhe ungira Deus com o oleo
 Divino da eloquencia, lhe sahiam,
 Ora flores, que as almas perfumavam
 D'ineffavel odor, ora scentelhas
 Electricas, que, rapidas, girando
 Do auditorio mais algido nas mentes,
 Accendiam o morto enthusiasmo.

.....
 Medico duas vezes, co'a palavra,
 Inspirada e fatidica, sabia,
 Como poucos, curar as mais rebeldes
 Paralsias do animo — as descrenças.
 Oh! que naquelle craneo havia fogo:
 Quem lhe fizesse a autopsia, o veria.

.....
 De Deus por que mysterio imperscrutavel
 Assim prematurou-lhe a Parca o golpe?!
 Oh que estrella fatal preside á bella

Precocidade dos talentos grandes !
 Raros são os que vingam e percorrem
 Largo estadio entre o berço e a sepultura !
 Como que o Ceo não quer aguias na terra,
 E, mal que as azas lhes impluma, folga
 De vel-os adejar pelo infinito.

.....

Gloria a Deus ! gloria ao genio ! Mundo, és nada !
 O Ceo é tudo ! Só depois que morre,
 O homem se completa e feliz vive.

Agora, os competentes, os que amam
 devéras a patria ; os que não procuram
 celebrar-se á custa dos infortunios d'ella ;
 os que sentem o coração heroico de Gui-
 lherme Tell palpitar na tragedia de Schil-
 ler ; os que admiram a força de Béranger
 em suas picantes cançonetas [contra os
 inimigos do povo ; os que ainda hoje cui-
 dam ver a liberdade encarnar-se em Rou-
 get de l'Isle, para compor a *Marselheza* ;
 os que choram com a captiva Polonia a
 pedir soccorro em plangentes versos de
 Mickiewicz ; os que se enthusiasmam com
 as aspirações patrioticas da Allemanha

nos cantos bellicosos de Kœrner; os que applaudem, na ode *A columna*, a França resumida em Bonaparte e o guerreiro divinizado por Victor Hugo; os que sabem de cór o *Pavilhão Negro* de Mendes Leal; os que apreciam no *D. Fayme*, por cima de um poema-romance, um sublime argumento contra a antipathica idéa da annexação de Portugal á Hespanha; digam se destôa do bem entendido civismo o lance de indignação do repentista brasileiro contra a arrogancia ingleza, na questão Christie.

Eis algumas estrophes do canto patriótico *A repulsa*:

Diga a França, diga a Hollanda
O que é este solo-rei,
Se estrangeira mão nefanda
Toca ousada em sua grei.
Do seu heroismo ainda
Nos priscos feitos de Olinda
A gloria falando está;
De sua audacia e bravura
Ainda o echo murmura
Nos campos de Pirajá.

No seu throno fluctuante
Venha essa ilhóa feliz,
Venha, que o indio gigante
De seus avós não desdiz.
Para as bellicas porfias
Vieiras, Henriques Dias
Hão de entre nós renascer...
Quando, afouto, ás armas corre
Este povo, ou vence ou morre,
Para escravo não viver.

Quem, como nós, com fé pura
Sabe allianças guardar,
Tambem sabe com usura
Offensas retaliar.
Por indole, o Brasileiro
É manso, qual o cordeiro,
Da razão ouvindo a voz ;
Mas, da violencia ao ensaio,
É ardente, qual o raio,
É, qual o tigre, feroz.

Do Gama aos netos que importá
Britannica esquadra hostile?
Abrir talvez ella a porta
Venha a glorias do Brazil.
D'America *portuguezes*

Somos, e não *irlandezes*
Que Albion sujeitos tem:
Do jugo nos desprendêmos
Da mãe-pátria; não seremos
Mais colonia de ninguem.

Com furor travada a guerra,
Se o *bretão* a provocar,
De sangue se alague a terra,
O sangue enrubesça o mar.
Lave — o do inimigo — a injuria
Feita a nós; da nossa incuria
Seja o nosso expiação.
O fraco escarmente ao forte
Arbitro infiel da sorte
Do grande Napoleão.

Sim, exercida a desforra,
Igual quinhão ella ter
Ha de, no sangue que corra,
No pranto que se verter.
Depois... do horror da matança,
Ha de surgir a bonança
Para nós vinda do Céu;
E — no juizo da historia,
Será do Brazil — a gloria,
Da Gran-Bretanha — o labéo.

Depois destes versos, mais penetrantes que bayonetas, immobilisa-se momentaneamente a penna do obscuro biographo, em signal de continencia ao inspirado e brioso poeta.

XIII

Em modestos apontamentos auto-biographicos declara Moniz Barretto que á excepção de uma gazetinha, redigida por elle de 1831 a 1832, no Rio de Janeiro, de nenhuma outra foi redactor.

Os trabalhos quotidianos do seu emprego na alfandega e o seu máo estado de saude, a isso lhe não permittiam logar e tempo. Limitava-se a collaborar, de vez em quando, para o *Seculo* e para o *Argos Bahiano*.

De seus escriptos em prosa, dados á estampa, mereceram especial acolhimento os apologeticos ao conselheiro Chichorro da Gama, durante as luctas politicas de 1848 em Pernambuco, os artigos em defesa do general Barão da Victoria, quando commandante das armas, na Bahia, e do senador Cansanção de Sinimbú, quando presidente d'essa provincia em 1858.

Sempre correcto e elegante, o prosador, comquanto em trabalhos de pouco folego e interesse fugitivo, não desdiz do poeta no cunho do atticismo, vernaculidade e saber, que imprime ás suas minimas produções.

Quanto ao exercicio do cargo aduaneiro, de certo inferior á elevação dos seus talentos, é fama que o eximio repentista, mettido em leito de Procustes no positivismo das tarifas e despachos, sempre se distinguuiu entre os mais zelosos e probos funcionarios, merecendo indeclinavel estima dos seus chefes e collegas. Isto não obstava a que o poeta fizesse contrabando com as musas, alli mesmo, dentro da Alfandega, em horas de menor expediente, no gabinete do inspector, chefe mui conspicuo, mas incapaz de tornar-se um Argos para aquella creatura tão agrilhoada officialmente ao ganha-pão quotidiano, quão disposta sempre a colher fructos do bello até nesse arido emprego, de subito convertido em jardim das Hesperides.

Onde mais inoffensiva e caroavel pessoa, mormente pela conceituosa palestra com que sabia prender, durante horas inteiras, quantos amigos a encontrassem na rua ou em casa?!

Sempre o mesmo soldado de Pirajá, contente do seu passado, tranquillo do seu porvir e esquecido das provanças da vida nas dores e alegrias do proximo, o vate bahiano olhava com a maior indifferença para as honras que escondem, ás vezes, tanta insanavel torpeza, honras das quaes disse magistralmente o Camões:

Melhor é merecel-as sem as ter,
Que possuil-as sem as merecer.

Caprichos e contrastes da fortuna! O cidadão bemquisto de todos, o Moniz-poeta, que arrebatava as turbas com os adejos do estro, captando sympathias com os primores da educação e a inteireza do character, não foi deputado, nem edil, nem eleitor, nem juiz de paz; ao passo que de tantas mediocridades, subidas pelos

hombros da plebe á representação provincial e nacional, mais de uma careceu de recorrer ao 1.º escripturario da Alfandega para corrigir erros palmares de grammatica e logica em papeis de conveniencia propria.

Não admira isto no Brazil, quando, em paizes velhos e cultos, ainda reina o preconceito de que os homens de letras, *maxime* os poetas, são apenas visionarios sublimes, não servem para as sciencias positivas, para a politica e para a administração. Quando realmente assim fosse, nada mais natural. Cabeças erguidas para o Infinito não podem medir o alcance dos minimos interesses da terra, assim como as aguias fitam o sol e não a agua turva, utilissima para as *bolhas de sabão politicas*, tão recommendadas no estylo ironico de Alexandre Herculano.

Dizem que vivemos em pleno seculo das luzes, acesas pela sciencia alliada com a industria, para o aperfeiçoamento do

homem colectivo, na liberdade, na igualdade e na fraternidade.

Que requinte de mystificação! Quanto mais se alargam os campos da cultura mental, mais sobresahe o eterno antagonismo da prole adamitica com o orgulho de raça, da força com o direito, dos governos com os povos, da soberania hereditaria com a realeza do merito intrinseco, do productor com o consumidor, do capital com o salario, da riqueza com a miseria do erro com a verdade.

Quanto mais se applicam o vapor e a electricidade a conquistas do progresso, traduzido na fórmula ingleza — *time is money* — mais se accentúa a preferencia da outra fórmula universal — *money is king* — porquanto o infrene mercantilismo já invadiu todas as camadas sociaes. A pretexto de guardar a harmonia dos interesses economicos, onde a preponderancia do *haver* sobre o *deve* é a norma inseparavel do individuo mais interessado no bem-

estar da communhão, crescem, com a fome de ouro, as exigencias: é o Estado a impor tributos até sobre o ar que se respira; é a sciencia que põe em almoeda os seus empenhos e serviços mais philantropicos; é a industria que falsifica a natureza; é a imprensa que, rebaixando a balcão a tribuna universal, cobra-se pelo aluguel de suas columnas á divulgação de productos obtidos, para bem dizer, com o proprio sangue do operario da intelligencia!

E, por fim de contas, queixam-se todos do negocio, allegando que os lucros não compensam o sacrificio.

Se o mundo progredisse assim em todos os seculos, de nada serviriam os homens de imaginação aos homens de calculo, preocupados com a ameaça de perdas e danos, em um verdadeiro inferno de Alighieri, onde o genio é um intruso; onde a bondade é irrisoria chiméra; onde o dinheiro é despota idolatrado; onde a

gloria se compra, onde a honra se vende, onde a virtude é ludibrio do vicio; onde o demonio prazer oblitera em seus escravos os sentimentos do bem e do bello; onde as fontes da vida, as rosas do pudor e os fructos do trabalho somem-se nos antros do jogo e da prostituição (*); onde a politica, segundo a definição de Beaumarchais, consiste em fingir saber o que se ignora e ignorar o que se sabe; onde até nos dominios da Egreja a imagem de Christo é substituida pela balança do commercio!

A historia, porém, fornece exemplos do contrario, para honra dos poetas e abono da civilisação que os tem aproveitado. Sem nos remontarmos á Grecia e á Roma antigas, basta recordar que Petrarca foi embaixador de principes rei-

(*) O maior emporio da civilisação actual não está isento de monstruosidades taes. Hajam vista os horripilantes escandalos de Londres, ultimamente denunciados pela imprensa ao parlamento inglez que, reconhecendo inefficazes os meios repressivos em vigor, teve de legislar especialmente para o assumpto.

nantes, o Dante foi magistrado supremo em Florença, Milton foi secretario de Cromwell e Quevedo mereceu igual confiança de Felippe IV.

Nos tempos modernos, entre os seus estadistas e parlamentares a Inglaterra conta homens de letras do renome de Adisson, Sheridan, Canning, Derby e Disraeli; a Hollanda, Nicoláo Heinsio e Grotius; a Allemanha, Frederico II e Goethe; a França, Chateaubriand, Arago, Lamartine, Guizot e Thiers; a Hespanha, Martinez de la Rosa, Duque de Rivas e Donoso Cortez; a Italia, Gioberti e Guerrazzi; Portugal, Almeida Garrett e Rebello da Silva; os Estados Unidos, Pauldine; e o Brazil, José Bonifacio, Alves Branco, Villela Barbosa, Borges de Barros e Paulo José de Mello.

Isto não obsta a que subsista o preconceito contra os cultores do bello. Causa o maior espanto a ascensão, na escala politico-social, de litteratos e poetas do quilate

de Mitre, Castellar, Moret, Mendes Leal, Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, José Bonifacio, Francisco Octaviano e José de Alencar, talento este omnimodo e prematuramente roubado ás esperanças da patria.

Entretanto, parece mui natural que adventicios, quasi analphabetos, subam por montes de ouro ou de cadaveres, fazendo degráo de tudo para alcançarem o fastigio do poder. Verdade é que o genio se desforra de taes affrontas, sobranceiro á grandeza que se vai de todo com a morte, e conscio da propria gloria, que fica inteira em um livro, onde reviverá o espirito de um seculo, ou o heroismo de um povo.

Que seria Achilles sem Homero, Augusto sem Horacio, D. Manoel sem o Camões? Que valem os sarcasmos de Burleigh contra o merito de Spenser? Que valem todos os estadistas de Elisabeth ante a posteridade de Shakespeare?

A gloria posthuma de Schiller e Goethe já eclipsou as façanhas diplomaticas de Metternich, e de certo offuscará as conquistas de Bismarck e de Moltke.

Alguns politicos são apenas conhecidos por um verso de Byron, por uma canção de Béranger. Napoleão I parece triumphar em Waterloo na ode *Cinque Maggio*, de Manzoni; Napoleão III perdurará nos magestosos despezos que inspirou a Victor Hugo. Este, quando, ainda ha pouco, ascendeu pela morte á immortalidade, depois de haver assistido em vida á sua apotheose, attrahiu ao redor de seu cadaver as maiores homenagens do genero humano, debruçado sobre o coração da França, palpitante n'um milhão de almas, entre o Arco do Triumpho, a servir de catafalco, e o Pantheon, convertido de egreja em mausoléu.

Que soberanos e potentados já receberam n'este seculo tamanho preito de

espontanea vassallagem? Nem dos funeraes de Marco Aurelio ha memoria de semelhantes tributos.

Os grandes poetas soffrem da inveja das mediocridades; mas, no tumulo se vingam do orgulho dos vivos, que só se elevam pelo apreço ostentoso dos mortos.

Em resposta a seculares preconceitos, motejos e baldões, todos os homens de letras devem repetir as seguintes palavras de um poeta pelo coração, pelo gosto bem formado, pelo culto litterario e pelo afinamento da intelligencia com a sensibilidade:

«A poesia! a bella poesia! quem não a amaré, moço ou velho? Quem não a invocou em momentos da fagueira illusão ou da felicidade momentanea? Quem lhe não pediu consolação de penas de amor ou de decepções da vida? Companhia da imaginação juvenil, ella desce das nuvens do céu ou rebenta das espumas do mar. Ás vezes é a nymphá

do bosque, que nos acena com delicias sob a copa das arvores; ou a hebréa da fonte que nos mitiga a sêde, entornando a amphora; ou a escrava grega que prepara o banho; outras vezes é a donzella pensativa do castello feudal, a virgem, cujo seio começa a bater apressado. Quando o moço desperta dos sonhos, a poesia lhe inspira pensamentos mais elevados: o culto da liberdade e da justiça.

« Foi assim que nas jornadas do mundo, se os espinhos me laceraram o manto e os seixos me ensanguentaram os pés, ficou-me sempre o coração amparado e pude conserval-o puro. Mas o poeta que se acautele. Elle se achará um dia solicitado por duas visões e terá de pender para um lado: uma d'essas visões é a vida singela e modesta, o respeito ás leis da moral, a familia com o seu recato, a dedicação reciproca, sem exigencias expressas, mas com sacrificios intimos e voluntarios. A outra visão é a

vida tempestuosa, a orgia, os rostos provocadores, as sedas roçagantes, os perfumes da arte, o olhar inflammado, os labios ardentes, o seio desvendado, com exigencias despoticas e com a perda do pudor, da saude e da fortuna. » (*)

Descrente dos homens, incapaz de transigir com as influencias maleficas do paiz e da época, Moniz Barretto concentrava-se, cada vez mais, no amor da familia, nas obrigações da amizade e no culto intimo do bello, para o qual vivia inseparavel das musas.

Á mingua de recursos indispensaveis para, a coberto de prepotencias, expandir-se por mais amplas esferas da actividade publica, ligando o seu nome a diuturnas conquistas de engrandecimento nacional, o poeta, submisso prisioneiro da sorte caprichosa, apenas se desforçava do tempo, que lhe ia matando a esperanza, a poetar, a desfazer-se em versos para quan-

(*) Senador Francisco Octaviano.

tos o ouvissem, para allivio proprio, com a mesma resignação do passaro que, encerrado na gaiola, habitua-se por fim á clausura e enche de gorgeios melifluos os longos dias de irremediavel captiveiro.

Dest'arte o ancião, quando lhe esvoaçava em torno o anjo da saudade, revia-se em quadras risonhas, que lhe fugiram para sempre com a mocidade ; e, tomando por mote a mesma idéa, já florida na phantasia de um sacerdote da sciencia, ainda hoje tão válido, (*) compunha grinaldas de flores do pensamento orvalhadas com lagrimas do coração.

Eis o primoroso e singelo artefacto, dé jasmins, violetas e rosas, que brotavam dos vergeis da imaginação senil :

Marilia, aquella ventura,
Que n'outros tempos gozei ;
Quando do nectar provei,
Em teus braços a doçura,

(*) O conselheiro Dr. Francisco Bonifacio de Abreu, Barão da Villa da Barra.

Pouco durou, como dura
O viço, meu bem, da flor ;
Mas, seu divino sabor
Nos labios eu sinto ainda,
Quando se me aviva a infinda
Lembrança do nosso amor !

Crê-me, querida, um só dia
Não ha que, por mim lembrado,
Não seja o nosso passado,
O laço que nos prendia.
Melhor quadra de poesia
Jámais teve o trovador ;
Do céu mais alto favor
Ninguém n'este mundo goza...
Que encantos tem a saudosa
Lembrança do nosso amor !

Quando vaguei peregrino,
Tu foste, Marilia bella,
O meu anjo, a minha estrella,
Nos temporaes do destino.
Em teu semblante divino
Recobrei vida e fervor ;
Da tua aurora cantor
Deu-me um acaso que eu fosse ;
E esse acaso é a mais doce
Lembrança do nosso amor.

Hoje, Marília, distante
De ti, peno ! Mas, que importa ?
Se a felicidade é morta,
Inda vive o peito amante.
Nelle encontra, a todo o instante,
Teu retrato o trovador ;
Perto ou longe, aonde eu for,
Louve a razão, ou condemne,
Hei de em mim guardar perenne
Lembrança do nosso amor.

Se os teus olhos não mentiam,
Quando nos meus se fitavam ;
Se os labios, que me beijavam,
Juras vãs não proferiam ;
Cumpram o que promettiam
Teus votos com tanto ardor :
Quanto mais da vida a flor
Em nós murchar — mais viçosa
D'alma nos brote a mimosa
Lembrança do nosso amor.

Dir-se-hia (não é verdade, amoráveis
leitoras ?) o exul e suavissimo Dirceu a
suspirar, no ermo de inhospitas plagas

africanas, pela fagueira presença de Marília, cruelmente roubada ao poeta, com a pátria de sua imaginação nas opulências e louçanias da natureza brasileira.

XIV

De tantos excerptos em todas as formas da poesia épica ou lyrica, austera ou galanteadora, sacra ou profana, individual ou collectiva, serena ou militante, patriótica ou cosmopolita, ahí ficam excellentes amostras, não só para inabalaveis apologistas da escola classica, mas tambem para quantos preferam a escola romantica ou saibam aproveitar de ambas, em louvavel eclectismo, fructos opimos.

Apreciemos agora, sob outro aspecto, o talento flexibilissimo do repentista. Vejamo-lo na poesia tendente ao realismo e com a genuina côr local, usando bem da arte, sem carecer dos preceitos e modelos de Balzac, Stendhal e Flaubert, antes de propagar-se ao Brasil a influencia da escola naturalista, que tanto blasona de original nos livros de Gon-

court, Zola, Daudet e Richepin, pelos quaes, reflectida ordinariamente uma face do real no espelho da verdade, ostentam-se imagens indecentes, lances repugnantes, typos abjectos, scenas abominaveis, e conjunctos sórdidos, na representação litteraria da natureza humana.

A poesia realista de Moniz Barretto, sem filiação alguma á escola parisiense, é bem outra. É a mesma simplicidade natural, com a differença unicamente do influxo religioso, exposta a quem a procure ver, sempre limpa e decorosa, em muitos versos de Homero e nos melhores de Lucrecio. É a mesma sobrançeria de Aristophanes que, dos palcos de Athenas, atacava todas as classes, fulminando-as com o ridiculo, na comedia antiga. É a *vis comica* irresistivel, caustica, incessante, que enfurecia os tyrannos de Roma, sem distincção de sexo ou idade, nas peças de Plauto, nas satiras de Juvenal e nos

epigrammas de Marcial. É o *ridendo castigat mores*, é o *humor* picante, que, atravessando tantos seculos, naturalisou-se francez no theatro de Molière, ante a côrte de Luiz XIV. para abalar os reducidos do velho regimen nos vicios do clero, da nobreza e do povo. É a satira galhofeira, intemerata, por instincto e por habito, a pôr o dedo subtil na chaga mais occulta, a desmascarar Tartufos refinadíssimos, a descobrir os posições da formosura mais vaidosa e a rebater a hediondez mais arrogante, servindo assim á moral em beneficio da patria. É aquelle espirito mordaz, com o estylete acerado e pungente, — bisarma terrivel de Bocage, Tolentino, e Novaes — implacaveis na debellação de flagellos reproductivos quaes as cabeças da hydra de Lerna, e que por ahi andam com figura de gente. É a musa faceta, digna conterranea de Gregorio de Mattos que, em desproveito da patria, sequestrou-se n'uma capitania da

colonia portugueza, assim como o repen-
tista n'uma provincia d'este vasto Imperio,
ainda hoje insufficientemente stereotypado
pela critica de costumes, nas scenas mais
jocosas do repertorio de Penna, Macedo,
França Junior e Arthur Azevedo.

Sem fazer obras de fancaria, porquanto
nem dispunha do gosto assiduo e remun-
erativo n'um publico affeito ao theatro
regular, Moniz Barretto empregou a sua
veia satirica em composições fugitivas de
aspectos diversos, entre as quaes men-
cionaremos as seguintes: *Descripção da
Bahia. A difficuldade da carne verde. A
alguns pregadores da época. A certa musa
de Guiné. Em linda marinha concha. Os
tempos. Ao joven poeta da pacotilha. São
desgraças do Brazil. A um nariz pheno-
menal. Resposta a uma senhora á cerca do
rapé. Convite para comer um Perú. Os
guizados da velhice. Panegyrico a um xa-
rope. A minha terra. O fim do mundo.
As eleições. Amar. Casar. A patria. Esfu-*

*siote. Epigramma a um medico doente. É
paio.*

Vendo pelos olhos do repentista em
suas observações humoristicas, mostremos
o que val politicamente o nosso paiz,
onde, no dizer de um estrangeiro assás
perspicuo — tudo é grande, só o homem
é pequeno.

O que é o Brazil? — Uma negaça
Por espertos armada ao povo tolo;
Um grupo de cabeças sem miolo,
E onde algumas, que o têm, dão p'ra trapaça !

Nada é solido aqui; tudo é fumaça!
Só se vê de papel rôlo e mais rôlo!
Legislação, meu Deus! isso é um bôlo,
Que, quanto mais se faz, peor se amassa !...

O patriotismo é uma patuscada !...
A lei fundamental, burla grosseira !...
A politica — o Eu da gente grada !...

E chama-se nação, a brasileira !...
Qual! — de velhacos é sómente escada !
E de quem quer mamar : — « Vacca leiteira ! »

Para quem faça, porém, um estudo etiologico dos males sociaes do Brazil, sem ligar importancia ao juizo summario de Ribeyrolles (*) e ao pasmo *hispanico* de certo allemão que, durante a campanha do Paraguay, via a Providencia a proteger escandalosamente os brazileiros, sirvam de guia as seguintes decimas, glossadas ao chistoso mote do Visconde da Pedra Branca :

*São desgraças do Brazil
Um patriotismo fôfo,
Leis em parôla, preguiça,
Ferrugem, formiga e môfo.*

Leis, ou tortas, ou quebradas
Do arbitrio pelo bastão,
Máo systema d'eleição,
De juizes enxurradas,
Assembléas sempre inçadas
De gente nescia, ou servil,

(*) « O Brasil é um paiz onde todos querem mandar, ninguém obedece e tudo vae bem. »

Barriguda, ou pueril,
Febres côr de gemma d'ovo,
São peccados deste povo,
São desgraças do Brazil.

A maior destas desgraças
Vae de ninguem praticar,
Quando sobe a governar,
O que proclama nas praças.
Não se vê senão fumaças
De um amor-proprio balôfo;
Cada um para o seu côfo
Só pescando com cuidado;
Um catonismo affectado,
Um patriotismo fôfo.

Sobre o vão patriotismo
Ha outra calamidade:
— Nos parvos muita vaidade,
Nos sabios muito egoismo.
Levam-te, ó patria, ao abysmo
A' corrupção que se atixa,
Dos estranhos a cubiça,
Que industria e commercio aferra,
A ousadia — e dos da terra
Leis em parôla, preguiça.

Da preguiça ao grande mal
Inda outros males se annexam,
Que nos atrazam e vexam
Neste seculo fatal ;
São elles — a immoral
Ambição, o luxo fôfo,
O gasto d'alheio estôfo,
Tendo algodão nós de sobra ;
E, p'ra coroar a obra,
Ferrugem, formiga e môfo.

Quasi ao despedir-se da vida, assistindo á ineptia de uns e á indolencia de outros, ao desazo dos governos e á tolerancia dos governados, á desorganisação dos partidos e á pessima orientação da politica em sentido contrario á natureza tão prodiga de reaes magnificencias, imaginaveis outr'ora em sonhos de visionarios do Eldorado, indignava-se o poeta contra as peiores causas do entorpecimento nacional, respondendo com os seguintes versos aos assomos de ridiculo patriotismo:

A patria — é santa invocada
Por quantos embaixo estão ;
Porém logo desprezada,
Quando acima um pulo dão.

A *patria* é pupilla rica,
Que pobre nas garras fica
De impio tutor a comer.
A *patria* é triste mendiga,
Que pede para a barriga
De espertos filhos encher.

A *patria* é escada de corda
Do politico sagaz,
Para trepar aonde engorda
E a sua fortuna faz.

A *patria* é sempre a muleta,
A que se arrima a gazeta
Que coxêa da razão.

A *patria* é palavra ôca,
Que muitos trazem na boca,
E raros no coração.

A *patria* é gasta moenda
De extrahir, delles em prol,
Senadores de encommenda
E deputados de rol.

A *patria* é uma ironia
Do que já foi algum dia,
Quando mais amava a Deus.
A *patria* é, emfim (e basta)
Mãi de estrangeiros, madrastra
Dos melhores filhos seus.

São também produções d'essa época de tédio e desillusão do poeta a estigmatizar a incuria dos publicos negocios, os sonetos *Amar* e *Casar*. Sem prejuizo da verdade, cujo fundo aliás transparece no maior gracejo, taes menoscabos anti-nupciaes acudiam da mente aos labios do repentista, mais como um aviso aos incautos, victimas das primeiras impressões, do que em signal de intima convicção, propria do character adstricto aos deveres que reconhecem no amor o fundamento da vida conjugal, e n'esta, fructificada na familia, a base imprescindivel da sociedade.

AMAR

(*Em relação á mulher*)

Amar — é um fingir a cada instante ;
 Um dizer sim e não de hora em hora ;
 É cantar de sereia, que namora,
 Attrahe, e perde o infeliz viajante.

Amar — é para o misero aspirante
 Ter por dentro uma cousa, outra por fóra ;
 É no balcão, onde a perfidia mora,
 Pedra falsa impingir por diamante.

Amar — é de Cupido no mercado,
A ver qual é melhor, ter mais de um socio,
E dar o que não preste por quebrado.

Amar — é um synonymo de ocio ;
É para o casamento um laço armado ;
Um ramo, como os outros, de negocio.

(Em relação ao homem)

Amar — é um viver impaciente,
Que mais tem de penoso que de ledó ;
E mal que nos acaba, tarde ou cedo,
Com dores mais crueis que a dor de dente.

Amar — é uma febre intermittente,
Que degenera em typho, que faz medo ;
É da vida nos mares um torpedo,
Que no abysmo arremessa a muita gente.

Amar — é andar sempre n'um sarilho ;
É virado trazer sempre o miolo ;
Jogar e perder sempre de codilho.

Amar — é d'amargura o peor bolo ;
É uma embriaguez de peralvilho,
Um documento authenticó de tolo.

CASAR

(Em relação ao homem)

Casar — é ferrea tranca atravessada
Contra os gozos da vida prazenteira ;
E de mel uma lua passageira,
Com mil noites, após, de trovoadas.

Casar — é quasi sempre uma maçada,
Depois que se cozinha a bebedeira ;
É uma perigosa brincadeira,
Uma graça, p'ra muitos, bem pesada.

Casar — é a mais dura penitencia,
Que póde um peccador fazer, jungido
Às modas, aos sarãos, á complacencia.

Casar — é precursor de arrependido ;
É tudo supportar com paciencia,
Para a pecha não ter de máo marido.

(Em relação á mulher)

Casar — é dar a mão ao pretendente,
Para de pés e mãos logo amarral-o,
E a marca, sem o misero pensal-o,
De escravo lhe imprimir com ferro quente.

Casar — é um traste querer ter decente,
Que lhe sirva de apoio e de regalo;
É ver-se n'uma casa de Gonçalo,
E ás vezes arranjar algum parente.

Casar — é attrahir velho ricaço
Para, ao depois, ficar viuva e rica,
E um Adonis prender em novo laço.

Casar — não diz amor, diz trêta e trica;
Diz cura de hysterismo, ou de fracasso,
Sem despender com drogas de botica.

Reflectam bem no caso os interessados, os innumeros aspirantes á prisão perpetua com trabalho por gosto, emquanto passamos a expor um quadro, copiado fielmente do natural por Moniz Barretto, quando observava, em scenas da farça politica do suffragio das urnas pelo systema indirecto, o tristissimo papel do povo, esse bode expiatorio dos erros e perfidias de seus representantes.

O pincel da satira, tomando por assumpto *as eleições*, sem carregar as cores, põe assim em relevo a miseranda figura

do *Zé povinho*, sedento e faminto, a servir de ponte, a prestar canôas e rêdes aos insaciáveis espertalhões, influidos pela co-biça, na pesca eleitoral, na azafama de alcançarem o poder pelo poder.

Andam abaixo e acima
Figuras e figurões...
Que redemoinho é este?
Será nova guerra ou peste?
Qual! Eleições, eleições.

São ellas. Que choradeiras
De candidato sagaz!
Que de chapas e chapinhas
Andam té pelas cozinhas,
Do comprador no cabaz!

Velhos, rapazes, matronas,
Donzellas, tudo intervêm
Na quatriennial folia;
De votos na pescaria
Isca e anzol todos têm.

Que serviços que se allegam
Do povo (coitado!) em prol!
Então não ha quem o deixe
De affagar, emquanto o peixe
Lhe não cae no astuto anzol.

Oh! que guapos pescadores,
Para os bandulhos encher,
Não são os moços formados
Em sciencias, afillados
Predilectos do poder!

Regalam-se os meninorios!
E o polvo — pobre patão,
Fica na mesma, e só come,
A's vezes, quando tem fome,
O mirrado bacalháo.

E' bem feito; quem lhe manda
Em corriolas cahir?
Promessas de candidatos
São de defunto sapatos,
Que nunca ao mundo hão de vir.

O povo melhor faria,
Se votar não fosse mais,
Se as urnas abandonasse,
E as assembléas fechasse
Da córte e provinciaes.

De absolutista me accusem,
Embora, os patricios meus;
Aqui o meu voto empurto:
— Serei tudo, menos burro
De politicos *Protheus*.

Quando acaso alguns impugnam
Esta minha opinião,
Respondo a quem me retruca :
« Macaco velho — em combuca
Vazia não mette a mão. »

Que sabor de actualidade, não obstante o decurso de trinta annos, durante os quaes esperou-se pela eleição directa, assim como os Hebreus no deserto pela Chanaan promettida ! Ahi está o tão preconizado salvaterio, a grande reforma com as duplicatas, as falsificações, os subterfugios de gente limpa, a exceder todos os desmandos e tropelias da brutal capangada. Ahi está o novissimo apparelho, mais sorprendente que a melhor das machinas lotericas, a produzir com o seu terceiro escrutinio estrondosos effeitos no recinto do parlamento, equiparavel a praça de touros, e onde a tribuna se torna pelourinho, dominando, em vez da eloquencia que encanta, a tagarelice que

insulta, quando não recorre ao pugilato em desforço da razão e da logica (*).

Entretanto a politica industriosa, á semelhança dos falsificadores mais pertinazes e destros, não cessa de engarrafar a zurrapa conservadora misturada com a geropiga liberal, impingindo a fraude por alto preço aos freguezes, sem ver que não tardará a inutilisal-os e perdel-os, com toda a nação, na mais desastrosa quéda.

Ante a depravação dos costumes, ante a visibilissima decadencia dos homens e das instituições, fóra deste precipicio que ameaça hoje subverter a reputação mais firme, onde haverá seguro abrigo, em

(*) O escandalo tem sido tal que já o verberaram sem reбуço alguns deputados. Entre outros documentos categoricos, passados á historia, sobresahe o recente discurso do Dr. Affonso Celso Junior, mancebo cheio de luz e de energia, para quem o parlamento brasileiro se afigura digno do castigo infligido por Cromwell ao parlamento inglez, a cuja porta o dictador ordenou que se affixasse annuncio de aluguel.

tão extenso territorio, para o resto de pundonor e decoro nacionaes?

Respondam os factos a quem nos acoime de *pessimista*.

Á vista de tanto desmantelamento moral, quasi que é chegada a occasião de manifestar-se devéras o zombeteiro desejo do repentista, quando, em resposta á predição do *fim do mundo* pela tangencia de um cometa, annunciado para o dia 13 de Junho de 1857, dizia Moniz Barretto o seguinte n'uma epistola ao *Jornal da Bahia* :

Da predição, pois, duvido ;
Mas, é força confessar
— Que um mundo tão corrompido
Tão ingrato e tão perdido,
Merece um tombo levar.

E que seja tão bem dado
Esse tombo ou pontapé,
Que fique tudo arrasado,
E ninguém livre o costado
N'outra arca de Noé.

Isto não agrada ás bellas,
Que eternas desejam ser
Nos bailes e nas janellas ;
E eu mesmo, por amor dellas,
Quero o mundo extincto ver.

Quero, por causa da gente
Que só cuida de *pescar* ;
Que do povo o mal não sente,
E, p'ra ser omnipotente,
Quer tudo centralisar.

Quero pela covardia,
Que ha nos homens do poder,
Ante estrangeira ousadia ;
Quero — pela carestia
Excessiva do comer.

Quero, enfim, por estadistas
Pela grei parlamentar,
Por máos opposicionistas,
Por servis, por cabalistas,
Culpados de tanto azar.

Um mundo de tantas dores,
De tanta cousa ruím,
Para escravos e senhores,
P'ra todos os peccadores,
E' um bem que tenha fim.

Não veio o cometa, e assim ficou transferido o cataclysmo. Infelizmente, porém, o vate bahiano desapareceu d'este mundo, onde a sua ausencia, hoje mais do que nunca, é sensibilissima para correctivo de tanto charlatanismo, exotico ou indigena, que por ahi pullula, em descredito da sciencia, com innovações contraproducentes, com utopias de medicina, com brutalidades de cirurgia, com disputas pornographicas entre celebridades reduzidas na imprensa á condição de quitandeiras, e tudo isto visando ao bom exito das propagandas de interesse proprio. Contra a efficacia omnimoda, miraculosa, de certas panacéas, que têm enriquecido, á custa da saude do povo, tantos especuladores distinctos pelo atrevimento impune, sirva ao menos de protesto, ainda hoje opportunissimo, para incentivo das autoridades que abdicam de seus deveres, o seguinte *panegyrico ao professor Girolam Pagliano*, triumphante da molestia e

da morte, com o *siropo di lunga vita*.

Chega, minha gente, chega ;
 Que o remedio é singular,
 E, como cousa que é rara,
 Póde logo se acabar !

Comprem todos — os vidrinhos
 Que encerram tamanhos bens ;
 Nem gastem mais em bentinhos
 As velhas os seus vintens.
 Anneis, medidas de Santos
 Da popular devoção,
 Tudo, tudo é bagatella,
 Para curar tudo é vão.

Da cruel *febre amarella*
 E de outras epidemias,
 Gemidas todos os dias,
 Só póde curar a gente
 O elixir soberano,
 O xarope omnipotente
 Do *professor Pagliano*.

Ictericos,
 Hystericos,
 Rheumaticos.
 Asthmaticos,
 E constipados,
 E gangrenados,
 E paralyticos

E syphiliticos,
E tambem heclicos,
E diabeticos
E apopleticos,
E mais doentes
De hydropisias,
E padecentes
De hemorrhagias,
E contusões e feridas
E quebraduras cahidas,
Todos rendam graças mil
Ao inventor do xarope,
Por dar a seus males fim ;
E os de cá do Brazil
De mimo mandem-lhe um tope
Mui bonito de alecrim ;
Bem que o vulgo maldizente
Diga que o doutor sómente
Um merece de capim.

No louvavel empenho de prevenir desastres e castigar aberrações com o franco epigramma e com a fina ironia, Moniz Barretto, sem exceptuar a sua pessoa na observancia da rigorosa justiça, comquanto por inverso caminho, começava pelos ou-

tros e terminava em si. Assim o attestam
as sextilhas *É paio.*

Quem crê da bella a quem ama,
Quando raivosa ciuma,
No faniquito ou desmaio
E afflicto por ella chama,
Não ha duvida nenhuma,
E' paio.

Velho com mais de sessenta
Que á moça de quinze annos
— Viva e quente como um raio —
Esposa, e a cabeça isenta
Julga de pesados damnos,
E' paio.

Sujeito, que faz á mesa
Discursos de legua e meia
Em stylo inchado e cambaio,
E de verbosa riqueza
Se inculca e se pavoneia,
E' paio.

O que, tratando com gente
Da patria lingua, em francez
Fala como papagaio,
E acha isso mais decente
Que falar em portuguez,
E' paio.

Quem hoje ainda porfia
Em colher no Pindo flores,
E leva, de Maio a Maio,
Sempre co'a bolsa vazia,
E' o que eu sou, meus senhores,
E' paio.

Mais que as letras vale a trêta ;
Só esta dá lauta mesa,
Carro, cavallo e lacaio.
Quem faz vida de poeta,
Acabando na pobreza,
E' paio.

Paio, mil vezes paio, requintado palerma, de cabeça mais dura que um frade de pedra, é quem, rebelde a tão peremptorios exemplos, ainda persiste no officio de litterato, a exhaurir o melhor da vida nas lucubrações, para, depois, esvasiando as algibeiras, pagar, á boca do cofre, em moeda corrente, pela exhibição de thesouros mentaes.

XV

Das mostras de apreço, recebidas por Moniz Barretto em sua vida publica, apenas sabemos de uma, que foi mais a lembrança de reconhecimento do Imperador ao digno interprete dos veteranos da Independencia, por occasião da viagem de Sua Magestade ás provincias do Norte, do que a retribuição do governo aos serviços militares e civis do funcionario enfermo, sobrecarregado de numerosa prole e assim exposto, aos sessenta annos, quasi á indigencia.

A honrosa distincção, de iniciativa imperial, consistiu no habito da ordem do Cruzeiro, apparecendo o nome do repentista, como benemerito da patria, na lista de mil agraciados com outras ordens e titulos nobiliarios. Tal condecoração, por mais que significasse, não lhe dava

com que acudir ás necessidades da familia.

Melhor teria sido que o Chefe do Estado, em vez de enfeitar o peito do bardo com uma insignia, de certo extraordinaria, mas por isso mesmo despertadora de invejas pequeninas, auxiliasse efficazmente, a titulo de gratidão da patria, os ultimos annos de vida do seu velho defensor, com uma pensão, por minima que fosse, muito mais proveitosa que todas as condecorações. Estas, se de ordinario, para quem as dá, significam, no dizer do senador Zacarias de Vasconcellos, *um imposto sobre a vaidade* da insaciavel *confraria dos pedintes*, muita vez, para quem inesperadamente as recebe, tornam-se *graças pesadas*. Assim acontece ao pobre, obrigado a retribuir pecuniariamente, em prazo fixo, taes provas de reconhecimento official.

Era forçoso buscar outro meio de subsistencia, para não morrer de loucura

como Gilbert, de miseria como o Camões e Malfilatre, de orgulho como Chatterton, já que não queria matar-se de alcoolismo como Bocage, Alvares de Azevedo e Fagundes Varella, imitadores de Werner, Byron e Musset, a fornecerem, no corpo e n'alma, quotidiano combustível ás effervescencias da orgia, a sabor de entusiastas do *D. Juan*, do *Estudiante de Salamanca* e do *Jacques Rolla*.

Á tentativa, porém, de nova fonte de renda em algum emprego provincial, ou nos lucros de empreza particular, oppunham-se de um lado a senectude e a molestia, e do outro lado o character incapaz de prestar-se aos caprichos de patrões mais exigentes que o Estado.

Iam-se, pois, todos os anneis, mas ficavam sem macula os dedos.

Não sabendo ou não podendo conciliar o melhoramento da sorte, n'outras plagas, com o abandono da familia, o fervoroso christão e patriota vivia para os

filhos; nos transe da pobreza soffria o peso da vida, como discipulo de Job, cuja paciencia evangelica lhe dictava de continuo estas palavras: — Tudo quanto Deus faz é bom.

E assim se alijava em bellissimos versos a amargura do homem, inspirando-se da propria dôr o poeta, cada vez mais quente e exuberante de imaginação, assim como ardia a sarça do Horeb, a nutrir-se da propria chamma.

Acompanhando-lhe os passos, através do viver accidentado, em cujas vicissitudes as palmas lhe brotavam de espinhos, eis como veramente o descreve um dos seus mais conscienciosos admiradores, disfarçado em folhetinista do *Jornal da Bahia*.

« Não ha duvidal-o : era o Béranger brasileiro. Além dos dotes excepçionaes, com que approuve á natureza enriquecer aquella cabeça predestinada, deu-se na vida de Moniz Barretto a coincidência

feliz de entoar as suas primeiras canções ao som dos clarins da independencia, nos campos de Pirajá e do Cabrito. Poeta e soldado da liberdade ao mesmo tempo, imaginai as impressões por que teria passado aquelle coração magnanimo, empunhando com uma das mãos o alaúde e com a outra a espingarda da patria!

« Quem sabe se a essa feliz occurren-
cia não poderá attribuir-se a pujança
poetica d'aquella mente, que em toda sua
peregrinação por este mundo jámais teve
um dia, um instante sequer, em que não
produzisse e produzisse bem?

« Era na realidade uma vertente ines-
gotavel de poesia, que admirava a quan-
tos se lhe aproximassem. Fossem quaes
fossem as circumstancias, em que se
achasse, nunca aquelle estro prodigioso
sentiu-se enfraquecer, nunca deixou de
acudir de improviso ao reclamo da si-
tuação e do momento.

« Provações intimas, e que só podem

ser comprehendidas por quem tambem tiver uma alma de poeta, foram o apaugio d'aquelle coração que, em lugar de deixar-se vencer por ellas, convertia-as em seiva de inspirações, para fazer-se credor das sympathias e conquistar entusiasticos admiradores, a cada estrophe que produzia.

« De facto, era preciso ter uma alma retemperada por um *quid divinum*, para resistir a tamanhos embates da sorte e expandir-se ainda em versos tão melódiosos.

¶ « Aparecendo como poeta na época mais gloriosa do seu paiz, e dispondo dos vastos recursos de poderosissima imaginação, foi obra de um momento para o grande repentista nacional a conquista brilhante da popularidade. Com a catadupa impetuosa d'aquelle talento gigante, dia a dia, hora por hora, foi o poeta subjugando as ondas da adversidade e da inveja, que, unidas e condensadas,

pareciam querer oppor barreira ao genio do improvisador brasileiro.

« Nada, porém, o turbava. Quando a vocação é verdadeira e fecundissima como aquella, empresta ao terreno mais arido e improductivo os materiaes para a seiva de que tem de alimentar-se; nutre-se com ella ; e, quando menos se espera, apparece, cada vez mais, cheia de louçanias e galas. Tal foi o nosso poeta. »

Sempre na esperança de melhores dias, que lhe dessem lazer para uma composição de longo folego, na qual resumisse as idéas e sentimentos identificados com o maior successo nacional, Moniz Barretto adoeceu, alfim, gravemente, a ponto de mallograr-se-lhe tão entranhado anhelos de escrever o seu poema — *A Independencia do Brazil*.

Accumularam-se-lhe, então, os rigores da fortuna mesquinha, não obstante o soccorro delicadissimo de alguns amigos, entre os quaes sobresahia, por ser mais

antigo e frequente, o venerando major Antonio de Sousa Vieira com as gentilezas de toda sua familia.

Victima de uma lesão cardiaca e suportando com longanimidade socratica todas as consequencias angustiosas da incuravel molestia, o moribundo não desmereceu dos seus exemplarissimos desígnios, perante filhos, parentes e amigos, que lhe cercavam o leito, assim como não lhe falhara até então o privilegiado estro, saudando, a 28 de Maio, o anniversario natalicio de uma das mais distinctas senhoras da sociedade bahiana.

Na inteira posse do lucido espirito, por mais que se lhe fossem desatando os laços da materia, não se esquecia de retribuir condignamente as demonstrações de puro affecto. Abraçado com um volume dos *Cantos da aurora*, em cuja dedicatória lhe viera ás mãos, ainda a tempo de receber a extrema benção, esse tão sincero e devido testemunho de amor

filial á sua pessoa, disse, Moniz Barretto, entre soluços e lagrimas de saudoso reconhecimento ás primicias litterarias do filho e discipulo, que tão distante, na campanha do Paraguay, correspondia-lhe aos dictames patrioticos:—« Quero que me sepultem com este livro. »

Só assim, com semelhantes premios, podem compensar-se n'um tumulto, convertido em Capitolio, as desventuras do berço, contra o qual se levantem preconceitos, tão ignominiosos quanto a rocha Tarpéa.

Pouco antes de exhalar o ultimo suspiro, e depois de sacramentado, quando tantos enfermeiros sollicitos lhe perguntavam se queria tomar algum alimento, foram estas as derradeiras palavras do vate christão :

« Já estou mais que alimentado com o pão divino. »

Em tão edificante affirmativa esse novo Bocage não se retractava do seu pas-

sado, restituindo-se a Deus no pensamento que se ostentara discípulo de Voltaire, e mais impio que o mestre para attrahir as auras populares e celebrisar-se no pasmo das turbas. Coroados pelo anjo sereno da morte os meritos de tão attribulada e esperançosa vida, é justo dizer que, para glorificação do repetentista brasileiro,

« *Soube morrer o que viver soubera.* »

Já de todo estranho ás luctas politicas, mas prompto sempre a abrir caminho a novos obreiros na gleba litteraria, expirou sem deixar inimigos, e, se tinha invejosos, estes desapareceram com o seu passamento, assim noticiado pelo *Diario da Bahia* de 3 de Junho de 1868 :

« Hontem, pelas 2 horas da tarde, deu a alma ao Creador o nosso distincto poeta, o Sr. Francisco Moniz Barretto.

« O filho predilecto das musas, o admiravel repentista, o engenho assombroso, que por tantos annos foi a gloria da

Bahia, finou-se no leito da dôr, onde jazia ha muitos mezes.

« O velho soldado da Independencia, o patriota cheio de enthusiasmo até os derradeiros momentos, exhalou hontem o seu ultimo alento e com elle a sua ultima estrophe á patria que idolatrava. Emmudeceram as cordas daquella lyra divina; esfriou aquelle craneo onde ardeu por longos annos o fogo sagrado da poesia.

« Seus numerosos versos, em todos os assumptos, gozaram sempre de sympathia e enthusiasmo publicos.

« Seus cantos patrioticos ali estão para dizer-nos como seu coração tambem se abrazava nesse outro fogo sagrado — o amor da patria.

« No improviso era inimitavel, nunca teve rival; era arrebatador, ninguem sentiu mais do que elle o que o poeta chamou o *Deus in nobis*.

« Essa inspiração que era um prodi-

gio, essa harmonia que era a linguagem melliflua das musas, ainda ninguém a possuiu melhor do que Moniz Barretto. Na Europa fôra elle uma celebridade, um portento; entre nós não teve a fortuna digna dos genios.

« Morreu pobrissimo. Ainda uma vez a sorte, como a muitos outros, foi-lhe adversa, verificando-se nelle o que, em relação a si proprio, disse o principe dos poetas portuguezes,

... cuja lyra sonora
será mais afamada que ditosa.

« Choram-no seus numerosos amigos; choram-no as lettras patrias, de que foi eximio cultor; chora-o a Bahia, sua terra natal, coberta de crepe, porque perdeu nelle o filho que mais a amara, porque mais a glorificara. »

Póde-se dizer que todos os bahianos se confundiram no mais grato pensamento, cobrindo-se moralmente de luto e rendendo a homenagem de além-campa

ao seu cantor predilecto. Apesar de copiosa chuva e através de não pequena distancia, o corpo exanime do poeta recebeu inestimaveis provas do quanto valia Moniz Barretto, disputando muita gente de todas as classes a honra de carregal-o, ao desfilarem do sahimento, desde a casa, á rua do Coqueiro, até á igreja matriz de S. Pedro, onde se effectuaram as cerimonias funebres, e dahi até ao cemiterio do Campo Santo, onde se fizeram ouvir as mais patheticas despedidas em prosa e verso.

« A assembléa provincial da Bahia, nomeando, por iniciativa do deputado Portella, uma commissão para assistir aos funeraes de Francisco Moniz Barretto, deu testemunho de condigno culto á mais nobre de todas as aristocracias — a sublime magestade do talento. »

Assim o disse do alto da imprensa o arrogante e implacavel demagogo Domingos Guedes Cabral, assignalando

nesse acto de gentileza parlamentar uma esperança de regeneração dos costumes publicos e agradecendo, na expressão de sentimento democratico, á assembléa que se honrava — honrando a *lousa sempre querida e sempre saudosa do inspirado cantor da « Sombra do martyr. »*

Tudo isto consta de um folheto intitulado — *Suspiros e goivos — espargidos sobre o ataúde do primeiro poeta repentista da lingua portugueza, Francisco Moniz Barretto, por alguns dos seus discipulos, amigos e admiradores.*

Entre as manifestações de tão sinceros tributarios avultam, pela fidelidade da critica historica, pela effusão do sentimento, pela opulencia das imagens e pela amplitude dos quadros, o panegyrico devido á penna de Rodrigues da Costa em folhetim do *Fornal da Bahia*, e o poema elegiaco de Augusto de Mendonça. Na homenagem desse maviosissimo poeta, qual reverbero divino, a encher de luz o

vazio immenso, occasionado pela ausencia do mestre e compatriota, verifica-se humanamente o poder do sublime, creador e continente do bello, apoderando-se da alma pelo influxo do maravilhoso, ora com a razão triumphante do mysterio, ora com a fé impregnada do sobrenatural.

É assim que o estro de Mendonça, cheio do lyrismo de Garrett, depois de equiparar ao occaso do sol o sepulchro do genio, concentra-se neste e retraçalhe a grandeza através do tempo e do espaço, a esculpir, com o cinzel da imaginação, o lume da idéa no metal do verso, até compor um monumento mais expressivo e magestoso que os lances do heroismo, perpetuados no bronze ou no marmore.

Eis algumas instancias do cantico monumental, verdadeira synthese poetica dos feitos mais salientes da historia do repentista bahiano.

.....
 Sol e genio, primeiras maravilhas
 Da Creação, não vos pertence a terra!
 Pertence-vos o seio do infinito.

Do brázilo improviso a aguia sublime,
 Transpondo as nuvens no soberbo arranco,
 Attinge o seu zenith. Em torno della,
 Embalsamado o ether de fragrancias,
 Respira tudo — em mavioso enlevo —
 Enthusiasmo ou dôr, tristeza ou riso.
 Sabe o segredo de encantar as almas,
 Elle — do nosso orgulho — amado cysne,
 Cópia fiel do rapido Bocage
 Nos inflammados turbilhões do éstro.

.....
 Typo de antigas éras espartanas,
 Que peito ha 'hi, que mais ardente sinta
 Do puro amor da patria a chama etherea?
 Co'a penna vingadora — eil-o que emaga
 A memoria sangrenta de um passado
 De miserias, de victimas heroicas,
 De luto, de terror, e de abafados
 Ais de vingança e de tinir de ferros!
 Resgatador de humanos monumentos,
 Desce da morte ao pavoroso abysmo;

E do abysmo da morte — libertando
 Os homericos vultos dos guerreiros
 Da nossa conquistada Independencia,
 Ergue-os ao capitolio do futuro,
 Já que o presente nem lhes sabe o nome !

.....
 Que peregrino archanjo ou que mysterio
 Sopra dos vates no espaçoso craneo
 — Ora a furia do raio, ora o perfume
 Dos namorados echos das campinas ?

Como a voz do trovão, que a tempestade
 Desencadeia irosa, tal resôa
 A tuba do seu genio — praguejando
 Um feito indigno e máo... Lá do sepulchro,
 Aberto pela bala do assassino
 No solo da brazilica Veneza,
 Evoca a sombra do infeliz Machado ;
 Cinge-lhe a c'rôa do martyrio illustre,
 Em nome da saudosa liberdade ;
 E do perverso algoz sobre a cabeça
 Fulmina inteira a maldição da historia.

No teu solio de rei — eu te saúdo,
 Bardo, que te revês nos proprios louros !
 Firme nas crenças que bebeste um dia,
 Poeta e cidadão, ninguem te ha visto,

Nas lides perigosas dos partidos,
 Mercadejar as joias do talento ;
 Tremer ou descorar ante os acintes
 Dos aulicos soberbos; ou, trahindo
 A consciencia — errar aos cultos della ;
 E, transfuga cobarde — abrir a dextra —
 E receber a paga de uma infamia,
 Que vai, com o renegado, á sepultura!

.....
 Prêsa á corrente do commum destino,
 Já desce ao frio occaso a luz do genio.
 O cysne, que inda ha pouco remontava
 Ao céu da inspiração, já fecha as azas,
 E na garganta a voz em ais lhe expira.

.....
 O espirito inquieto ensaia o vôo
 Para a longa viagem do infinito!...
 E a materia, oscillando sobre a campa,
 Medir parece a superficie ao nada!

E' noite para elle agora o mundo !
 E' noite! A madrugada vai romper-lhe
 Da Eternidade no horisonte immenso.
 Já dos olhos immoveis lhe dimanam
 A fio duas lagrimas... e morre
 Sereno como o justo!... Adeus, amigo !

Adeus, cantor das brasileiras glorias!
 Inda uma vez, adeus! Se porventura
 Dorida imprecação desperta os mortos,
 Certo na lousa dormirás tranquillo.
 Não te irão perturbar queixas dos vivos;
 Mas, orvalhar-te, sim, o brando somno
 Brisas da tarde, com saudades fundas
 Dos raros teus amigos, de quem levas,
 Por milagre da dôr, metade d'alma.

O' patria! ao teu cantor que premio dêste?
 A *homenagem tardia* não apaga
 Do feio esquecimento a nodoa antiga.
 Se abençoadas mãos o não valessem
 No leito da pobreza e d'agonia,
 Talvez... complete a idéa o meu silencio!

Choremol-o, mancebos que lhe ouvimos
 As proficuas lições, que nos guiaram
 Os passos vacillantes pela senda
 Escabrosa do bello. Sim, honremos,
 Como um thesouro de ineffavel preço,
 A memoria do velho que, expirando,
 Coroado de louros e de espinhos,
 Legou á patria, a nós, ao mundo, ao tempo,
 O nome e o coração nas obras suas.

Se não diminue o vulto olympico de
 Alighieri, com o apoiar-se em Virgilio

para descer aos circulos do Inferno, sóbe de ponto a reputação de Mendonça, a engrandecer-se á medida que vai erigindo a immensa pyramide, em cujo vertice pôde gloriosamente firmar-se o discipulo para descortinar e applaudir a posteridade do mestre.

XVI

Ha quasi vinte annos despenou da vida o inspirado repentista.

Já não é cedo para a critica imparcial e fecunda apreciar, com os seus modernos processos, a influencia de Moniz Barretto no meio em que viveu.

O mais austero observador, devidamente esclarecido, chegará a esta conclusão: — Sem tirocinio academico, sem importancia official, e sem recursos pecuniarios para, despreoccupado das obrigações de pae de familia, instruir-se viajando e aprendendo nos grandes focos de civilisação, Moniz Barretto, por muitos annos, foi o centro de todo o movimento litterario da Bahia.

Isto mesmo se depreheende hoje de tantas homenagens tributadas por illustres contemporaneos, nacionaes e estrangeiros.

Entre valiosos testemunhos de apreço convém não esquecer os seguintes: visitas de Antonio Feliciano de Castilho e Gonçalves Dias, quando de passagem pela capital d'aquella provincia; cartas expansivas de saudação entusiastica, assignadas por D. Romualdo Antonio de Seixas, José da Silva Mendes Leal, José Feliciano de Castilho e Innocencio da Silva; effusões de sympathia, admiração e reconhecimento, em versos de Laurindo Rabello, Tobias Barretto e Agrario de Menezes; elogios, á luz da imprensa, escriptos por Gomes de Amorim e Faustino Xavier de Novaes.

Eis como se exprime o marquez de Santa Cruz, preclaro arcebispo, em missiva congratulatoria, endereçada ao poeta, a 22 de Maio de 1855:

« Ill.^{mo} Sñr. Francisco Moniz Barreto.

« Os votos, que sempre fiz, pela publicação das poesias de V. S., porque eu a considerava como um relevante serviço ás lettras e ao paiz, acabam de ser mais que muito compensados com o duplo

e precioso mimo, que V. S. se dignou fazer-me, do 1.º volume das ditas poesias e da honrosa carta que o acompanhou.

« Antigo admirador do estro sublime de V. S., eu lamentava sempre n'esses poucos, mas afortunados momentos, em que me foi dado ouvir os admiráveis improvisos e magníficos accents do insigne vate bahiano, que elles tivessem tão curta duração, tanto era o enlevo que elles causavam em minha alma, e era então quemais se inflammava o desejo de os ver estampados e transmittidos á posteridade. Hoje, porém, que se acha satisfeita a espectação publica e que no incessante e vivo interesse que excita a leitura d'estas bellissimas producções, se vê realisado o *decies repetita placebit* do antigo legislador do gosto, só me resta o sentimento de me não ter ainda associado, com o meu limitado contingente, aos seus numerosos subscriptores. Esta condição é tão imperiosa para os amigos e apreciadores do genio, que o grande Frederico da Prussia, chamado pelos philosophos da Europa o Salomão do Norte, não se dedignou de sujeitar-se a ella, quando perguntando ao celebre D'Alembert o que deveria dar para uma igual empreza, este lhe respondeu: — Um obolo e o vosso nome.

« Ah! o nome era mais que bastante. Mas, eu,

Amigo,

Do riso e da afflicção me acarinhaste
Do esteril pensamento os peccos frutos ;
Zeloso Mestre, as trovas me lavaste
No limpido Jordão da clara mente.
Amigo e Mestre deixa que te chame !
— Amigo, — porque o és — minha alma o sabe ;
— Mestre, — porque me pede o enthusiasmo
Dizer-te como tal ; porque preciso,
Um nada como sou, do mundo ás portas,
Com os meritos teus cobrir meu nome.

Sobresae, porém, a todas essas demonstrações o honrosissimo testemunho de Junqueira Freire, reconhecendo — em seu vetusto comprovinciano — o mestre e o chefe mais idoneo para encaminhar a juventude, através das incertezas com que se desenhava o porvir a tantos exploradores sem guia, uns já descrentes da viagem, outros ainda indecisos ante a decadencia da escola classica e o advento da escola romantica.

O monge-poeta, então palpitante de enthusiasmo juvenil, dirigiu-se, por meio

de carta a Moniz Barretto, em 1853.

Isto se dava, dezeseite annos depois que o auctor dos *Suspiros Poeticos* emprehendera a nova cruzada litteraria do Brazil, manifestando-se de Paris, d'onde o cantor do Camões, dez annos antes, imprimira identico impulso á litteratura portugueza.

Assim promovida lá das margens do Sena até Lisboa e o Rio de Janciro, a cultura do romantismo já prosperava em fructos opimos de Garrett, Herculano, Castilho, Rebello da Silva, João de Lemos, Mendes Leal e Castello Branco, enquanto ia produzindo flôres, pela mór parte, impregnadas da natureza americana, em composições de Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Macedo, Joaquim Norberto, Teixeira de Souza, Alvares de Azevedo e Bernardo Guimarães.

A Bahia, porém, ainda estava, n'um periodo de transição, caracterizado pelo

retrahimento, para não dizer declínio mental, de alguns intransigentes sectarios da escola classica, ou pela soffreguidão e inexperiencia da mocidade academica. Esta mostrava-se impetuosa, sem centro de apoio, sem cohesão, sem methodo para bem repartir o tempo entre o estudo das sciencias medicas e a concepção de poesias, escriptas a esmo e de afogadilho, denunciando impressões de leitura das obras de Chateaubriand, M.^{me} de Staël, Victor Hugo, Lamartine, Byron, George Sand, Dumas, Sainte-Beuve e Musset. (*)

(*) Não admira, n'aquelle tempo, o fanatismo da juventude bahiana por escriptores francezes, ainda hoje dominantes no Brazil, quando em 1813, na Allemanha devastada por Bonaparte, dizia o profundissimo Goethe, a conversar com Erckmann, a proposito de poesias bellicosas contra a França: « Como poderia eu desferir cantos de odio, sem ter odio? Aqui para nós, eu não aborrecia os Francezes, comquanto dê graças ao Ceu por nos haver livrado d'elles. Como teria sido possível a mim, que ligo tanta importancia á civilisação, odiar uma das mais cultas nações, e á qual devo grande parte do meu desenvolvimento? »

Sem renunciar aos thesouros do estylo vernaculo de Vieira, Frei Luiz de Souza, Bernardes e Francisco Manuel, nem servir-se de todas as franquezas do romantismo, enthronisado em França, conservara-se Moniz Barretto n'um justo meio, por bem dizer eclectico, exprimindo na linguagem classica o sentimento da escola romantica.

Taes eram as tendencias e convicções litterarias do repentista, a cuja auctoridade benefica e insinuante já se votavam esperançosos discipulos, quando Junqueira Freire, impellido por nobres motivos e querendo justificar-se com a maior sinceridade, escreveu do retiro monastico esta carta :

« Ill.^{mo} Sñr. Francisco Moniz Barretto.

« Aproveito o ensejo de offerecer a V. S. um exemplar das *Distracções de um artista*, para descobrir-lhe uma verdade, que não sei por que mão infame foi enfeitada com os ademanes da mesma infamia.

« Antes, porém, de minha breve narração, julgo

necessario pintar-lhe a minha physionomia litteraria, si é que a tenho.

Sou um individuo nascido ha vinte annos, educado, portanto, com Alexandre Herculano e Garrett. Conheci mui pouco a Bocage em minha meninice litteraria. Sou entusiasta d'esse progresso, a que os retrogrados chamam — louco, utopico, impotente. Como esses meninos litteratos, com a cabeça e o peito transbordando de futuro, algumas vezes chego a aborrecer o passado. Aborreendo o passado em sua idéa, aborreço-o tambem em sua expressão. As fórmas antigas não me enamoram muito, em consequencia d'esta prevenção, ou d'este prejuizo de menino. Tenho o defeito de achar a civilização moderna melhor do que a antiga, até n'essas fórmas. Adoro os que representam as fórmas d'esta civilização, ou antes esta mesma civilização, porque se ha fórma é que ha fundo. Eis-me, pois, feito um d'esses meninos utopistas, sonhadores, tresloucados, como nos alcunham os bons dos retrogrados.

Ora, n'esta revolução, a poesia, como em tudo mais, tomou uma nova expressão.

Não estou eu formando uma dissertação para mostrar si esta poesia de nova expressão tem novo fundo.

Não o sei eu. Mas, creio que se mostra nova

fôrma, tem novo fundo. Qual é? Eis aqui o que muitos dizem, eis aqui o que eu mesmo era capaz de dizer agora, — mas eis aqui o que eu também não sei.

Quero dizer que muitos fallam da natureza e distincção das duas escholas — romantica e classica — sem entendel-as; mas, eu, que estou fazendo uma confissão conscienciosa, digo — com toda a sinceridade — que não sei.

O que eu sei sómente, é que a eschola romantica tem escripto no frontal de seu templo a palavra — liberdade — assim como a eschola classica tinha escripto similhantemente no frontal de seu templo um rol immenso de nomes dourados, onde liam-se por ordem — Aristoteles, Longino, Cicero, Quintiliano, Horacio, Pope, Blair, Laharpe, Despreaux, Boileau, Candido Lusitano, Jeronimo Soares, — e por baixo de todos esses homens, ainda uma linha, — a linha da escravidão. Eis aqui o que ensina o todos a leitura das obras-primas das duas escholas — a dos preceitos e a da liberdade.

Eis aqui tudo o que eu sei, fallando com o coração nas mãos. Intendo assim o romantismo e n'esta persuasão abracei-o.

Agora, pois, caminhemos estrada direita, — entremos no ponto.

Quando olhei para os que representavam a lit-

teratura na cidade da montanha, encontrei alguns velhos, que davam o ultimo arranco, e uma mocidade que surgia succulenta e pomposa de esperanças, mas, sem um pae que a educasse, que a sustentasse, que a corrigisse, sem um chefe que a dirigisse, que a animasse, que se puzesse á sua vanguarda.

Foi então que amaldiçoei os velhos, porque elles riam-se dos esforços da mocidade com o riso do escarneo.

Olhei para V. S. e indignei-me. A algumas pessoas, que eu tinha por amigas, communiquei a minha indignação.

Á vista do genio de V. S., eu cheguei a lamentar que não nos houvesse nascido mais tarde um homem como V. S. para ser, não amamentado com o leite que amamentou Bocage, mas embaçado em seu berço pela mão de Victor Hugo e de Lamartine.

— Um homem, dizia eu então, um homem que nos vê a nós sem chefe, elle, o unico entre nós, que póde ser nosso chefe, ri-se de nós, como os velhos, e não quer dirigir-nos! Esse homem extraordinario, que alimenta as mesmas crenças politicas que nós outros os moços, e, portanto, moço como nós outros, — não se apresenta á frente de nosso esquadrão litterario! E esse ho-

mem, que podia ser o Bocage da epocha actual, não será mais, no futuro, que o mesmissimo Bocage classico da epocha da litteratura passada!

Tal era a minha indignação.

Mas, depois que eu vi a *Lyra do patriota*, a canção romanticissima *Esta bandeira que hasteio*, o canto *A mulher*, não disse mais isto. Exultei de alegria e exclamei: — Temos um chefe!

Então houve para mim mais um motivo de admiração, na ordem litteraria, — um factó que se não póde explicar, senão por um milagre. Achei em V. S. um grande poeta classico e um grande poeta romantico.

Achei dous homens em um homem, e essa dualidade, fundida em uma unidade, é que eu fico que só um milagre a póde cabalmente definir.

Eis aqui tudo o que eu senti ácerca de V. S. e que confesso o mais ingenuamente possivel.

Meu character obrigou-me á presente confissão e justificação. Tenho fallado puramente a lingua-gem da verdade, — mas terei porventura roubado uma boa parte do preciosissimo tempo de V. S. Termino, portanto, pedindo perdão de meu atrevimento.

Sou de V. S.

amigo muito sincero, entusiasta e servo,

FREI LUIZ DE SANTA ESCHOLASTICA

JUNQUEIRA FREIRE.

30 de Setembro de 1853.

Felizmente para a Bahia e para a litteratura nacional, encontrando-se a vontade do ancião com os anhelos do mancebo, cõrrespondeu-lhe gentilmente á confiança.

Esta é a verdade tradicional, ainda bem presente á consciencia de gratos superstites, que podem attestar a modestia, a indulgencia, o zelo e abnegação exemplares do mestre, cada vez mais acatado no trato de puro colleguismo. Naturalmente propenso a quantos se dedicassem ás letras no cultivo da poesia, Moniz Barretto disvelava-se por alimentar aprazibilissima emulação entre seus discipulos, examinando-lhes cuidadosamente os escriptos, embevecendo-se nos progressos de uns e corrigindo os desacertos de outros com persuasiva delicadeza até para attribuir-lhes a auctoria das correções.

Tal permuta de idéas, na mais franca exposição de productos do espirito, aproveitava a todos os interessados. Entregue á pericia d'aquella officina de labores

estheticos, o diamante mais bruto sahia perfeitamente lapidado; o pensamento, ainda o de menor quilate, só se engastava em palavra que fosse ouro de lei; de preferencia a filigranas e variegados esmaltes, adrede feitos para impingir metaes inferiores, deliciava-se o mestre com examinar artefactos de valor intrinseco, singelos, duradouros e bem acabados.

Às vezes, ao calor de fecundante palestra, voavam as horas na apreciação de preciosidades do *Genio do Christianismo*, da *Corinna*, da *Nossa Senhora de Paris*, das *Orientaes*, do *Jocelyn*, da *Historia dos Girondinos*, do *Ivanhoé*, da *Consuelo*, do *Judeu errante*, do *Frei Luiz de Souza*, das *Folhas cahidas*, do *Eurico*, dos *Ciumes do bardo*, d'*A primavera*, da *Mocidade de D. João V*, do *Egas Moniz*, das *Recordações da Italia*, das poesias de Soares de Passos, do *Uruguay* e dos *Primeiros cantos* de Gonçalves Dias.

Outras vezes enchia-se a noite com a

exibição de inesperadas gemmas da lavra bahiana. Eram discursos academicos, folhetins politico-litterarios, narrativas de viagem, chronicas humoristicas, bibliographias, elogios historicos, devaneios de amor, hymnos sacros ou profanos, baladas ou poemetos, traducções litteraes ou paraphrasticas, e até comedias e dramas, em prosa ou verso, francamente submettidos, antes que os divulgasse a imprensa, ao cadinho da critica desprezenciosa, opportuna e sempre util, n'aquelle grupo inalteravel de amigos.

A coberto de insidias e hostilidades, só proprias da inveja, proporcionava-se assim o melhor incentivo para novas emprezas ou para o aperfeiçoamento de trabalhos concluidos.

Em vez de consumir-se o tempo com improductivas disputas, censuras descabidas e louvores antecipados, prestava-se religioso silencio á leitura e recitação de qualquer dos circumstantes.

Tanta sociabilidade litteraria, que servia de ensinamento para uns e de recreio para outros, não tinha logar fixo, nem programma official, nem exclusivismos de systema. A escola funcionava em casa do mestre ou de qualquer discipulo, conforme as exigencias da occasião.

Felizmente o bem-estar da familia e os direitos da patria não se afiguravam incompativeis com as illusões e crenças da poesia. Esta não faltava onde quer que se reunisse a pleiada bahiana, com seus habituaes incentivos.

Nada tão natural como empregar-se a mais bella das artes, a mais doce das linguagens, onde imaginações ardentes e masculas se encontrem com flores animadas, musicas aligeras e dansas febricitantes, seja qual fôr o ambiente, á beiramar, no alto das montanhas, no interior da floresta, sob as vistas immediatas da natureza, ou nos dominios da civilisação, entre quatro paredes.

Nem ha melhores condições para os desafios e combates poeticos, tão caracteristicos dos paizes mais aquecidos pelo sol e de gente da raça latina; tão gravados na memoria do povo, tão cheios de originalidade, graça e atticismo; tão filhos do momento e da paixão. É realmente admiravel o fundo de poesia que encerram versos sem arte, verdadeiras flores incultas, brotadas do estro naturalissimo de camponios e sertanejos analphabetos. Só quem as presenciou, em Portugal ou no Brazil, poderá ter uma idéa exacta de semelhantes justas da phantasia.

Na Bahia, porém, esses torneios do espirito assumiam proporções grandiosas. Reunidos os mais válidos contendores, **dispunha-se** a liça até no salão effervescente e pleno da melhor sociedade; continham-se os namorados em seus galanteios; interrompiam-se colloquios politicos do maior alcance; e o bello sexo renun-

ciava de bom grado a musicas e danças, para avassallar-se ao genuino poeta.

Quem podia tanto? Não era Agrario de Menezes, fazendo resurgir o vulto de Calabar, na mais alta expressão da tragedia historica, em desaffronta á bravura nacional, sepultada no olvido; não era Laurindo Rabello, proferindo o *Adeus ao mundo*, inspirado de soberano desdem para os grandes da terra, *esses gigantes de ouro com entranhas de pó*; não era Joaquim Ayres, prescrutando na *Pensativa* mysterios virginaes, com aquella suavidade meliflua, irresistivel, que tanto serviu, mais tarde, para saudar o genio da harmonia no passamento de Gottschalk; não era Augusto de Mendonça abrangendo em miniaturas preciosissimas, constituidas por singelas estrophes, a immensidade do oceano a lutar com o seu *Pescador*; ou a profundeza da fé a resistir ás exterioridades da vida; não era Franklin Doria, expondo aos olhos d'alma os effei-

tos do *sol nascente, acceso por Deus, e a estender aureo clarão pelo ceu azulado, a terra e o mar*; não era o espirito de Junqueira Freire, identificado com o romantismo e projectando-se do remanso do claustro sobre os regozijos patrioticos de seus conterraneos.

Era Moniz Barretto, que empunhava o sceptro indisputavel; era o ancião, que, rejuvenescendo perante mancebos ricos de intellecto e avidos de saber, vencia e arrebatava a todos na opulencia da inventiva, na pureza do sentimento, no esplendor das idéas, no esmero da forma e na valentia do metro.

D'est'arte revivia ou continuava no repentista brasileiro o prodigioso estro de Bocage, perfeitamente aquilatado por Moniz Barretto na seguinte apologia, que, tão digna de quem a inspirou, é o espelho fidelissimo de quem a produziu.

Fogo do céu, que rapido brilhava,
E corações e mentes accendia,
Bocage á sua voz tudo prendia,
E ás vezes a razão illuminava.

Ora intrépido aos astros se elevava,
E de lá com seu canto o mundo enchia;
Ora á terra brandiloquo descia,
E ahí da natureza as leis dictava.

Na sua penna o portuguez idioma
Aquem deixava originaes divinos
Da Gallia altiva, da soberba Roma.

Bocage poude mais que os seus destinos:
Ainda no sepulchro os zoilos doma
Co' a luz eterna d'inspirados hymnos.

Ah! se taes certamens e triumphos
ainda hoje se repetissem no Brazil, quão
outra seria no paiz a influencia dos ho-
mens de lettras, aliás numerosos, mas
incapazes de representar conspicuo papel
na sociedade e no incremento da patria,
porque lhes faltam estas tres condições
essenciaes: perfeito espirito de classe,
completa harmonia de interesses e sin-
cero esquecimento de rivalidades peque-
ninas.

Hoje formam-se, de chofre, reputações
á custa do elogio mutuo, ou desacredí-

tam-se para sempre os mais sympathicos nomes com a baixeza de injuriosas e atrabiliarias polemicas. Para o congraçamento dos litteratos brazileiros, com todas as vantagens de um gremio bem constituido, até hoje nada produziram os querençosos tentamens de alguns representantes da classe, altamente collocados; nem os penhores de inesperada reconciliação e os protestos de fraternal ternura durante os mais significativos convívios; nem as obrigações contrahidas na presença de estrangeiros illustres; nem as promessas feitas perante o cadaver do inolvidavel José de Alencar; nem o dever imperioso de consagrar unanimes e impreteriveis tributos ao passamento de Victor Hugo!

Se é tão contristador o presente, nada mais licito do que alongarmos os olhos por esse passado, onde tudo ainda parece respirar estimulos, concordia, prosperidade; onde a lucta é confortavel e

productiva; onde os vencidos se reputam felizes e honrados pela superioridade legitima do vencedor; onde as provas da victoria se contam por improvisos d'este quilate :

Esqueci-me de mim, pensando n'ella.

Uma noite, em que a lua em ceu d'estio,
Meiga e serena, prateava o mundo,
Para dar pasto á minha dôr, no fundo
De um valle me entranhei, triste e sombrio.

De aves nocturnas lamentoso pio
O tormento dobrava-me profundo;
Como de acinte, em murmurar jucundo,
Alli de amores me fallava um rio.

Eis perto ouço um canto magüado...
Olho — era elle de gentil donzella — ;
Mas, quando ia a seus pés prostrar-me, oh fado!...

Desdenhosa fugiu-me a nympha bella...
E eu — desde esse instante infortunado —
Esqueci-me de mim, pensando n'ella.

Quem nunca amou não comprehende a vida.

Deus, ao crear o mundo, em seu juizo
Omnisciente, viu que elle incompleto
Sem amor ficaria, e triste e abjecto ;
Que amar para viver era preciso.

Vio — e do seio — em divinal sorriso
Extrae o fogo do vital affecto ;
Sobre a terra o diffunde, que de aspecto
Muda, e torna-se logo um paraizo.

Se é pois amor fecunda, eterna chamma,
Que, do seio de Deus a nós descida,
Por tudo quanto existe se derrama ;

Se ao seu lume a nossa alma é já fundida,
Só sabe e sente o que é viver — quem ama — ;
Quem nunca amou não comprehende a vida.

N'um riso, n'um desdem, n'um ai, n'um pranto.

Ha bellas, cujo abraço ás vezes rende
O peito que o recebe extasiado ;
Mas o seu beijo, ás vezes, por mal dado,
O fogo da paixão bem não acende.

No ciume de alguma, que se offende,
Ás vezes nosso amor cresce abrazado ;
Mas, como o seu desdem, sempre é frustrado
O ai que solta, o riso que desprende.

De muitas na saudade, ou no queixume,
Pode muito o chorar, porém não tanto
Que da dôr, ou pezar nos leve ao cume.

Só ella, só meu anjo, é sempre encanto
N'um abraço, n'um beijo, n'um ciume,
N'um riso, n'um desdem, n'um ai, n'um pranto.

—
Não sei se vivo, sendo a vida um sonho.
—

Não sei se a busco, quando movo os passos
E me aproximo de Marilia bella ;
Não sei se fujo, me affastando d'ella,
Não sei se escapo de seus doces laços.

Não sei se a aperto nos meus ternos braços,
Quando medito na gentil donzella ;
Não sei se é luz, ou se é fatal procella
O que me dizem de seu rosto os traços.

Não sei se a ouço, quando a voz desata ;
 Não sei se a vejo, quando os olhos ponho
 N'aquella face, que o Edên retrata ;

Não sei se penso, a cogitar tristonho ;
 Não sei se morro, quando amor me mata,
Não sei se vivo, sendo a vida um sonho.

Preso por um desejo aos labios d'ella,

Vi Eulina gentil ; e, radiante,
 Os olhos me feriu sua belleza ;
 Porém não tanto, que minha alma presa
 Ficasse ao seu angelico semblante.

Ergueu-se ; no seu corpo alto, elegante,
 Vi das nossas florestas a princeza ;
 Mas ainda esse garbo e gentileza,
 Não me prenderam a vontade amante.

Sem tirar d'ella as vistas, cubiçoso
 Aguardei que fallasse a joven bella,
 Para completo se tornar meu gozo...

Fallou, sorriu-se a candida donzella ;
 E ficou, desde então, meu peito ancioso
Preso por um desejo aos labios d'ella.

Poeta sem amor é ceu sem astro.

—

Se nos olhos da bella Elconora
 Não abrazasse o coração e a mente,
 Poeta-rei da italiana gente
 Tasso — o martyr de amor — certo não fôra.

Se á fiel Catharina encantadora
 Não votasse Camões amor ardente,
 Não soara ainda hoje a tuba ingente,
 Das lusitanas glorias redemptora.

Poeta, dar-te o sceptro da harmonia
 Só podem mago collo de alabastro,
 Bôca que te abra o ceu, quando se ria.

Ama, qual amou Pedro á linda Castro.
 Amor é lume santo da poesia,
Poeta sem amor é ceu sem astro.

—

Isto é amor, e d'este amor se morre.

—

Ver, e do que se vê logo abrazado
 Sentir o coação de um fogo ardente;
 De prazer um suspiro de repente
 Exhalar, e após elle um ai maguado;

Aquillo, que não foi inda logrado,
Nem o será talvez, lograr na mente;
Do rosto a côr mudar continuamente;
Ser feliz e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais, quão mais se prive;
Calmar o ardor, que pelas veias corre,
Já querer, já buscar que elle se active;

O que isto é — a todos nós occorre:
Isto é amor, e d'este amor se vive;
Isto é amor, e d'este amor se morre.

Só não morre a virtude, a intelligencia

Morre no prado a flor; a ave nos ares
Ao tiro morre do arcabuz certo;
Morre do dia o esplendido luzeiro;
Morrem as vagas nos quietos mares;

Morrem os gostos; morrem os pezares;
Morre, occulto na terra, o vil dinheiro;
D'encontro ao peito, que as apara, inteiro,
Morrem as settas dos crueis azares;

Morre a chamma do amor ; morre a amizade ;
Na virgem morre a candida innocencia ;
Morre a pompa, o poder ; morre a beldade ;

E' — de morte — synonymo a existencia ;
No mundo é só perenne a san verdade ;
Só não morre a virtude, a intelligencia.

XVI

Á vista de tantas e tão eloquentes provas, evidencia-se a ductilidade intellectual de Moniz Barretto, familiarisando-se com todos os assumptos, compondo á feição de todos os generos, sem adstringir-se a regras e fórmulas peculiares de escola. É este o maior titulo de gloria para os talentos do repentista brasileiro.

Que aproveitam predilecções e contendas por *novos* ou *velhos* ideaes? É forçoso reconhecer o absolutismo do sublime em certos momentos, em certas individualidades. Assim o quer e póde a soberania do genio, universalizada e sobranceira aos evos nas obras primas de Homero, Dante e Shakspeare.

Rien n'est beau que le vrai. Disse-o Boileau. E a verdade é uma só, por

mais que a obscureçam e torturem sob diferentes aspectos.

Sejam quaes forem as relações do espirito humano com a essencia das cousas, é inutil escravisar a formulas exclusivistas a elaboração do pensamento. Na esphera intellectual produzem-se factos analogos a phenomenos da ordem physica. Quando brotam do espirito caudaes de luz com a impetuosidade das inundações, não ha conter a torrente; rompem-se diques; abatem-se barreiras.

Dê-se, pois, livre curso ás idéas, sem attender a systemas diametralmente oppostos, a divisas characteristics do idealismo que pretende exceder a natureza, ou do realismo que reduz os dominios da arte á rigorosa exactidão da photographia.

Mostrar-se-ha, então, na poesia, qual deve ser, a mais potente das artes, resumindo-as todas; e no poeta o espelho pensante do universo, onde quer que se

combinem devidamente sensibilidade, imaginação e criterio para manifestar-se o esplendor do verdadeiro na fôrma condigna.

Dest'arte a concepção do bello será tão consentanea com os lucidos momentos do naturalismo, e tão aceitavel nas melhores paginas de Balzac, Stendhal, Flaubert, Zola e Daudet, (*) quão digna de pleno acolhimento nas tragedias de Eschylo, Sophocles, Shakspeare, Corneille, Racine, Alfieri e Schiller; nos poemas de Homero, Virgilio, Dante, Klopstock, Tasso, Camões, Milton, Gœthe, Byron e Longfellow; nos dramas de Victor Hugo, Dumas, Feuillet, Sardou, Augier e Echegaray; nos romances de Lesage, Bernardin de Saint-Pierre, M.^{me} de Staël, Walter Scott, E. Sue, Cooper, G. Sand, Manzoni, D'Israeli, Castello Branco e Alencar.

(*) Que profunda observação na *Comedia humana*, e que primorosos quadros, ao vivo, na *Cartucha de Parma* e no *Germinal*!

Se o classicismo é a observancia indeclinavel, rigorosa, dos modelos e regras da antiguidade, brilhantemente constituída pelos insignes auctores gregos e latinos; se o romantismo, visto da Allemanha sob a influencia de Tieck e dos irmãos Schlegel, significa o restabelecimento systematico das idéas e fórmulas da poesia e arte medievacs, oriundas do romance, ao passo que é para a França a conquista do movimento revolucionario, capitaneado por Victor Hugo, contra o autoritarismo dos principios e tradições da escola classica; se o realismo é a representação fidelissima da natureza com todos os seus dons e magnificencias, e não o captiveiro do espirito á vil materia nas aberrações de uma litteratura immunda, obscena e repulsiva; releva observar que o antigo ideal não desmerece, ao contrario, sustenta-se galhardamente perante o moderno e o modernissimo.

Por mais que variem as fórmulas, os

aspectos e os effeitos estheticos, só ha uma força que combina os elementos sensiveis com os elementos intelligiveis: é a imaginação em suas relações com o finito e com o eterno.

Ver-se-ha sempre no espirito humano o fóco da inspiração, quer predomine o subjectivismo de Kant, quer o objectivismo de Hegel, quer o eclectismo de Cousin.

Desde que a obra d'arte consegue seus fins, commovendo, deleitando e persuadindo, pouco importam os meios adoptados pelo artista.

Quando se nos impõe o sublime, não lhe perguntamos d'onde vem, para onde vae; se é natural ou ideal; se é mytho ou realidade; se é o homem divinizado pelo heroismo — nas epopéas pagans; se é Deus humanizado pelo soffrimento na tragedia do Calvario; se é o universo reduzido, pelos arroubos do amor, a um unico ente, no lyrismo de Propercio e

Petrarca; se é apenas *um canto da natureza vista através de um temperamento*.

Prisioneiros da luz, rendemo-nos na plenitude do extase.

Deixemos á caturrice da critica impertinente o inglorio empenho de traçar, com seu compasso anachronico, limites aos surtos do genio nas diversas espheras do pensamento.

Não se concebe maior audacia do que a tentativa de mutilar a natureza humana.

Desde que os rhetoricos, estheticos e criticos se julgaram com o direito de dar leis á poesia, ainda não houve um grande poeta creado pela rhetorica de Longino e Quintiliano, ou pela esthetica de Lessing e Herder, ou pela critica de Sainte-Beuve e Scherer.

Os bellos preceitos não passam de consequencias dos sublimes modelos. Homero não carece de Aristoteles, nem

Shakspeare — de Taine, nem Alighieri — de Gioberti.

A verdadeira poesia, digamo-lo á saciedade, não é um trabalho de erudição, memoria, paciencia, estudo, habito, calculo e gosto, mas o producto naturalissimo, immediato da inspiração.

Isto não é deprimir as vantagens de adequada instrucção, nem assegurar o bom exito da ignorancia que se repute inspirada ; porquanto a imaginação mais luxuriante e vivaz não dispensa o saber, nem é incompativel com certos habitos de estudo, assim como a frieza da sciencia não pôde supprir a vehemencia dos affectos e os adejos da phantasia.

O portentoso Gœthe, espirito excepcional e talvez unico pelo equilibrio perfeito da inventiva com a razão, é a prova inconcussa d'este asserto. Basta dizer que essa culminante personificação da litteratura alleman não enriqueceu os dominios da historia natural com a *Me-*

transformose das plantas, porque fosse um grande poeta, nem immortalisou-se no *Fausto*, por ser um luzeiro da sciencia.

Não nos convence Lamartine, quando, a proposito de Homero, entende que o poeta por excellencia, além de possuir memoria vasta, imaginação riquissima, sensibilidade viva, juizo seguro, linguagem energica e harmoniosa, deve ser uma encyclopedia ambulante, isto é, philosopho, astronomo, legislador, nauta, guerreiro, biologo, historiographo, artista e artifice.

É exigir o impossivel, confundindo o genio com o engenho, o poeta com o sabio, os dons innatos com os dotes adquiridos. É supprimir a differença que ha entre Pythagoras e Sophocles, Leibnitz e Schiller, Newton e Byron.

Não ha sciencia que valha a inspiração, nem inspiração que possa arrogar-se fóros de sciencia.

Eis porque não admittimos *poesia scientifica* e *sciencia poetica*.

Taes denominações apenas denunciam a existencia de productos hybridos, intoleraveis, ridiculos.

A condição essencial da poesia está em faculdades que ao Creador aprouve conceder a espiritos predestinados.

Haverá, por ventura, n'este mundo funcção mais transcendente que a do vate — órgão do Infinito — a infundir magneticamente nos homens o sorriso ideal dos anjos, proporcionando aos frageis mortaes o ineffavel antegosto da immortalidade?

Insensatos os que pretendem ensinar ou aprender esse officio divino.

Só pódem exercel-o gigantes de animo, que tenham resignação para supportar os caprichos da fortuna ciumenta e os desdens do vulgo invejoso; só o desempenham naturezas privilegiadas, que saibam escrever e fallar com lagrimas, ou fazel-as brotar de corações marmoreos, com aquella suavidade produzida

pelo 4.º canto da Eneida no embevecimento de Santo Agostinho.

Assim se diffundia por quantos o ouvissem maravilhados o estro de Moniz Barretto, e assim lhe grangearam a laurea de poeta improvisos resplendentes de intuição genial e triumphantes de preoccupações tacanhas da escolastica litteraria.

Quem não conhecesse de perto os habitos do repentista, quando recolhido á vida intima, talvez o imaginasse entregue a lucubrações assiduas, a pesquisas interminaveis, no silencio tumular do gabinete, revolvendo montões de livros, consultando auctores de toda casta, dispondo o arsenal philologico para novas conquistas e consumindo resmas de papel, não tanto por dar que fazer a typographos e criticos, quanto por alijar o cerebro sobrecarregado de conhecimentos *de omni re scibili*.

Moniz Barretto era inteiramente op-

posto a tal systema de actividade mental, porquanto o excesso de erudição lhe suffocaria a originalidade. Quanto ao prurido de escrevinhar noite e dia, não o tinha, ou sabia combatel-o efficazmente com a mais amena e variada permuta de idéas no trato social.

Eram-lhe preferiveis á monotonia do gabinete o ar livre, a luz copiosa, o espectáculo dos paineis da natureza, as expansões serenas do lar com as garrulices da prole, o borbórinho da sociedade com as scenas da comedia humana e as pompas da civilisação.

Os homens de imaginação, principalmente os improvisadores, não se preocupam com os minuciosos aprestos de gloria posthuma. Descuidosos do porvir, adquirem e gastam á feição do momento. Ha quem os chame perdularios. Que injustiça! Ineptos seriam elles, se esgotassem a força do engenho com obras volumosas, que ou ficam apenas para attestar o

tempo perdido, ou, de pesadissimas, só servem de afundar para todo o sempre no esquecimento a reputação do auctor, assim como o excesso da carga, ás vezes, concorre para a submersão de veleiros navios.

Sóbe de ponto o merito intrinseco do repentista brasileiro, ao inventariar-se-lhe a bagagem de instrucção.

Aos dezoito annos, destinava-se Moniz Barretto a matricular-se no curso juridico da Universidade de Coimbra, quando a campanha da Independencia o arrebatou para a carreira das armas.

Desde então, multiplices obstaculos, oppostos pelas exigencias do serviço militar, accrescidas nos encargos de familia, para cuja mantença teve de submetter-se a perpetuo captiveiro n'uma repartição de fazenda, lhe empeceram a prosecução da cultura mental, proveitosamente iniciada no estudo de alguns preparatorios.

Do que lhe haviam ensinado nas aulas

de humanidades conservava a fiel memoria noções elementares de latim, francez, geographia e historia.

Como, porém, sabia ler, sem a soffreguidão desastrosa dos que devoram quanto livro se lhes depare, e por que a leitura dos melhores classicos portuguezes lhe elucidara os segredos da lingua vernacula, não o intimidavam philologos e pensadores austeros, onde quer que se lhe offerecesse ensejo de fallar ou escrever, dentro da esphera de suas aptidões, com o peculiar bom senso no discernir

o como, quando e onde as cousas cabem.

Para suas viagens ao Parnaso aquelle favorito das musas trazia comsigo o indispensavel, podendo, sem basofia, dizer: *Omnia mea mecum porto.*

Se ainda vigora a classificação de Bacon, para quem os operarios da intelligencia assemelham-se a *formigas, abelhas e aranhas*, uns colligindo ao acaso, outros

fabricando á custa do alheio e outros compondo com elementos proprios, nada mais justo do que incluir-se nesta ultima classe o repentista brasileiro.

Ninguem o veria alardear sciencia de outiva, incorrendo no ridiculo a que tanto se prestam certos pedantes, improvisados sabichões graças ao Larousse, e dos quaes já dizia Schiller com a mais justa indignação : « Querem ensinar hoje o que aprenderam hontem. »

Sem renunciar ao passado, nem indispor-se com o futuro, cujas tendencias instaveis já se deixavam entrever no *ultra-romantismo hugoano* da nova geração, luzidamente representada por F. Varella, Tobias Barretto, Castro Alves, Luiz Guimarães, Victoriano Palhares e outros, aquelle estro de ancião, longe de resfriar ou esmorecer, estimulava-se com o peso dos annos.

Para quem o estude no decurso de 1855 a 1867, o compositor da *Metamor-*

phose do Iguape á imitação de Ovidio, das odes archaicas, ao gosto de Filinto, dos epicedios, dithyrambos, epithalamios e pastoraes, no estylo dos arcades lusitanos, differencia-se muito do pintor fidelissimo da natureza, retrahido da mythologia á medida que se vae adstringindo á realidade das cousas, no intuito de tirar-lhes a synthese ideal com a sobriedade e firmeza do lyrismo correspondente a veros estados psycholicos.

Esta differenciação progressiva, que se revela em meditações quaes *A mulher, O amor do poeta, Versos a Corina* e muitos sonetos de improviso; esta variedade na unidade, que é o segredo, a prerogativa do poeta aspirante aos applausos do auditorio mudavel; este dom, que é, no dizer de Theodoro de Banville a condição essencial da vida na poesia, Moniz Barretto o possui no mais alto gráu. Na satira vê-se-lhe a tendencia para o discreto realismo, sem faltar ao decoro, nem

á côr local, exigida pela representação do meio, dos costumes da época, do trato e da linguagem dos figurantes. O verso naturalissimo exprime e resume as situações, quer apparentando seriedade, quer servindo-se francamente do tom jocoso.

Classico, romantico, ou naturalista, cantando em todas as claves do sentimentalismo, ou assumindo os mais elevados aspectos do pensamento, na poesia objectiva ou subjectiva, Moniz Barretto, durante sua legitima influencia na mentalidade bahiana, poetou desprezenciosamente para todas as escolas, sem deslustrar os modelos de qualquer d'ellas.

Sobejava-lhe discernimento consoante a esta opinião de um critico hodierno :

« A nosso ver andarâ discretamente aquelle que, na actual phase do movimento poetico contemporaneo, não subordinar a inspiração a velleidades ephemerâs de escola, a dogmatismos intolerantes

e strictos de synagoga, cujas fórmulas o dia de amanhã espalha ao vento, semelhantes no destino ás folhas das arvores varridas pelo tufão. » (*)

Quanto aos erros do repentista, o maior é ter despendido precioso tempo com assumptos de importancia ephemera e interesse particular, que o não mereciam.

Ninguem mais prodigo que o auctor dos *Classicos* e *Romanticos*, a retribuir finezas de amizade com os thesouros de sua mina poetica.

O coração a trasbordar de affectos, dava causa a semelhantes desperdicios.

Quantos, porém, vivem isentos ou podem cohibir-se de taes excessos? Se nisso vae culpa, é o caso de repetir com o mestre :

*Verum ubi plura nitent... non ego paucis
Offendar maculis...*

Raramente ser-lhe-hão exprobrados vocabulos improprios, neologismos desne-

(*) Visconde de Benalcanfor. — *Leituras do verão.*

cêssarios, epithetos descabidos, locuções insolitas, cacophonias evitaveis, pobreza de rimá, verso frouxo ou recheiado de cunhas, toantes e consoantes inoportunos, arbitrariedades de accento tonico, empolamentos e impurezas de expressão, desalinho de syntaxe, fastidiosos bordões, períodos sesquipedaes, altiloquia para o trivial, estylo rasteiro para assumptos grandiosos. Jamais se lhe exprobrarão impertinencias de sestro racionante, imagens desgraciosas ou falsas, metaphoras aleijadas, antitheses cansativas, hyperboles characteristics de requintado gongorismo.

Sob a pressão dos maiores revezes não se atira o repentista, com ares de allucinado, para as regiões tetricas do desespero, pondo-se fóra do genero humano e do senso commum. Ninguem poderá dizer que o encontrou atacado de *spleen byronico*, ou a vociferar imprecações, cantando a palinodia contra a beldade esquiva, para depois debulhar-se em la-

grimas de arrependimento mulherengo, aos pés do idolo impassivel.

Quando o veterano de Pirajá procura elevar-se na apologia de lances heroicos, ou na contemplação de maravilhas da natureza, não se lhe pervertem os sentidos, nem se lhe obumbra a razão. Não vê o anjo da morte cosendo vastas mortallas, enormes como pedaços rotos do infinito, nem o sol a molhar as barbas no oceano e mostrando a enorme cicatriz do gozo; não ouve a eternidade dialogando á immortalidade atravez dos infinitos azues, nem o vento do passado a rugir pelos mares sepulchraes; não saboreia o acre rubor das carnes ideaes, nem sente os effeitos contagiosos da volupia que se apodera de tudo, da brisa, da flor, da estrella e até de Deus! não apalpa nomes tão grandes que nem cabem na mão do tempo, entre cujos dedos aliás quebram-se nações e seculos; não leva a theoria da arte pela arte ao ponto de sacrificar a

idéa aos rigores luxuosos da fôrma; não se refugia do seculo actual nas priscas eras da Scandinavia, da Héllade e da India; não vae acampar acima dos astros para de lá condoer-se da terra, pobresinha! reduzida á condição de

insecto friorento
dentro da flor azul do firmamento
cujó calix pendeu.

Estas e outras sublimidades não têm que invejar o sobrenatural dos contos de Hoffmann, dos monstros ante-diluvianos, das lendas da edade média, dos sonhos e delirios de povos orientaes, sob a influencia do *hatchis* e da superstição mais propensa a tramoias e bruxarias.

Não nos abalancemos, porém, a entrar nos dominios de phantasias tão ricas e poderosas. Deus nos livre da minima irreverencia para com os maiores idolos da actualidade e seus fieis adoradores.

Já se nos afigura vel-os iracundos, mi-

nazes, de sobrecehos carregados e medindo-nos com a desdenhosa arrogancia d'aquelle hespanhol que, borrifado pela onda, não enguliu, de um só trago, o oceano, por não acabar com a navegação.

Retomemos, pois, o nosso rumo terra a terra, antes que algum bando de condores venha sobre a transviada andorinha que tentou acompanhar-lhes os surtos.

XVIII

Qual a influencia posthuma de Moniz Barretto? Que é feito de seus discipulos ou dos productos d'estes? Perguntam certos observadores, levianos e malevolos, com ares de menoscabo.

Cumpre-nos responder. Da pleiade bahiana, que teve por mestre o repentista, uns foram arrebatados pela morte, outros se ausentaram da terra natal, visando mais largos horisontes, na carreira politica, e outros lá se deixaram ficar, incompativeis — no arduo sacerdocio da medicina — com o sereno culto da poesia.

Se, porém, extinguiu-se, ao cabo de vinte annos, tão vivificante convivencia intellectual, ainda hoje se recommenda em luminosos vestigios no theatro de

Agrario (*) e nas bellas collecções de poesias, dadas a lume por Laurindo Rabello, Rodrigues da Costa, Franklin Doria, Ayres Freitas e Augusto de Mendonça.

De todos esses companheiros, optimos irmãos d'alma, que encontrara no caminho da vida o sociabilissimo ancião, só lhe restava, em 1868, o dilecto e grato Mendonça, destinado a honrar-lhe a memoria e a sobreviver, na Bahia, aos triumphos da *escola condoreira*, tão ephemera, não obstante a radiosa imaginação, veramente genial, do sympathico autor das *Espumas fluctuantes*.

Não ha duvidar que, para aquella provincia foi muito mais duradouro e benefico o eclectismo de Moniz Barretto, do que o ultraromantismo do mallogrado Castro Alves, certamente digno de re-

(*) Alem da tragedia *Calabar*, produziu Agrario de Menezes os dramas *Mathilde*, *Os miseraveis*, *O dia da Independencia*, *Bartholomeu de Gusmão*, e as comedias *O retrato do Rei*, *Os contribuintes* e *O dia da eleição*.

presentar-se ainda hoje por melhores e mais numerosos proselytos.

Não é suspeito quem escreve estas linhas, pois que já deu provas de espontaneo apreço a tão distincto comprovinciano, rendendo-lhe fervorosa homenagem á beira do tumulo na terra que lhe foi berço, e, dez annos depois, no Rio de Janeiro, associando-se ao cortejo festival da posteridade, attrahida para o cantor altiloquo d' *Os escravos*.

Seja-nos licito agora perguntar :

Qual o movimento litterario que tenha influido definitivamente n'este vasto Imperio, ou que atteste a indeclinavel supremacia de um homem de lettras para orientação da mocidade estudiosa e para acoroçoamento de quantos procurem nacionalisar a litteratura no Brazil ?

Não conhecemos factos ou individualidade bastante para uma resposta affirmativa.

Admittidos, porém, nas vicissitudes lit-

terarias do nosso paiz durante este seculo, diversos periodos, assignaveis pelas tendencias caracteristicas da escola dominante, ou pelo apparecimento de vultos extraordinarios, desejamos saber onde estão os dignos successores de Bazilio da Gama, Gonçalves Dias e José de Alencar.

Com os preciosos modelos, deixados por esses brasileiros proeminentes, não vemos producções nacionaes que resistam a rigoroso confronto, nem que denotem o minimo progresso na esphera do poema, da poesia lyrica, e do romance.

Do theatro nem isso diremos, porquanto ahi é bem visivel a decadencia, explicavel, segundo juizes competentes, ou porque o gosto se depravou, á falta de auctores perseverantes, idoneos, ou porque estes arripiaram carreira, desanimados com a depravação do gosto.

Longe iriamos, se quizessemos esmerilhar tão importantes questões, sem esperanza de convencer os que opinam de modo inteiramente contrario.

Em que peze a optimistas, relevem-nos mais esta expansão :

No estado actual de nossa patria, estado que se nos afigura transitorio para o desconhecido, não ha influencia perduravel (*). Os mais nobres impulsos não encontram condigno apoio na minoria pensante, cada vez mais subdividida por forças que actuam em sentidos oppostos, enquanto reina glacial indifferença na maioria do povo, massa inerte, constituída por analphabetos, escravos, indigentes e egoistas. Por muito que pareça expandir-se e identificar-se o organismo social com as mais bellas conquistas da civilisação, para quem o observe a fundo, reduz-se tudo a exterioridades vans, a illusorias apparencias, em summa, a condições de vida pouco mais que vegetativa. Uma ou outra vez, quando succede agitar-se o espirito publico, a favor de grandiosa

(*) Exceptua-se o dinheiro.

idéa que se levanta ou em torno de algum heróe que tombou no sepulchro, é tão momentaneo o phenomeno! Bem apreciadas as cousas nos insignificantes effeitos do exaltamento popular, logo se reconhece que apenas foi chamma de phosphoro esse insolito ardor da opinião, que apparentava resistencia de aço. Á vista de tão lastimavel entorpecimento ou hyposthenia moral, só não esmorece a audacia de certos pygmeus que, impando de orgulho, pretendem illuminar e encher o vazio deixado por uma geração de preclaros gigantes!

Só o mais ingenuo optimismo deixará de reconhecer a tristissima verdade, magistralmente descripta na seguinte apreciação de emerito observador:

« A seara da mediocridade estende-se e prospera na sua florescencia esteril; o sentimento patriotico abafa sob uma atmospherá de calmaria podre; e, de cada vez que o sulco da grande fatalidade rasga

as sombras d'este horisonte e desce ao seio do nosso mundo politico, é para fulminar um dos raros restos da estirpe extincta dos fortes. A patria de nossos paes desaba com elles; a vida publica vae perdendo todas as suas grandes eminencias, para não continuar d'ahi em diante senão á superficie da terra, á surdina, entre os vermes, debaixo das folhas mortas. » (*)

Se máo grado o empenho de rarissimos cidadãos, ainda vigilantes nos altos postos do Estado, o presente vae se tornando cada vez mais refractario á irradiação do passado opulento de inexcediveis modelos — no bom senso do invicto Caxias,

(*) Palavras do conselheiro Ruy Barbosa, escritas sob a profundissima impressão do inopinado fallecimento de José Bonifacio, esse luzeiro magnetico da tribuna parlamentar, essa reencarnação mirifica e synthetica dos Andradas, esse divino atalaia, que ainda fazia frente a todos os demolidores da patria, e cujo irremediavel desaparecimento redundava em privação do melhor conforto, da mais nobre resistencia a tantas calamidades nacionaes, que nos estão inspirando este lamentoso capitulo.

na franqueza do intemerato censor Zacarias de Vasconcellos, no labor philantropico do colossal Rio Branco; se, de dia para dia, baixa o nivel moral do paiz, á medida que se alarga o campo das ambições pessoaes, em detrimento da collectividade; se o mal se apresenta com indicios gravissimos na politica sem principios, na sciencia que divinisa a materia, na instrucção que apenas ensina a empolgar pergaminhos, no luxo em que se trahe a pobreza envergonhada, na religião que procura esconder-se, nas bellas-artes que não encontram sahida a seus productos, na litteratura que se distingue pela ausencia, e na liberdade licenciosa, que desrespeita os symbolos mais venerandos, já não é possivel manter-se publicamente o culto da poesia, com aquelle fervor tão consentaneo á indole de Moniz Barretto.

Não admira, portanto, que seja hoje nulla a influencia do repentista, cuja vida, além de resignar-se á obscura posição

official, circumscreveu-se aos horisontes de uma provincia, onde só quem o ouvisse, nos éstos da facundia e nos raptos da inspiração, poderia avaliar-lhe os dons magneticos da natureza privilegiada.

Infelizmente não se podem legar ou **transmittir** semelhantes dons, embora os **alardêem** pretensos continuadores. Isto posto, não é de pasmar que se apagassem o fogo das ovações com o desaparecimento do idolo.

Admira, porém, que os versos do **improvisador**, traços igneos fixados no papel, conservem ainda hoje a mesma frescura, o mesmo brilho e o mesmo vigor, que ostentaram no momento da concepção.

Comquanto juizes competentes equiparem o improvisado, passada a febre do entusiasmo, a uma arvore frondosa, colossal e exuberante dos tropicos, reduzida a arbusto rachitico, depois que a transplantam para climas e terras inhos-

pitos, não se confirma o simile na mór parte das producções repentinas de Moniz Barretto.

Ao cabo de longos annos, é ainda luzeiro o que parecia relampago; o que se afigurava bronze de Coryntho não ficou reduzido, pelos rigores do tempo, a detritos de argila pintada; os applausos do auditorio não mentiram na ebriedade da admiração, nem o poder da critica alcançará depreciar bellissimos trabalhos, que trazem o cunho do genio.

XIX

Entre centenaes de peças, fundidas de um só jacto em moldes antigos ou modernos, e de accordo com as exigencias da apologia ou da satira, muitos sonetos do repentista bahiano, pedindo meças a productos congeneres de Bocage, Camões e Petrarca, resistem ao mais severo exame, quando não excedam a expectação, com o parecerem a rigoroso confronto obras tão meditadas quanto as mais detidas meditações. (*)

Coteje-se, por exemplo, o soneto *Christo no Golgotha*, com o soneto *Isto é amor e d'este amor se morre*.

(*) Entre os poetas actuaes do Brazil só um pôde reputar-se, como sonetista, digno continuador de Moniz Barretto. É Luiz Guimarães. Este, porém, se vae publicando tantos e tão mimosos sonetos, não os improvisa.

Um foi inspirado e escripto no profundo recolhimento de fervoroso catholico, absorto na paixão do Divino Mestre.

O outro, que se afigura tão pensado quanto as patheticas estancias de Gonçalves Dias, produzidas no remanso do gabinete e sob o titulo *Se se morre de amor*, irrompeu dos labios de Moniz Barretto, sob a pressão do momento, a pedido de seductoras damas, agrupadas em torno do improvisador para lhe ouvirem a condigna glosa ao bello verso do egregio maranhense. N'essa occasião o poeta apenas teve tempo de erguer-se, bater palmas, chamando a attenção do auditorio, e repetir o mote. O improvisado sahiu nitido, inteiriço e firme, como se o auctor estivesse a recitar alguma de suas composições mais presentes á memoria.

Apreciemos agora estes sonetos:

Á morte heroica do 1.º Tenente Mariz e Barros

Depois de haver, intrepido, colhido
Novos louros na bellica porfia,
O moço, que da gloria ao Céu se erguia,
Do acaso pela mão cahiu ferido.

Soltar não se lhe ouviu um só gemido
Do peito que em coragem refervia !
Qual nas lides, nas vascas da agonia,
Sorrindo, esmaga o tragador olvido.

Aos filhos, á consorte, ao pae guerreiro,
Sua alma juvenil, de crenças farta,
Manda de amor o verbo derradeiro...

De heróe, na historia, com seu sangue a carta
Lavra, Brazil. ao filho, que, altaneiro
Morrendo, a fama te legou de Sparta !

O cholera-morbus

Qual do seu lar espavorido corre,
Assim livrar-se do flagello crendo ;
Qual d'elle á espera em casa está tremendo ;
Qual geme, qual arqueja, e pena, e morre.

Qual, nos templos, a Deus em vão recorre,
Que lá mesmo o fulmina o golpe horrendo ;
Qual trabalha, aos que soffrem soccorrendo,
E sobre os meios de os salvar discorre

Qual, emfim, recordando a iniquidade
De acções que praticou, vale á pobreza,
Para o indulto alcançar da Divindade.

É o cholera ! o cholera ! Oh tristeza !...
 Um cadaver parece a humanidade !
Um tumulo parece a na'ureza !

Entre a morte e a fé ()*

Vôa por toda parte a morte féra,
 E a fome, unida a ella, investe horrenda !
 A arte, a caridade, na contenda
 Do mal, se é grande, sem proveito opéra.

Ermas duas cidades (quem dissera !)
 A scena afeiam, que se vê tremenda !
 No horror, que a novo horror maior se emenda,
 Só vale a crença que n'um Deus espera.

Sim, sois vós, meu Jesus ! sois vós sómente,
 Em tão negra e medonha tempestade,
 O certo amparo d'esta afflictta gente.

(*) Em nota a este soneto declara o poeta :
 — Improvisado, ao passar em numerosa procissão a veneravel Imagem do Senhor Bom Jesus do Bomfim, trasladada da sua capella para a Igreja da Sé, por occasião do flagello epidemico, em 31 de Agosto de 1855.

Dos homens esquecei a iniquidade ;
Dos filhos se condôa o Pae clemente ;
Meu Deus e meu Senhor ! Perdão ! Piedade !

Ninguem dirá que este improviso em homenagem ao poder de Deus, seja inferior aos dous sonetos, gravados lenta e placidamente no papel, comquanto sob a impressão do heroismo patriótico ou das miserias humanas.

Se, porém, qualquer das tres produções, embora fechadas com chave de ouro, não sobresaie por vigoroso colorido, loçania de imagens e progressão crescente, na idéa e na fórmula, para o magistral desenlace, é que lhes faltou o elemento imprescindível á elaboração poetica do repentista. Decididamente a estreiteza do tempo, imposta pela soffreguidão do auditorio, era o principal incentivo do vate para expandir-se-lhe o estro em conceitos profundos e linguagem pomposa.

Afeito a vencer de chofre os maiores

obstáculos, não se dava por triunphante o improvisador, ainda quando as composições mais extensas e de rigorosa concatenação lhe faziam exceder o prazo de alguns minutos, escrupulosamente concedidos ao brioso estro.

« Quantos ahi não dariam por improvisada esta glosa, feita em menos de um quarto de hora, na casa do Sr. Barão de S. Francisco? »

Tão franca e exemplar declaração, estampada na pagina 119 dos *Classicos e românticos* (volume II) constitue mais um titulo de honra para o character do repentista, sem diminuir o merito das seguintes decimas que a motivaram.

Grande da terra orgulhoso,
Que de pompas rodeado,
Julgas ter submisso o fado
A teu querer poderoso !
Vê que esse fado acintoso
Póde humilhar-te n'um dia ;
Escuta a voz que te envia

Teu Senhor: « Homem sem sizo,
Da sorte no tredo riso
Infeliz de quem confia ! »

Sim — esse riso mudavel,
Logo em desdem convertido,
Logo em odio desabrido,
Do grande faz miseravel.
D'esta lei inalteravel
Só nos forramos co'a morte.
Mal d'aquelle que, do norte
Da san razão desvairado,
Desce á campa embellezado
Não falso sorrir da sorte !

Na vida em nada firmeza
Acha a triste humanidade ;
Só dos homens na egualdade,
Só na virtude ha certeza.
Quando pela natureza
Attento as vistas espraio,
Em tudo engano, ou desmaio
De curtos prazeres leio :
Brotam serpes niveo seio ;
Branca nuvem cospe um raio ;

Relva, que mais prende os olhos,
Vibora esconde fatal ;
O mais formoso arraial

Tem perto syrtes, escolhos ;
Junto a delicias — abrolhos
Planta p'ra os homens a sorte ;
Fel — no mais doce transporte —
Rota a jura, bebe o amante ,
Roto o lenho, ao navegante
Manso o mar tambem dá morte ()*.

Incorreríamos em falta maior, se com receio de faltar ao plano traçado n'este desprezencioso estudo, não divulgassemos aqui mesmo certas qualidades peculiares de tão raro engenho.

Espirito habilissimo em repartir-se entre quantas bellezas lhe entrassem pelos ouvidos e as novidades que produzisse no intuito de encantar seus ouvintes, Moniz Barretto sabia, de relance, e por mais rapidos que fossem os oradores ou poetas, apanhar-lhes o melhor verso ou pensamento, para, logo em seguida aos victoriados auctores, e a titulo de sincera

(*) Tão conceituoso mote veio a lume no *Panorama*, folha portugueza.

homenagem, devolve-o perfeitamente desenvolvido e abrilhantado.

Assim aconteceu, quando, em outeiro litterario e fructuoso do *Gymnasio Bahiano* (*) revelou-se poeta, aos 13 annos, o alumno Ruy Barbosa, hoje laureado parlamentar e indefesso propagador das mais nobres conquistas do ensino. Finda a victoriosa recitação do inspirado menino, succedeu-lhe immediatamente na tribuna o vate ancião, restituindo-lhe num primoroso soneto este verso condigno :

Só não morre a virtude a intelligencia.

Emquanto o leitor vae á pagina 275 reler a glosa magistral, influida pelo desabrochar de precoce talento, registre-se outra prova de tão caracteristica e passmosa tendencia para o improviso. D'essa vez o incentivo proveio da eloquencia religiosa, sob o influxo de edificantes recordações, no recinto do templo.

(*) Collegio excellentemente dirigido pelo Dr. Abilio, actual Barão de Macahubás.

Prégava, ante numeroso e commovido auditorio, na cathedral de S. Salvador, Frei Raymundo Nonato da Madre de Deus Pontes, honrosissimo discipulo e successor do padre mestre João Quirino Gomes, um dos luzeiros do pulpito bahiano.

Era objecto do grandioso panegyrico o sabio e venerando Arcebispo D. Romualdo, cujo deplorabilissimo passamento alli se commemorava com todas as honras devidas ao Metropolitano e Primaz do Brazil.

Achava-se presente o repentista, fiel e grata ovelha do egregio e suffragado pastor.

No exordio de sua oração funebre assim se enunciára o eximio prégador *Eu não venho assestar contra a morte amargas queixas.*

Colhido o aureo verso na prosa poetica do eloquente franciscano, foi quanto bastou para que se coroasse a mestria

oratoria de Frei Raymundo com este adequado soneto :

Ouvi-te, ouvi-te, prégador facundo
 No sacro encomio do Pastor finado :
 Pela tua eloquencia arrebatado
 Todo ficára. se te ouvisse o mundo.

Emquanto á voz do oraculo profundo
 Sentia-se o auditorio escravisado,
 No Céu folgava o immortal Prelado,
 E applaudia Quirino ao seu Raymundo.

Nos corações da triste humanidade
 Tuas sagradas, lugubres endechas
 Matam a pena, ameigam a saudade.

Cheio da luz, que em teus ouvintes deixas,
 Não pôde — quem já crê na Eternidade —
Assestar contra a morte amargas queixas.

Se nos remontarmos a 1840, a essa data que assignalou-se nos fastos da historia patria por um lance de fino tacto politico e de significativo alvoroço popular, veremos, no theatro da Bahia, elevado ás proporções do Agora, por occa-

sião dos festejos á maioridade, servir-se de identico recurso o repentista. Associando-se brilhantemente em seu ardor democratico á victoria da revolução pacifica, tão propicia á integridade nacional, quão decorosa para a monarchia, improvisou Moniz Barretto duas glosas rutilantes, grandiloquas, comquanto de artificio mythologico, e de vaticinio patriotico, por demais emphatico para a epoca actual:

Prole de Reis d'Heròes, Pedro Segundo!

Tal endecassyllabo, impellido de enthusiastico soneto, emquanto o recitava de um dos camarotes o Dezembargador Oliveira Junqueira, foi a poderosa chispa que, ateando o incendio no éstro do repentista, deu causa á explosão da platéa, arrebatada por estes versos:

- « Acuda-se ao Brazil! — grita a prudente
 « Assembléa fiel á Monarchia —
 « O Monarcha menor nem mais um dia.
 « O Monarcha maior salve esta gente. »

Cumpriu-se o voto: sóbe ao throno ingente
 Pedro Segundo, e quando este assumia
 Poder que n'outras mãos esmorecia,
 Jove bradou do sólio refulgente:

- « Curvai-vos, Povos do universo inteiro!
- « O Brazil se alevanta e vae no mundo
- « Tomar — mau grado vosso — o grau primeiro;
- « Já rege os fados seus saber profundo;
- « Tem por monarcha um Filho, um Brasileiro,
- « *Prole de Reis, d' Heróes, Pedro Segundo* ».

Por menos disposto que estivesse o
 duende da improvisação, para tiroteios
 de espirito, jamais se furtava o poeta a
 negar ou affirmar perguntas, chistosa-
 mente feitas de afogadilho e, para bem
 dizer, sacadas da algibeira.

Eis uma das taes:

Como pôde amor ser fogo,
 Se Venus nasceu do mar?

—

Bradou Moema a Diogo,
 Já no transe de perdel-o:
 « Se és para mim tão de gelo,
 « *Como pôde amor ser fogo?*

« Vais-te, cruel, do meu rogo
« Zombando e do meu penar! —
« Mas ah!... porque de te achar
« Tão frio me maravilho,
« Se Amor de Venus é filho,
« *Se Venus nasceu do mar?* »

Não era menos feliz a promptidão do vate em torcer o sentido de um mote, para contrapôr-se galantemente á modestia da belleza idolatrada, ou refutar injustiças do sexo fraco ao sexo forte, ou dissuadir pretenções grotescas e impertunas.

Molha esta flor, jardineiro,
Que está murcha como eu.

Ouvindo taes palavras, sinceras ou não, foi obra de um momento, na seguinte glosa, contestar Moniz Barretto, com a maior gentileza a inexacta asserção de uma donosa senhora, que tanto o inspirava com o viço de outra Ninon de Lenclos, e já se tinha em conta de flôr

emmurhecida, ella cada vez mais exuberante de graças aos olhos de seu fidelissimo thuriferario:

Da formosura o, lizeiro,
 No seu jardim passeando,
 Disse, uma flor contemplando :
 « Molha esta flor, jardineiro ».
 Das Graças um mensageiro,
 Que, ao vel-a, empallideceu,
 « Esta não — prompto occorreu —
 « Que é viçosa imagem d'ella.
 « Jardineiro, molha aquella,
 « Que está murcha como eu ».

Não poderia sahir-se melhor do embaraço quem, já experimentado em situações não menos difficeis, triumphara pe-remptoriamente do feminil despeito, opondo-lhe magistral desmentido. Sirva de exemplo a colcheia, glosada a este mote de uma senhora fluminense :

*Os votos, que os homens fazem,
 São mais ligeiros que o vento.*

Com elles na campa jazem,
 Respirando inda verdade ;
 Duram té na Eternidade
Os votos, que os homens fazem.
 Mas, as mulheres, que os trazem
 Só no leve pensamento,
 Os esquecem n'um momento ;
 E seus protestos de amar
 São mais incertos que o mar,
São mais ligeiros que o vento ()*.

Se era tão afortunada aquella imaginação em não descer ou destoar dos mais graves assumptos, não o era menos, quando lh'o permittia o ensejo; para submeter o auditorio a subitaneas transi-

(*) Para consolo do bello sexo appareceu mais tarde a seguinte desforra, attribuida a uma senhora:

As mulheres só se aprazem
 Em ser constantes, ser puras ;
 Contrastam com suas juras
Os votos que os homens fazem.
 Pois estes impios só trazem
 De traições o negro intento ;
 N'elles tudo é fingimento ;
 E seus protestos falsarios
 São mais que o jogo precarios,
São mais ligeiros que o vento.

ções, arrastando-o insensivelmente do serio para o faceto até afinal descahir no chulo.

Entre outros factos, confirmativos de tão precioso dom, merece especial menção o seguinte. Reinava o prazer sob os tectos de hospitaleiro domicilio, situado á beira-mar, em o Montserrat.

Bem diversa dos folguedos e saraus hodiernos, só apraziveis para dansarinos, jogadores, comilões e maledicos, essa jovialissima convivencia, em tão pittoresco arrabalde, encontrava no poeta os attractivos sobre-excellentes da noite. No meio dos admiradores de Moniz Barretto avultava um frade carmelita, extremamante sympathico, folgazão e tolerante, que sabia dividir-se entre a vida secular e o convento, mas incapaz de preferir ao remanso da cella o bulicio de salões frequentados por impios e parvos. Entre as senhoras mais sequiosas de ouvir o repentista distinguia-se, pelo desembaraço da loquela e calor do enthusiasmo,

uma sexagenaria loureira e arrabicada, que não se fartava de elogios e cumprimentos, disputando a todas as moças a posse do heróe. Este já não sabia como livrar-se da importuna tagarela, que se lhe apegava qual ostra a rochedo, quando Frei José de Santa Escolastica, influido pela assequencia de lindissimas glosas, contribuiu innocentemente, n'um chistoso mote, para subtrahir-se o improvisador aos galanteios da velha.

Ahi vão algumas colcheias, consecutivamente improvisadas aos versos do reverendo e acolhidas com geral applauso:

*Amor em dourada taça
Amargos venenos dá.*

--

Mais feliz a humana raça
Fôra, se a ella coubesse,
Que sempre nectar lhe dêsse
« Amor em dourada taça ».
Mas tal bem, tamanha graça
Quem alcançar poderá?

Amor é cruel Bachá,
Que zomba da creatura ;
A troco de uma doçura
« Amargos venenos dá ».

Quando, meigo, almas enlaça
Nas prisões da sympathy,
Dá mil doçuras, n'um dia,
« Amor em dourada taça ».
Mas d'este rei na desgraça
Quem de cahir fugirá?...
Bradando a exp'riencia está
Com factos, que causam medo :
— Amor, mais tarde, ou mais cedo,
« Amargos venenos dá ».

Vi, por entre uma vidraça,
Menina, que me mostrava
Quanto mel p'ra nós juntava
« Amor em dourada taça ».
Eil-a, sorrindo e com graça
Me diz : — Meu Bem, venha cá. —
— O que menina, Eu ir lá?!
Isso não... — lhe respondi ;
O rapaz, que vejo ahí,
« Amargos venenos dá ».

Com esta recusa do poeta ao convite

de ingenua moçoila deliciou-se extremamente a senil vaidade na grotesca senhora, prestes a receber, alli mesmo, do seu predilecto durissimas provas de tão patente e inesperado menospreço.

Só nos mais serios apuros esgotar-se-hia a paciencia do gentil cavalheiro, a ponto de exprimir-se Moniz Barretto com tanta franqueza para com uma representante do sexo fraco, atirando-lhe em rosto a certidão de idade, pondo-lhe a calva á mostra e afugentando-a da sala, após estrondosa hilaridade, produzida por esta bomba satirica :

Disse-me certa carcassa,
 Que inda se enfeita e namora,
 Que bom nectar dá-lhe agora
 « Amor em dourada taça. »
 Isso é jacuba em cabaça,
 Senhora ; enganada está ;
 Isso é talvez vatapá,
 Que lhe dão as cozinheiras ;
 Amor a velhas gaiteras
 « Amargos venenos dá. » ;

Recahindo em si d'aquelle insolito asomo de indignação, e porque a consciencia lhe exprobrasse tão impetuoso desacato ás illusões de fragil creatura, foi o poeta ao encontro de sua desditosa entusiasta, encantoada a desafogar-se em pranto.

Sinceramente pezaroso ante a offendida, cuja lacrimosa queixa era, — *que a tratasse tão mal um homem tão bom*, desculpou-se o accusado até persuadil-a de que não se entendiam com ella os sarcasmos do fulminante improviso.

Como guardar odios contra escravo tão submisso do coração?

Que suavidade de pomba d'envolta com essa altivez de aguia! Character inabalavel ás ameaças do poder mais arrogante, facilmente o desarmavam sorrisos de criança fagueira ou palavras do sentimento varonil. Acima de tudo, porém, o commo-viam lagrimas de silente mágua, ainda quando não orvalhassem roseo semblante

qual o da formosa Dione a interceder pelos heróes portuguezes denunciados no Olympo, ou não empanassem o brilho de olhos feiticeiros como os que lhe inspiraram este quarteto:

Se Ignez tivesse, a miseranda infanta,
Olhos de tanta poesia e luz,
Lá n'esse oásis, que o Mondego banha,
Quebrára a sanha dos algozes crús (*).

Após a reconciliação com a velha enamorada, sentia o repentista ecoar-lhe no fôro intimo esta voz irresistivel: A senilidade não é incompativel com o amor. A flamma divina, acesa no espirito absorto

(*) Esses mesmos olhos lhe foram incentivo para a seguinte decima, improvisada:

Teus meigos olhos distillam
Mel mais doce que o do Hymeto,
Quando exprimem terno affecto,
Depois que vivos scintillam.
Vencem, prostram, anniquillam
Isenções que mais se jactam;
E, quando raios desatam
Contra os que fugir-lhes teimam,
Tanto se acendem que queimam,
Tanto enlanguecem que matam.

em seu ideal, não se apaga sob os rigores do tempo, accumulados nas ruínas do corpo. O amor é a impregnação da essência ineffável do bello a exhalar-se de uma alma para outra, e não o captivo dos sentidos, pelo interesse do prazer, a fôrmas transitorias da vida.

Inteiramente de accordo com estas idéas, tão contrarias á theoria de Schopenhauer, segundo a qual o amor é apenas o instincto da especie ou o principio conservador do typo específico, sobrepuham-se ás contingencias da materia as puras convicções do bardo, assim expressas n'um dos mais apaixonados trechos da poesia *Corina*.

Quando o soão nocivo da doença
Te desbotasse as rosas do semblante ;
Quando o desastre te alterasse as fôrmas,
Mutilando-te, féro, o corpo airoso ;
Quando o genio das trévas, indignado,
Da luz, que tanto o afflige, de teus olhos,
D'elles co'a nevoa espessa de seus antros

O crystalino humor escurecesse,
Duas estrellas mais — roubando ao mundo;
Pallida, embora, mutilada, céga,
Te amaria, meu anjo, e mais ainda :
Da luz, que nos teus olhos se eclipsasse,
Em minha alma calando, o raio extremo
N'ella de amor atearia as chammas.
Poeta, preferi sempre e prefiro
O cultivado espirito á materia.

Firmado na experiencia propria contra os desvarios do estólido materialismo, porquanto augmentava-se-lhe n'alma o pendor innato para a imagem da belleza eterna, ao passo que lhe iam os annos diminuindo a energia corporea, soube Moniz Barretto mostrar o nitido fundo de seu espirito na transparencia de preceitos, igualmente dignos das meditações do philosopho e dos sentimentos do poeta.

Quem não teve a fortuna de tratá-lo de perto, e assim reconhecer quanto se harmonisavam os meritos do homem particular com os dotes publicos do famoso improvisador, poderá ver-lhe expressivos

traços da physionomia moral n'estes carmes tão repassados de genuino platonismo.

O amor do poeta !... Comprehendel-o
Quem sabe hoje na terra ? Retribuil-o
Que peito de mulher no mundo pôde ?

Livro de lingua ignota — o amor do bardo
Não n'ó traduz ninguem, só elle o entende.

O amor do bardo é fogo que, no espirito
Ateado uma vez, jámais se apaga ;
Fogo que abraza e muito, mas não tisna.
E' mystico desejo, que, no gozo
Da ventura ideal que o suscitára,
Quanto mais saciado, mais se inflamma,
E ao coração adduz maior deleite.

E' a essencia extrahida

Dos mais sublimes, candidos affectos
Pela inspirada chimica dos anjos,
Para com ella perfumar as almas.
E a aguia encantada, de mil pennas,
Que, hardida se remonta ao ethereo espaço,
Para n'aquelle oceano de luzes
Lavar do terreo pó as brancas azas,
E melhor vir pousar da amada em torno.

Do poeta o amor, quando ciuma,
 É sempre magestoso, é sempre nobre.
 Mais que o receio da perdida posse,
 Confrange-lhe — o de ver — em horto impuro,
 Pelo sôpro do vicio desbotada,
 A sua flôr mimosa e polluidas
 Das nodoas do indecoro as alvas roupas
 Do anjo de seus sonhos de acordado.
 O amor do poeta é drama onde
 Do fim tragico a victima é só elle ;
 Grande sempre e philosopho o poeta,
 Quando o allucina o amor, não mata, morre.

O amor do bardo affronta precipicios,
 Obra prodigios, se o exige a amante.
 Se o bem d'ella o requer, ve-lo-heis, nas aras
 De heroica abnegação, sacrificando
 O prazer, o porvir, a vida, tudo...

E, então, na fragua ardendo

Do mais cruel dos sacrificios todos,
 Se refunde e converte
 Em puro amor de irmão — o amor do bardo.

O bardo, quando ama,
 Sobre a materia eleva-se, e do corpo
 Só quer o coração. Se este responde
 Fiel ao seu, o que lhe importa o occaso
 Da physica belleza?...

Oh ! o amor do bardo !... Comprehendel-o
Quem sabe hoje na terra ? Retribuil-o
Que peito de mulher no mundo póde ?

Minhas cans, minhas cans, eu vos dou graças !
Amei como poeta e soffri muito...
E hoje soffrêra ainda mais se amasse.
Agora... só no Céu, se lá se ama,
Eu poderei amar... Na terra ingrata
O amor do poeta é planta agreste,
Que só espinhos para elle brota ;
É funerario cirio, que se acende
Para em profano templo alumiar-lhe
O morto coração — aquem da campa.

XX

Quatro annos depois de sepultado o corpo exanime do repentista, encaminhavam-se para a necropole dous irmãos, taciturnos e cabisbaixos.

Eram filhos de Moniz Barretto. Iam trasladar os ossos de tão querido progenitor. Este, que fôra tão prodigo de thesouros, extrahidos da mente e apreciados por todos os seus conterraneos, não deixou cabedaes para se lhe erigir um jazigo perpetuo no cemiterio do Campo Santo.

A ponderosa e impreterivel conveniencia de pio estabelecimento não tardava a reclamar, para outro locatario, o espaço de alguns palmos, occupado pelo cadaver do cidadão que se expuzera a tantos perigos e privações, em defesa do sólo da patria !

O patriota — soldado e poeta — voluntario collaborador da Independencia do Brazil, não ganhara o sufficiente jus á posse definitiva de um pouco de terra, em sua provincia natal, para cobrir-lhe os restos mortaes.

Perante o tumulo de egregio bahiano não era licito dizer como o Dr. Severiano da Fonseca, em paiz inimigo e á beira da sepultura de seu bravo irmão Eduardo:

Sim, dorme, dorme em paz. A pouca terra,
Em que descansas, que te guarda o corpo,
Compraste-a com teu sangue. E' tua. Dorme.

Não havia, pois, remedio senão cumprir-se o religioso e penosissimo dever, para que não fosse profanada, ou confundida com a de misero anonymo, a ossamenta de creatura que tanto se as-signalára nos embates da vida.

Imagine-se o terrifico assombro e profundo abatimento d'esses dous irmãos — igualados pela dôr — espectadores tão es-

tupefactos quão fitos na scena indizível, quando, aberto o ataúde á luz do sol que se expandia na mansão dos mortos, patentearam-se os destroços de _producto divino, reduzido a pulverulento e fuliginoso esqueleto!

Pareceria um sonho a devastação attribuida á voragem da tumba, se a realidade não fosse tão a olhos vista, ao longo d'esses ossos que, embora desconjunctos e esbulhados da carne, ainda esboçavam a configuração especifica de cadaver masculino em decubito dorsal, alli sepulto com um livro á cabeceira (*).

Caprichos da fortuna! N'esse funebre encerro, onde se déra amplissimo pasto aos gusanos, á custa de um corpo sumamente digno de perpetuar-se intacto, só resistiu inteiro aos estragos da terrível decomposição — o livro que, aliás

(*) Um exemplar dos *Cantos da aurora*, primicias litterarias publicadas, em 1868, por quem escreve estas linhas.

insignificante pelo valor proprio, glorificou-se tanto por um dos ultimos desejos do moribundo, cumpridos á risca!

Reagindo contra o inevitavel espasmo da primeira e tão funda impressão, os dous pezarosos irmãos, genuflexos e acercados do feretro, cuidaram de recolher e carinhosamente lavar os tristes despojos do colosso animado, em cujo interior se acendera, para orgulho do finito, a chamma celeste. (*)

(*) Os ossos do repentista foram trasladados, em singela urna de metal, para a igreja matriz de S. Pedro, onde se assignala, aos olhos dos fieis, o seguro deposito de taes reliquias debaixo da seguinte inscripção lapidar:

Restos mortaes
de
Francisco Moniz Barretto
Nascido a 10 de Março de 1804
Fallecido a 2 de Junho de 1868

O passado aqui luz. Christão, não pizes
Esta lousa que, sempre, ha de lembrar
O egregio bardo, espelho de infelizes,
Da patria benemerito exemplar.

Tributo de amor filial.

Quantas lembranças naturalmente suscitadas por aquella piedosa e tacita occupação !

Que pugentissimo escarneo, atirado á face dos vivos e aos desvelos do amor filial pela ineluctavel potencia da morte!

Nenhum signal do cerebro, onde ardêra o Vesuvio da imaginação poetica ! Nenhum indicio da lingua, por onde rolava o Niagara da palavra ! Nem sequer uma particula do coração, em cujas fibras com tanta magia, vibravam as cordas de lyra immensa, tão afinada para as paixões mais grandiosas como para os mais suaves affectos !

Se no composto humano, — inexplicavel harmonia de espirito e materia, se resumem todas as maravilhas do Cosmos, quer pela multiplicidade e combinação variadissima dos orgãos corporeos, quer pelo brilho e transcendencia das funcções animicas, porque operar-se assim pela morte o mais horripilante vazio — no rompimento de tão prodigiosa dualidade?!

Irrevogaveis decretos do Altissimo !...

Este lamento afigura-se, ás vezes, tão razoavel, quanto seria inutil negar os beneficos effeitos produzidos pela contemplação de seculares ruinas, que attestam cabalmente o esplendor, a força e a opulencia da natureza ou da arte.

Pelos areaes do Sahara poderá o archeologo tomar as dimensões de um mar interior que se extinguiu.

Que palpaveis e amplos incentivos para o mais insigne artista, embebido nos magestosos restos de Thebas, de Palmyra ou de Herculanium !

Não ha de que exprobrar ao sensualismo da saudade, mórmente quando a instigam sinistras consequencias da morte.

Protestem, muito embora, os sinceros adeptos do transformismo, os quaes se consolam ou se comprazem na idéa de que, morto o homem, se-decompõe, sem perda de molecula, n'um tanto de alimaria,

de planta e de pedra, sobrevivendo o individuo moral— nos lumes que espargiu em prol da collectividade. É forçoso reconhecer que tão positiva doutrina, por mui plausivel que seja, não suppre a falta d'essa voz que nos despertava da mais sombria tristeza, d'esse rosto que empalidecia diante das nossas lagrimas, d'esses olhos que sabiam devassar o fundo de nosso pensamento, d'esse franco sorriso que nos dispunha para o bem, d'esses braços que nos continham, cingindo-nos em doce amplexo, á beira do abysmo, d'essa propicia mão que nos abençoava, em summa, d'essa pessoa incomparavel, cuja presença era tão necessaria para a respiração de nossa alma.

Assim pensavam os dous saudosos filhos

(*) Muito mais consoladora que as theorias de Darwin, Vogt, Hæckel e outros, era a pratica dos antigos egypcios que, adstrictos ao culto da fórma, obstavam aos estragos da morte, gravando, para bem dizer, na petrificação dos cadaveres de seus heróes, os derradeiros lampejos da alma, ao separar-se do corpo.

de Moniz Barretto, ao sentirem tão fundo o êrmo da orphandade quão vehemente lhes vinha o desejo de restituir á vida o prezadissimo pae, fosse qual fosse o preço.

Permittisse o Omnipotente, e para a reencarnação d'aquelles ossos—até recompor-se em corpo e alma a tão memoravel individualidade, prestar-se-hiam os dous irmãos com o mesmo fervoroso desprendimento da prole do faminto Hugolino, celebrisada pela phantasia de Alighieri n'estas sublimes palavras :

.....tu ne vestisti

Queste misere carni, e tu le spoglia.

Taes anhélos e recursos de sobrehumana abnegação só os concebe o desvario de acerbos trances, ou o arrojo do poeta que atravessa mentalmente o inferno para estigmatizar os mais nefandos crimes, ou evoca e desperta do tumulo os idolos de immorredouras afeições.

Ai do homem, se o não alentasse a idéa de outra vida melhor, graças á esperança beatifica, pela qual se affirma, intuitivamente, com a noção da justiça divina a immortalidade d'alma !

Fallou Deus na mente do poeta, quando Horacio escreveu este apophthegma :

*Non omnis moriar multaue pars mei
Vitabit Libitinam.....*

E o espirito humano, tendendo ao supremo ideal, mediante o progresso continuo, indefinido, e sem perder de vista a completa harmonia que deve existir entre a virtude e a felicidade, sobreleva-se aos rigores da morte—n'esta convicção, categoricamente expressa por Victor Hugo :

« Se o homem se consumisse inteiramente no sepulchro, não valeria a pena viver. »

O repentista brasileiro, o cysne bahiano, preso, durante mais de meio seculo, á terra onde nasceu, e ahi habituado a sup-

prir com os recursos proprios as deficiencias de sociedade pequena, á vista de natureza tão grande, sentia-se attrahido para a immortalidade com a mesma avidéz do poeta immenso d'*A legenda dos seculos*, essa aguia que teve por ninho a França, por despertador quotidiano o bulicio social da Europa, por adversario um Imperio e todos os inimigos da luz, por objectos de exemplarissima predilecção os innocentes e os desgraçados, e que volveu para o Infinito, depois de haver assistido á sua apotheose na capital do mundo culto.

Dentro dos limites que lhe foram traçados n'esta vida, Moniz Barretto correspondeu perfeitamente á missão providencial dos genios.

Viveu para a familia, para a patria e para a humanidade.

Cantou, de modo condigno, para todas as fôrmas do bello, resistindo á lei pela qual se apaga, d'encontro á frieza da realidade, o fogo da imaginação, como

geralmente succede e assim o assegura
Leopardi:

A noi ti vieta
Il vero, appena é giunto.....
O caro immaginar ; da te s'apparta
Nostra mente in eterno : allo stupendo
Poter tuo primo, ne sottraggan gl'anni ;
E il conforto peri de'nostri affanni.

Despindo-se, afinal, das prisões da carne,
restituiu-se a Deus — fonte da sempí-
terna verdade — o sequioso espirito do
bardo christão, levado pela crença que
lhe fazia dizer, á beira dos tumulos :

Só depois que morre,
O homem se completa e feliz vive.

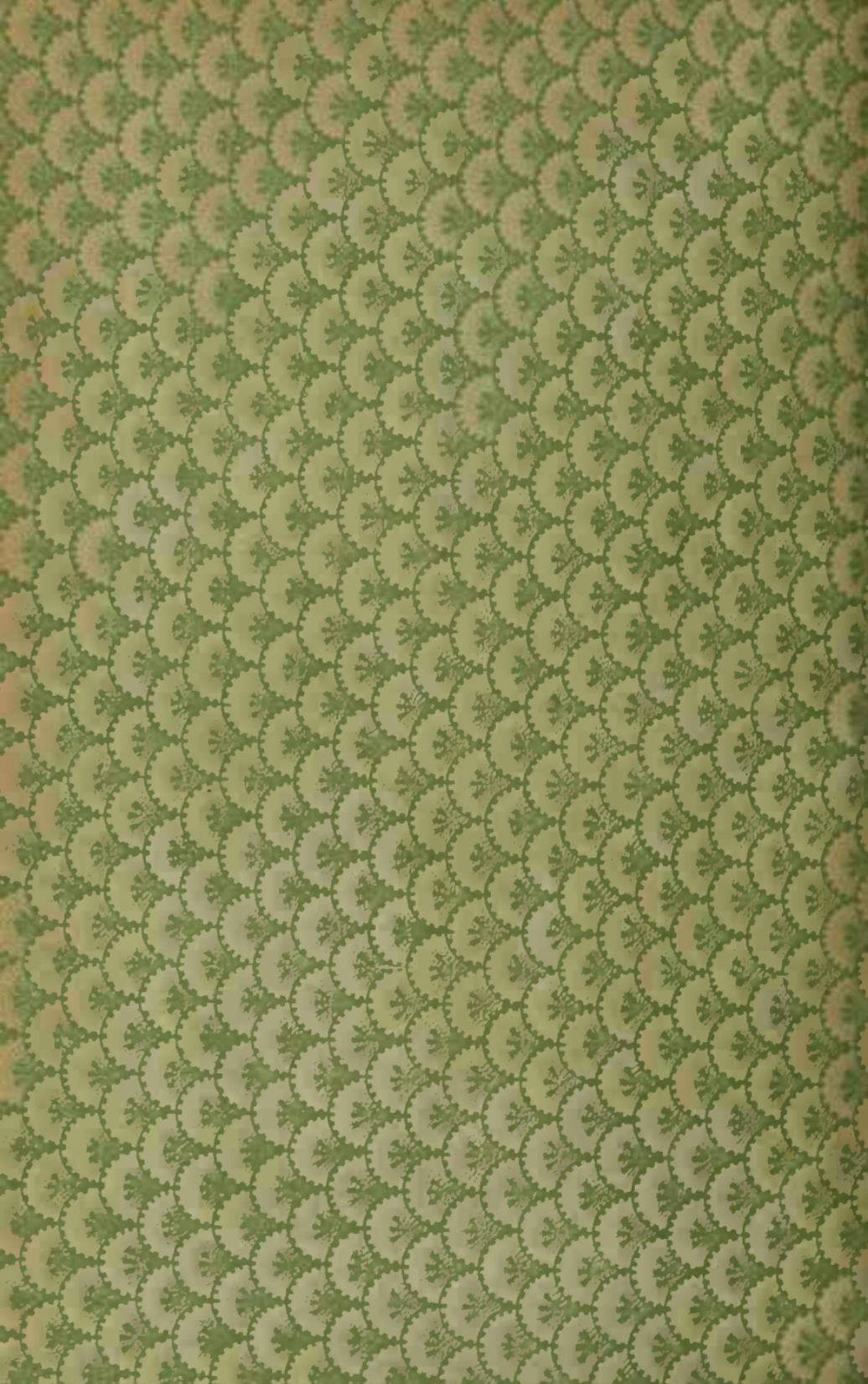
Gloria ao redívivo !



CORRIGENDA

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Em vez de</i>	<i>Lêa-se</i>
29	18	ou needade,	ou needade.
30	10	persistem	persistam
43	23	constrictos	contritos
71	23	Defender os patrios lares	Pelo Brazil dar a vida
74	22	A capital, primitiva	A capital primitiva,
90	14	imorredoros	imorredouros
114	23	equibram	equilibram
151	17	da narraçãõ	da imaginaçãõ
152	1	com a imaginaçãõ	com a narraçãõ
162	6	expressibilissimo	expressivissimo
162	10	acto continuo	em acto continuo
193	21	Hajam vista os horripilantes	Haja vista dos horripilantes
207	23	sequestrou-se	segregou-se
277		XVI	XVII
211	20	Á corrupçãõ	A corrupçãõ
215	10	E mal	É mal
216	4	E de mel	É de mel
219	7	E o polvo	E o povo
243	20	instancias	estancias
280	13	o realismo	o naturalismo.

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, RUA DO OUVIDOR 31







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).